

Revista **Teopraxis**



Liturgia em tempos de pandemia

Volume 37, número 129, Jul./Dez./2020

ISSN online 2763-5201

Imagem da Capa: DUCCIO di Buoninsegna. *Agony in the Garden*. Tempera on wood, 51 x 76 cm. Museo dell'Opera del Duomo, Siena.
Web Gallery of Art. Domínio Público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=15453129>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

T314

Revista Teopraxis, vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA, 1984 -v. vol.37 - n°129, Jul.-Dez./2020. Semestral.

ISSN:1677-860X versão impressa

ISSN:2763-5201 versão eletrônica

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-ITEPA

Catalogação na fonte: Bibliotecária Valderes de Rezende - CRB 10/2588

Diretoria do Itepa

Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini – Diretor Executivo
Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero – Vice-Diretor Executivo
Dr. Pe. Clair Favreto – Administrador – Tesoureiro
Ms. Pe. Jair Carlesso – Secretário

Editor-chefe

Dr. Pe. Clair Favreto

Co-editores

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis
Ms. Selina Maria Dal Moro
Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini

Conselho Editorial

Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin
Dr. Claudio Almir Dalbosco
Dr. Frei Luis Carlos Susin
Dra. Maristela Dal Moro
Dr. Pe. Leo Konzen
Dr. Pe. Clair Favreto
Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon
Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero
Ms. Pe. Jair Carlesso
Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini
Ms. Selina Maria Dal Moro

Revisão

Dr. Pe. Clair Favreto
Ms. Selina Maria Dal Moro

Diagramação

Edimar Scopel

Secretariado Geral

Instituto de Teologia e Pastoral - ITEPA
Revista Teopraxis
Rua Senador Pinheiro, 350
Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS – CEP: 99070-220
E-mail: revista@itepa.com.br
Site: <http://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis>
Fone: (54) 3045 6272

SUMÁRIO

Editorial	7
<i>Dr. Pe. Clair Favreto e Ms. Pe. Rene Zanandréa</i>	
Das diferentes crises à Pandemia da COVID 19 a Humanidade doente e o caminho de cura proposto pelo Papa Francisco.....	13
<i>Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis e Dr. Armando De Negri Filho</i>	
Como ser Corpo Místico e Assembleia Litúrgica na pós pandemia	35
<i>Prof. Dr. Andrea Grillo</i>	
Eucaristia em tempos de pandemia Considerações de um pastor.....	49
<i>Dr. Dom Hernaldo Pinto Farias</i>	
Eucaristia: fonte e cume da vida cristã “Tomai e comei, fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19)...	61
<i>Dr. Pe. Rogério L. Zanini e Pe. Claudir Meoti</i>	
Liturgia das Exéquias em tempos de pandemia	83
<i>Dr. Pe. Clair Favreto</i>	
As orações do Missal Romano em tempos de calamidades	105
<i>Ms. Dom Aloísio Alberto Dilli</i>	

O espaço da celebração em tempos de isolamento social.....115

Ms. Ir. Penha Carpanedo

A oração em tempos de distanciamento social..... 121

Ms. Pe. Rene Zanandréa

Canto e Música Litúrgica

como cultivar uma espiritualidade unificadora em meio aos desafios da pandemia?..... 143

Ms. Eurivaldo S. Ferreira e Frei Telles Ramon, O. de M.

O digital e a vivência da fé

(re)descobertas em tempos de pandemia.....157

Dr. Moisés Sbardelotto

EDITORIAL

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.5>

A Sacrosanctum Concilium, documento do Concílio Vaticano II que reflete sobre a liturgia, traz duas questões muito importantes e que queremos recordar. A primeira delas retoma a importância da liturgia para a Igreja: “...a Liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força...” (SC 10). A vida da Igreja, portanto, tem sua centralidade na liturgia. Dela emana a força e ela se torna o ponto mais alto da Igreja. No mesmo número encontra-se, também, o que os cristãos, isto é, os batizados, devem fazer na liturgia: “reúnam-se em assembleia, louvem a Deus na Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor” (SC 10).

A outra questão importante a encontramos mais adiante quando o documento aprofunda sobre o Mistério da Eucaristia e indica o modo como os cristãos devem se relacionar com Ele. Esta tarefa é atribuída à Igreja: “...a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente...” (SC 48). O mesmo parágrafo também indica como se dá esta participação. Para isso é preciso que os cristãos sejam iniciados aos ritos e orações, instruídos pela palavra de Deus, frequentem a mesa e alimentem-se do corpo do Senhor, deem graças e ofereçam sua vida a Deus (Cf. SC 48).

Os dois parágrafos resgatados e colocados em relação nos ajudam a compreender a importância da liturgia para a vida cristã, mas, ao mesmo tempo, indicam que a liturgia somente se realiza de modo pleno e com participação ativa, quando há uma assembleia reunida, iniciada e consciente dos ritos e orações.



Em tempos de pandemia, e com a exigência de manter distanciamento social, a liturgia foi a que mais sofreu consequências. As lideranças político-sociais determinaram o fechamento de tudo (ou quase tudo) para evitar aglomerações e a conseqüente propagação do vírus; as lideranças religiosas, conscientemente, acataram as decisões e orientaram os padres e responsáveis para fecharem as igrejas e os lugares de culto; conseqüentemente, os Sacramentos por um bom tempo não foram realizados com as assembleias comunitárias reunidas e os serviços religiosos e pastorais ficaram restritos aos extremamente essenciais.

Diante desta situação nova, abrangente e de difícil compreensão, e até contraditória, houve muita iniciativa e criatividade em propor momentos celebrativos para que o povo de Deus pudesse não se sentir longe de sua comunidade. Algumas iniciativas, porém, não respeitaram os critérios e a compreensão teológica do Concílio Vaticano II. Ao contrário, houve um retorno, em muitas situações, da prática litúrgica pré-conciliar.

A partir destas e de outras questões que foram surgindo, a Revista Teopraxis propôs-se a dedicar um número especial para aprofundar algumas temáticas que envolvem a *Liturgia em tempos de pandemia*. Este número que chega até você leitor quer trazer presente reflexões que envolvem as orações, os cantos, os ritos, o simbólico, as terminologias definidas pelos padres conciliares (Vaticano II), que envolvem as celebrações litúrgicas e que foram afetadas pelo fechamento das Igrejas e pela não participação presencial na liturgia.

Inicialmente temos o texto do padre Ari Antonio dos Reis e do professor Armando De Negri Filho que faz uma relação *das diferentes crises à pandemia da Covid 19: a Humanidade doente e o caminho de cura proposto pelo Papa Francisco*. Com um viés teológico-pastoral, o texto aborda algumas crises da humanidade, principalmente aquelas provocadas pela Covid 19,

e que influenciam a vida humana. Ao mesmo tempo, resgatam as iniciativas de enfrentamento da pandemia, dentre as quais as manifestações públicas do Papa Francisco e suas proposições.

Em seguida, o professor de teologia da liturgia e de espiritualidade litúrgica, em várias faculdades da Itália, Andrea Grillo, reflete *como ser Corpo Místico e Assembleia Litúrgica na pós pandemia*. A partir da fundamentação de documentos oficiais da Igreja o autor aprofunda o sentido dos termos e os relaciona ao contexto que estamos vivendo, sobretudo o de pandemia. De forma provocativa, Grillo resgata alguns parágrafos da Instrução Geral do Missal Romano para mostrar as contradições que iniciativas isoladas provocaram e propõe algumas luzes para as celebrações litúrgicas no pós pandemia.

Trazendo presente algumas observações da experiência da Igreja no Brasil, Dom Heraldo Pinto Farias reflete sobre a *Eucaristia em tempos de pandemia: considerações de um pastor*. O bispo de Bonfim (BA) questiona certas práticas realizadas em algumas paróquias e catedrais, neste tempo de pandemia, que manipularam a Eucaristia e que não condizem com as orientações da Igreja, sobretudo as orientações mais recentes. E propõe a Liturgia das Horas como forma privilegiada de participação no mistério eucarístico.

Aprofundando a reflexão em torno da Eucaristia, os padres Claudir Meotti e Rogério Zanini, aprofundam o tema *Eucaristia: fonte e cume da vida cristã*. No texto, os autores recuperam o sentido das refeições de Jesus relacionando com a refeição eucarística, Sacramento da memória dEle e da partilha comunitária, banquete de vida. Ao mesmo tempo relacionam a Eucaristia ao contexto provocado pela pandemia e recuperam a centralidade dela para os que querem seguir Jesus e colocar sua vida em missão.

O isolamento social provocado pela pandemia comprometeu as celebrações de exéquias. Como provocação, o padre Clair Favreto reflete sobre a *Liturgia das Exéquias em*

tempos de pandemia. O texto aborda a terminologia da Igreja, questiona o modo como a morte é banalizada ou espetacularizada e aprofunda o sentido da morte para o cristão. Pe. Favreto resgata os principais aspectos teológicos da eclesialidade da liturgia exequial, tendo como referência o Ritual das Exéquias, com sua instrução e orações, para aprofundar o sentido da vida centrada naquela de Cristo e que a morte, desta forma, se torna uma experiência pascal plena.

E as orações em tempos de crise, calamidade e pandemia? Quem nos ajuda a aprofundar esta temática é Dom Aloísio Dilli. O bispo de Santa Cruz do Sul resgata o sentido das *orações que o Missal Romano traz para os tempos de calamidade*. E, como membro da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (Cetel) da CNBB, Dom Dilli também já nos adianta sobre a nova redação destas orações que estarão na nova edição do Missal Romano. Por fim, nos agracia com a elaboração de uma oração para o contexto de pandemia.

O espaço da celebração em tempos de isolamento social é o que a Ir. Penha Carpanedo aprofunda em seu texto. Sua reflexão tem como referência a casa, lugar seguro, sobretudo em tempos de isolamento social, mas também espaço de eclesialidade, de liturgia, de comunhão. A casa recorda a mesa como lugar sagrado das refeições e, por isso, também lugar privilegiado para se reunir em oração. Aprofundando este aspecto, o texto da Ir. Penha apresenta algumas sugestões de como a liturgia pode ser bem celebrada na casa tornando-se um verdadeiro espaço de Igreja doméstica.

Esta temática tem continuidade com a reflexão do padre Rene Zanandréa. Em seu texto *a oração em tempos de isolamento social*, padre Zanandréa relata algumas experiências de oração pessoal e familiar vividas em casa. O texto busca inspiração nas orações de Jesus para dar indicativos da oração autêntica para a Igreja, sobretudo da Igreja doméstica, e ligadas ao contexto em que as pessoas vivem e iluminadas pela Palavra de Deus,

apresenta algumas inspirações para a oração cristã.

As orações inspiram o canto. Os músicos assessores da CNBB Eurivaldo Ferreira e Frei Telles Ramon aprofundam a temática *Canto e Música Litúrgica: como cultivar uma espiritualidade unificadora em meio aos desafios da pandemia?* Partindo de um resgate histórico da passagem do canto de igreja para o canto litúrgico, os autores questionam como a música litúrgica foi produzida e executada neste tempo de pandemia e de celebrações virtuais. Ao mesmo tempo, nos ajudam a perceber a força que a música litúrgica tem e o importante papel e lugar que ela ocupa na ação litúrgica. Como expressão da fé de uma comunidade, a música litúrgica ajuda a vivenciar o Mistério Pascal quando a comunidade celebra cantando.

Por fim, o professor e pesquisador de comunicação, Moisés Sbardelotto, reflete sobre *o digital e a vivência da fé: (re)descobertas em tempos de pandemia*. Para isso, Sbardelotto resgata alguns pontos que demandam (re)significações no modo de viver e celebrar a fé no ambiente digital. Dentre estes pontos está a concepção das mediações litúrgicas e tecnológicas; a comunicação e a relação que se estabelece por meio da liturgia; a participação e presença de uma comunidade orante; e a comunidade em rede. O texto também aponta alguns desafios para a Igreja relacionados à comunicação, sobretudo à digital.

Os artigos deste número não querem dar respostas prontas, mas nos provocar e nos desafiar a aprofundar as questões ligadas à liturgia que este tempo de pandemia escancarou.

Dr. Pe. Clair Favreto
Ms. Pe. Rene Zanandréa
Organizadores

DAS DIFERENTES CRISES À PANDEMIA DA COVID 19

a Humanidade doente e o caminho de cura proposto
pelo Papa Francisco

*Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis**
*Dr. Armando De Negri Filho***

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.6>

Recebido: 04 de dezembro de 2018 | Aprovado: 29 de março de 2019

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão sobre diferentes crises da humanidade que, segundo o Papa Francisco, se constituem em uma única crise de origem sócio ambiental e que explicitam a doença da humanidade. Apresenta também a proposta do Pontífice, através de gestos, iniciativas e escritos, com os possíveis caminhos de superação dessa grande crise, ou, enfermidade, a partir de uma nova perspectiva de relacionamento social tendo o ser humano como prioridade.

Palavras-chave: Crises. Humanidade. Economia. Sociedade. Doença. Integração. Cuidado. Meio ambiente. Educação. Vida.

Introdução

Neste artigo pretende-se fazer uma análise desta situação, momentaneamente marcada pela pandemia da Covid 19 que,

* Presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo/RS. Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo e Teologia pela Itepa Faculdades de Passo Fundo. Mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Professor da Itepa Faculdades, nas áreas de Metodologia e Prática Pastoral, Teologia da Revelação, Ecumenismo e Diálogo Inter religioso: E-mail: reis.abt@gmail.com

** Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas (1995). Mestrado Profissional em Saúde Pública - Saúde Global e Diplomacia da Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Master em Gestão Clínica e Coordenação Médica pela Escuela Nacional de Sanidad / Instituto Carlos III de Madrid Espanha e Universidad de Educación a la Distancia da Espanha. E-mail: armandodenegri@yahoo.com

por sua vez, mostrou a marca da desigualdade estrutural na sociedade brasileira e pode ser lida como um estágio no processo de enfermidade da humanidade. Este artigo tem um viés teológico-pastoral. Certamente poder-se-ia focar a temática adotando outras referências, mas intuiu-se por bem fazer a abordagem teológica e pastoral com aportes em outras áreas do conhecimento.

Serão abordadas, em um primeiro momento, algumas crises que assolam a humanidade e sua influência na vida humana, dentre elas a crise da Covid 19, assim como as iniciativas e dificuldades no enfrentamento desta pandemia, sobretudo, quando os processos de articulação mundial foram relativizados em nome de posturas políticas fechadas e equivocadas. Como referência teológico-pastoral apresentam-se as manifestações públicas do Papa Francisco denunciando os condicionantes sociopolíticos dessas crises e as proposições desse Eminentíssimo Prelado na perspectiva de superação desse aflitivo contexto humano-social.

1 As diferentes crises da humanidade

No documento conclusivo e gestado durante a V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho ocorrido na cidade de Aparecida – SP, durante o ano de 2007, ao abordar a realidade como desafio ao agir evangelizador da Igreja no continente, o Colegiado Episcopal selou o termo “mudança de época”. Segundo o documento, essa expressão aponta para as grandes mudanças que afetam profundamente a vida humana, têm alcance global e com diferenças e matizes afetam o mundo inteiro (cf. DAp 34).

Na Assembleia dos Bispos do Brasil (2019) o termo foi focado de uma forma mais precisa. O documento orientativo para a atividade evangelizadora da Igreja previsto para o quadriênio 2019–2023 afirma que “os fundamentos últimos para

a compreensão da realidade se tornam frágeis a ponto de suscitar perplexidade e insegurança” (CNBB, 2019, p.43). As duas leituras da realidade feitas num prazo de 12 anos revelam um processo histórico de dificuldades da humanidade e das diferentes instituições, dentre elas a Igreja Católica, de compreenderem e abordarem o fenômeno. Certamente outras igrejas cristãs e tradições religiosas percebem estas dificuldades com alguma mudança de nuance. O Documento de Aparecida explicitou as diferentes faces desta transição de mudanças tão profundas¹.

A reflexão sobre as mudanças se aprofundou e hoje se fala em crises da humanidade. Dependendo da análise mencionam-se diferentes crises. O Papa Francisco tem se manifestado afirmando que estamos passando por uma única crise, a crise sócio-ambiental, segundo o argumento que a abordagem ecológica compreende também a abordagem social que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, ouvindo o clamor da terra e o clamor dos pobres (cf. LS 49). Optamos por tratar quatro crises como oportunidade de explicitarmos um pouco melhor cada uma: econômica, social, democrática e ambiental, acrescentando a crise da Covid 19 que interage com as demais.

1.1 Crise econômica

As crises no capitalismo são cíclicas. Contudo não significam o enfraquecimento do capitalismo, mas sua reconfiguração em outros parâmetros e, em muitos casos, gerando mais situações de pobreza e desigualdade social. A partir de 2008, iniciando nos Estados Unidos, começou um processo novo de crises que chegou aos países europeus. Não há

1 Para aprofundar: CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Ed. CNBB, 2007.

como esquecer as constantes notícias sobre o grande contingente de desempregados, sobretudo na Espanha e Grécia. Cabe destacar as sucessivas tentativas de solução, preservando o mercado, visto que os nomes escolhidos para chefia dos governos serem pessoas do mercado e não escolha da população.

No Brasil, a partir de 2014, ocorreu processo semelhante com uma roupagem própria, especialmente pela falta de disposição do Governo Dilma em garantir as exigências do mercado financeiro. Esta crise culminou com o impedimento da presidente e a ascensão de Temer, com a tarefa de “acalmar” o mercado às custas do freio nos investimentos sociais e as diferentes reformas para potencializar o projeto capitalista financeiro.

Reitera-se que as crises contribuem, em muitos casos, para o revigoramento do projeto capitalista e não existe um interesse ético para salvar os que ficam no caminho. Eles não importam. Não são significantes. Para o capitalismo financeiro os pobres são descartáveis como denuncia o Papa Francisco:

Não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são explorados, mas resíduos, sobras (EG 53).

Na verdade, interessam ao mercado os que oferecem algo ou os que se apresentam como consumidores. No Brasil, esta lógica se arquiteta com formas escandalosas. No verso da medalha, é um país extremamente avançado em alguns setores e, deficitário em outros. Seu perfil flutua ao critério dos interesses econômicos em jogo.

1.2 Crise social

Esta é uma crise permanente no Brasil inscrita, ainda hoje, em sua estrutura histórica, injusta e desigual. Perdeu-se num horizonte longínquo o projeto de nação, submerso pela constituição de um Estado a serviço de uma minoria que foi assumindo diferentes roupagens ao longo dos séculos. No projeto Brasil a Casa Grande é o sujeito de direitos, cabendo os deveres à Senzala. O histórico de pobreza e miséria permanente no Brasil não tem sofrido transformações a partir de iniciativas do Estado. Alguma mudança ocorrida decorreu da pressão popular. Apresentaram-se alguns paliativos reformistas em alguns momentos da história, contudo sem um abalo maior na estrutura desigual. As diferentes representações do poder se articulam pela sua manutenção, usufruindo dos bens produzidos e apoiadas em um Estado erigido para proteger alguns e resistir às reivindicações da maioria. Neste modelo de relação o Brasil continuará gerando empobrecidos e miseráveis e continuará tratando esta parcela da população como ameaça às “pessoas de bem”.

No momento em que a Senzala reivindica seus direitos a pretensa ordem social fica abalada. Demanda desta relação a ideia de que problema social é caso de polícia. Esta noção equivocada permanece. As crises, sejam socioeconômicas ou culturais não chegam a mexer nas estruturas societárias em seu fundamento capitalista. Mais do que isso, é inegável que não existe uma reta intencionalidade de subvertê-las. Basta ver a aprovação do teto de gastos durante o governo Temer.

1.3 Crise democrática

As diferentes semanas sociais brasileiras, promovidas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil desde 1991 têm apontado para a insuficiência da democracia representativa no Brasil. As reflexões da 5ª Semana Social insistiram de forma

direta na necessidade de potencialização da democracia com reais mecanismos de participação popular nas decisões quanto às suas vidas.

Contudo no contexto atual este mesmo modelo, mesmo insuficiente, está sendo rompido a partir das suas próprias estruturas. No Brasil e no mundo, governantes eleitos democraticamente tratam de romper a própria democracia. O rompimento democrático acontece, portanto, nos parâmetros da própria democracia. Não se desconhece o papel do capitalismo financeiro na estruturação ou no abalo de estruturas de governo. A via eleitoral deixa de ser democrática quando o poder financeiro garante mandatos. Soma-se ao financiamento de interesses antidemocráticos, a recente força das *fakenews*. A possibilidade da população de refletir e decidir sobre temas importantes a ela relacionados fica cada vez mais complexa e distante.

1.4 Crise ambiental

Possivelmente esta crise seja tão antiga como as crises do capitalismo, contudo tem se revelado com mais evidência nas últimas décadas. Começou no momento em que a humanidade se colocou em contraposição ao mundo criado² diante do qual recebeu a tarefa do cultivo e guarda (cf. Gn 2,15).

A relação passou a ser de tentativa de domínio para se tirar o que se considerava necessário, unicamente, para a sobrevivência humana. O princípio antropocêntrico, colocou no centro da relação o ser humano e suas necessidades. Demanda daí uma grande crise, sobretudo porque a super exploração da natureza potencializada na modernidade volta-se à satisfação dos

2 O conceito de mundo criado ou criação é extraído da tradição bíblica segundo o texto do Gênesis, capítulos 1 e 2 que apresenta a narrativa da criação segundo a cultura judaico cristã. Os diferentes povos africanos também falam da terra e da humanidade como fruto do desejo criador da divindade.

interesses de uma minoria. Mesmo que esta crise tenha sido ainda negada, especialmente por alguns chefes de governo, compreende-se o fenômeno das mudanças climáticas devido ao aquecimento global como um alerta inequívoco do esgotamento da Terra. Popularmente tem se dito que a Terra está “febril”.

Na Encíclica *Laudato Sí*, publicada em maio de 2015, o Papa Francisco critica a via única de pretensão desenvolvimento humano e rápidos processos de mudanças que implicam na vida do planeta. Os recursos naturais são esgotados em prazos muito curtos.

Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhes impõem as ações humanas, contrasta com a lentidão natural da evolução biológica” (LS 18). Segundo ele é uma mudança que fragiliza e não fortalece porque a “mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade” (LS 18).

A Terra está esgotada em seus recursos, afetando seus processos naturais. O mais grave, insiste-se que estes bens naturais são destinados a uns poucos. Tudo é célere sem preocupação com o amanhã.

1.5 A crise da Covid 19 e a crise das instituições

A pandemia da Covid 19 alastrou-se pelo mundo, atacando a todos com maior ou menor intensidade. As mais diferentes nações se envolveram em ações de prevenção. Chamou atenção a forma como esta crise foi enfrentada pelos diferentes governantes. Fez parte da orquestração política em torno da crise, a relativização e até desautorização das orientações da Organização Mundial de Saúde quanto às medidas para impedir a rápida disseminação do vírus, como também as formas de tratamento.

No caso do Brasil a primeira reação foi de negação da gravidade do problema e a forma como o governo federal articulou o enfrentamento fez que a situação se agravasse. Como a pandemia foi objeto de disputa ideológica formou-se uma grande confusão de narrativas, deixando a população desorientada. O fato de a pandemia ter interferido na economia pela necessidade de reclusão e consequente influência nas trocas econômicas, a atuação do governo brasileiro foi, primeiramente, voltada para salvaguardar o mercado financeiro.

Apesar da relutância optou pelo auxílio emergencial para a população que ficou sem acesso a uma renda mínima. Contudo, mesmo com a pandemia ceifando vidas o projeto neoliberal avançou na sua estruturação. Cito como exemplo a aprovação da Lei de Privatização do Saneamento Básico. Paralelo a isso cita-se a crescente destruição da Floresta Amazônica que acontece de uma forma tão brutal ao ponto de gerar reações inclusive dentro do mercado, visto que se faz necessário, ao menos uma faceta de preocupação ambiental para ganhar a simpatia dos consumidores. Uma necropolítica ganha corpo, na medida que revela uma não preocupação do atual chefe governo brasileiro que, reiteradamente, tem demonstrado indiferença em relação às vidas perdidas por causa da pandemia.

2 A desordem mundial e a penalização dos pobres

As crises acima descritas, mesmo que de forma sucinta, e possivelmente já refletidas em outros momentos pelos leitores, mostram que por trás de uma pretensa ordem mundial de orientação neoliberal forjada pelas sequentes crises históricas, sendo a mais recente iniciada em 2008, na verdade, é uma grande desordem.

Contudo, nesta desordem, o capitalismo se refaz e se revitaliza. Faz isso às custas da fragilização dos povos, morte da população empobrecida e da destruição do mundo criado.

Invertem-se as prioridades. O mercado financeiro é colocado acima da vida humana. Segundo este princípio equivocadamente necessário garantir a vitalidade do mercado, mesmo que se percam vidas. Segue-se a lógica de que é o mercado que importa, as vidas nem tanto. Esse processo de ampla desigualdade foi criticado pelo Papa Paulo VI na Encíclica *Populorum Progressio*, na época, também chamando a atenção para a desigualdade entre os povos.

Dito e reconhecido isto, não resta dúvida alguma de que o equipamento existente está longe de bastar para se opor à dura realidade da economia moderna. Entregue a si mesmo, o seu mecanismo arrasta o mundo, mais para a agravação do que para a atenuação da disparidade dos níveis de vida: os povos ricos gozam de um crescimento rápido, enquanto os pobres se desenvolvem lentamente. O desequilíbrio aumenta: alguns produzem em excesso gêneros alimentícios, que faltam cruelmente a outros, vendo estes últimos tornarem-se incertas as suas exportações (PP 8).

Alguns teólogos que refletem o diálogo entre teologia e economia, dentre os quais Hugo Assmann, Franz Hinkelammert e Jung Mo Sung³, apontam a divinização do mercado como fundamento das exigências de sacrifícios, no caso dos humanos e da natureza. O mercado necessita deles para permanecer em pé. É a idolatria que se mantém graças aos sacrifícios humanos e da natureza. Insistimos que a ordem do mercado financeiro se faz às custas da desordem humana e do mundo criado. Enquanto não for revista esta prioridade que feita cultura, a inversão destruidora de vidas permanecerá. O Papa Paulo VI já lembrava da necessidade de rever as prioridades quanto à noção de desenvolvimento.

3 Para aprofundar: Hugo ASSMANN e Franz J. HINKELLAMMERT. *A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*, Petrópolis: Vozes 1989. Também a obra de Jung Mo SUNG. *Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994.

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: não aceitamos que o econômico se separe do humano; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se incluiu. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira (PP 14).

No instante em que economia se divorcia da responsabilidade pela manutenção da vida humana, que é a razão da sua existência, ela perde o sentido ético e o significado para a sociedade. Sobre este rompimento sublinha-se a colocação do Papa Francisco na Exortação Evangelii Gaudium: não é possível que morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa (EG 53).

Este sinal de ordem-desordem se estrutura a partir da inversão de valores visto que a economia não está a serviço da humanidade, mas adquiriu um fim em si mesma. A proposição de um encontro com jovens sobre a economia de Francisco e Clara, tema abordado em seguida, processo que está mobilizando grupos do mundo todo, visa contribuir nesta reflexão necessária.

3 Pontificado de Francisco como um permanente alerta profético sobre as crises

Os Papas foram líderes com papel significativo para além da esfera cristã católica. Esta afirmação não significa flerte com a cristandade, mas a compreensão do papel de um pontífice como líder de uma coletividade que, a partir de suas posições, influencia grandemente os destinos da humanidade, apesar dos contrapontos próprios da diversidade sócio-política mundial. Corroborando com esta afirmação faz-se memória do papel do

Papa João Paulo II no enfrentamento do socialismo real do leste Europeu. O Papa Francisco, eleito em 2013, tem assumido este papel de líder mundial com grande responsabilidade, sobretudo em um contexto de carência de lideranças carismáticas para a humanidade.

Foi eleito a partir da tensão e esgotamento de um modelo de pontificado que forçava uma aparente coesão interna, representado por João Paulo II e continuado por Bento XVI, com algumas diferenciações. O fato da renúncia de Bento XVI, gesto de extrema humildade, revelou a sua consciência de que não teria forças para operar as mudanças necessárias à Igreja naqueles períodos de grande turbulência. Seguiu-se a eleição do Papa Francisco. Ao ser apresentado para a multidão reunida na Praça São Pedro afirmou que “foram buscar ele lá do fim do mundo para ser Papa”.

É possível interpretar esta afirmação na perspectiva de que se procurou outro modelo de condução para a Igreja Católica e o Cardeal Mario Jorge Bergoglio fora o escolhido. Foi novidade também o nome escolhido, Francisco, com todo o significado místico e de vida pobre que o santo de Assis inspirava. No decorrer do seu pontificado Francisco tem mostrado que tem uma proposta para a Igreja e para o mundo. Sugeriu uma Igreja “em saída e pobre para os pobres”. E provocou a humanidade superar a globalização da indiferença. Ressalta-se que o Papa Francisco é herdeiro do projeto eclesiológico latino-americano demarcado sobretudo através dos encontros do episcopado desde 1968 com a Conferência de Medellín⁴.

Descreveremos brevemente algumas manifestações do Papa voltadas à superação da desordem mundial e sua consequente enfermidade.

4 Segunda Conferência do Episcopado Latino-americano ocorrida na cidade de Medellín, Colômbia, após o Concílio Vaticano II.

3.1 Ilha de Lampedusa: crítica à globalização da indiferença

A visita do Papa Francisco em julho de 2013 à Ilha de Lampedusa, localidade no extremo sul da Itália, procurada por migrantes do norte da África, teve um caráter simbólico profundo. Afirma-se que este gesto foi uma encíclica não escrita. Lá, o Papa condenou o descaso das autoridades europeias diante do fenômeno das migrações, certamente, um problema muito complexo.

Ao celebrar a eucaristia em um altar montado com restos de embarcações naufragadas, Papa Francisco denunciou, com veemência, a globalização da indiferença e a necessidade de um compromisso de uns pelos outros. Disse:

A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolhas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!⁵

O desinteresse pelos sofredores se constitui uma cultura marcada pelo isolamento social, porque o ser humano não vê o outro como um irmão. Faz-se indiferente ao seu sofrimento. O Pontífice propõe outro caminho, a solidariedade humana. Na Exortação *Evangelii Gaudium* explicita o sentido da solidariedade, nestes tempos, o antídoto contra a globalização da indiferença:

Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra solidariedade significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova

5 <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521786-qadao-onde-estas-caim-onde-esta-o-teu-irmao-o-discurso-de-francisco-em-lampedusa>

mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns (EG 188).

Esta solidariedade vai se configurando e penetrando no dia a dia dos povos e tem a finalidade de transformar as estruturas sociais sustentadoras da indiferença:

Estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes (EG 189).

É necessário potencializar a solidariedade e descobrir o seu sentido transformador mais profundo como caminho da superação da omissão e da indiferença que matam. Também redescobrir o seu sentido profético, porque como proposta política é um sinal profético frente à economia do mercado, embasada no individualismo e no egoísmo e a indiferença pelas diferentes formas de vida.

3.2 Visita à Organização das Nações Unidas – ONU

Esta visita carrega a simbologia do diálogo da Igreja com o mundo através das nações. O Papa é considerado um Chefe de Estado, portanto com assento na ONU. Outros Papas também já haviam visitado a sede em Nova York. A visita de Francisco fez parte das comemorações dos setenta anos da ONU. Na ocasião discursou na abertura da Cúpula do Desenvolvimento Sustentável e reafirmou alguns princípios que marcam o seu pontificado, com destaque ao combate à exclusão econômica e à destruição do meio ambiente, segundo ele, enraizados na ambição desmedida e na sede de poder. Disse:

O abuso e a destruição do meio ambiente aparecem associados, simultaneamente, com um processo ininterrupto de exclusão. Na verdade, uma ambição egoísta e ilimitada de poder e bem-estar material leva tanto a abusar dos meios materiais disponíveis como a excluir os fracos e os menos hábeis, seja pelo facto de terem habilidades diferentes (deficientes), seja porque lhes faltam conhecimentos e instrumentos técnicos adequados ou possuem uma capacidade insuficiente de decisão política. A exclusão econômica e social é uma negação total da fraternidade humana e um atentado gravíssimo aos direitos humanos e ao ambiente. Os mais pobres são aqueles que mais sofrem esses ataques por um triplo e grave motivo: são descartados pela sociedade, ao mesmo tempo são obrigados a viver de desperdícios, e devem injustamente sofrer as consequências do abuso do ambiente. Estes fenômenos constituem, hoje, a cultura do descarte tão difundida e inconscientemente consolidada⁶.

Assumi a responsabilidade de colaborar na construção de outras formas de relação entre os homens e com o mundo criado, dentre estas a agenda para o desenvolvimento sustentável:

O caráter dramático de toda esta situação de exclusão e desigualdade, com as suas consequências claras, leva-me, juntamente com todo o povo cristão e muitos outros, a tomar consciência também da minha grave responsabilidade a este respeito, pelo que levanto a minha voz, em conjunto com a de todos aqueles que aspiram por soluções urgentes e eficazes⁷.

Não deixou de destacar que, mais do que acordos de cúpulas e ações burocráticas, as mudanças devem chegar aos homens e mulheres necessitados:

6 http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html

7 http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html

É preciso não perder de vista, em momento algum, que a ação política e econômica só é eficaz quando é concebida como uma atividade prudencial, guiada por um conceito perene de justiça e que tem sempre presente que, antes e para além de planos e programas, existem mulheres e homens concretos, iguais aos governantes, que vivem, lutam e sofrem e que muitas vezes se vêem obrigados a viver miseravelmente, privados de qualquer direito⁸.

Estes deverão ser protagonistas dos seus destinos e jamais serem vítimas da imposição de algum projeto:

o desenvolvimento humano integral e o pleno exercício da dignidade humana não podem ser impostos; devem ser construídos e realizados por cada um, por cada família, em comunhão com os outros seres humanos e num relacionamento correto com todos os ambientes onde se desenvolve a sociabilidade humana – amigos, comunidades, aldeias e vilas, escolas, empresas e sindicatos, províncias, países, etc⁹.

3.3 Encíclica Laudato Sí: sobre o cuidado com a casa comum

O alerta sobre a crise ambiental e a necessidade da mudança das nossas relações com o planeta foi descrito de uma forma precisa com a Encíclica Laudato Sí. Propõe o diálogo a partir de uma causa que deveria ser comum a toda a humanidade, o planeta Terra, ou a mãe-irmã terra, como ele mesmo descreve (LS 1). Parte de uma constatação: esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou (LS 2). Faz um apelo a toda humanidade: o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de

8 http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html

9 http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html

um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar (LS 13).

Apresenta uma proposta como caminho de superação do mal causado à casa comum, ameaçando inclusive o futuro das próximas gerações. Propõe a ecologia integral, ou seja, um outro estilo de vida em vista do bem comum e que inclua claramente as dimensões humanas e sociais, porque uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres (LS 49).

Sugere superação do paradigma tecnocrático devido a sua limitação e sustentação de uma economia que não constrói, mas que destrói a casa comum e destrói a vida humana. Sobre isso afirma:

Podemos afirmar que, na origem de muitas dificuldades do mundo atual, está principalmente a tendência sempre consciente, de elaborar metodologia e os objetivos da tecnociência segundo um paradigma de compreensão que condiciona a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade. Os efeitos da aplicação deste modelo a toda a realidade, humana e social, constatam-se na degradação do meio ambiente, mas isso é apenas um sinal do reducionismo que afeta a vida humana e a sociedade em todas as dimensões (LS 107).

Este desvio será superado através da opção pela ecologia integral, como uma forma de conjugar as questões humanas, ambientais e econômicas tendo como horizonte a busca do bem comum.

3.4 A denúncia da enfermidade humana

No dia 27 de março, quando a Itália e demais países da Europa enfrentavam o sofrimento pela pandemia, o Papa Francisco se manifestou ao mundo. Chamou atenção o cenário

desta manifestação. Era final de tarde e caía uma garoa fina. O Papa subiu sozinho ao parlatório tendo diante de si a Praça vazia.

Aquele cenário e a homilia do Papa foram marcantes. Ali ele explicitou que a humanidade já estava doente e que a Covid 19 era a explicitação cabal desta enfermidade. Naquele final de tarde disse o Papa diante da constatação da grande fragilidade humana:

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade¹⁰.

Chamou a atenção aos equívocos cometidos pela humanidade:

Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: Acorda, Senhor!¹¹

É possível superar a enfermidade da humanidade. Como?

10 [Vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html](https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html)

11 [Vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html](https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html)

4 Os possíveis caminhos para superar a crise a partir do viés teológico-pastoral

As críticas sugerem caminhos. Os tantos documentos publicados pelo Papa Francisco sugerem caminhos para a superação da enfermidade humana. Nem sempre o enfrentamento é um processo fácil. Sem dúvida alguma a Exortação *Evangelii Gaudium*, sobre a evangelização e a Encíclica *Laudato Sí* sobre a questão ambiental apontam caminhos. Estas manifestações se reforçam com outras proposições que tem a grave missão de contribuir para a superação das enfermidades da humanidade.

Em dois encontros de representantes do Movimento Popular com o Papa Francisco, primeiramente em Roma (2014) e depois em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia-2015), foram tratados temas fundamentais voltados à sobrevivência dos homens e mulheres empobrecidos: terra, teto e trabalho. Terra para cultivar, no caso dos agricultores; casa para que as famílias sejam abrigadas com dignidade; trabalho que permita ao ser humano, pelo esforço próprio e criativo, realizar-se como pessoa. São realidades estruturantes da vida humana, dimensões da vida que não podem ficar submissas às forças do capital, justamente pelo fato deste colocar o lucro acima de tudo. Segundo o Papa Francisco são direitos sagrados que enfocam a centralidade da pessoa em plena consonância com a Doutrina Social da Igreja¹².

Em uma interpretação da potência desses três Ts, projetados na Sexta Semana Social Brasileira da CNBB, argumentamos seu sentido ao considerar:

- a Terra como Bem Comum e balizador de um Cuidado com Nossa Casa Comum, mas também da construção de uma Economia Social e Solidária a serviço do conjunto da Sociedade;

12 Os discursos do Papa Francisco nos dois encontros foram publicados pelas Edições CNBB. Coleção Sendas. Brasília: Edições CNBB, 2015.

- de um Teto capaz de representar todo o Sistema de Proteções Sociais e Econômicas que devem caracterizar uma verdadeira Democracia, desconstruindo o discurso que naturaliza e legaliza a Pobreza, na realidade o empobrecimento das pessoas e dos povos;
- de um Trabalho que reconheça o protagonismo humano sem discriminações na construção e usufruto do Bem Comum e que distribua a riqueza produzida em uma dinâmica equilibrada com os Direitos Humanos e os Direitos da Natureza, opondo-se ao predomínio do capital sobre o trabalho humano.

Em maio de 2019 Francisco convidou os jovens para discutir a economia, encontro primeiramente agendado para março de 2020. Segundo ele um evento que:

Permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã¹³.

O Papa está preocupado com a economia. Quer refletir sobre o tema junto com pessoas com capacidade de imprimir novos horizontes para a economia porque a forma como está sendo gerida não gera vida, mas morte. É uma economia que mata (EG 53). Para Francisco desponta a necessidade de exercitar um modelo econômico novo, fruto de uma cultura da comunhão, baseado na fraternidade e na equidade.

Em sintonia com a reflexão sobre a economia propõe-se a reflexão sobre a educação. Ao pronunciar-se no encontro “Educação: O Pacto Global”, promovido pela Pontifícia

13 <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-02/editorial-economia-francisco-construir-novos-caminhos-assis.html>

Academia das Ciências Sociais em fevereiro deste ano, afirmou que “é necessário unir esforços para alcançar uma aliança educacional ampla a fim de formar pessoas maduras, capazes de reconstruir o tecido relacional e criar uma humanidade mais fraterna”. A proposição de debates no âmbito da economia e da educação estão na esteira das outras proposições do Papa.

É importante que se compreenda as falas de Francisco como o convite para se discutir os rumos da humanidade que precisa ser curada. O fermento foi lançado e está levedando a massa.

Concluindo

Este texto resultou da opção de refletir sobre as tantas crises que tem marcado a trajetória humana, marcadamente as mais recentes. Na perspectiva do mercado financeiro a crise não abala, mas o revitaliza e reforça mesmo que gerando destruição e mortes. O processo de crise se agravou com a pandemia da Covid 19. Esta pandemia em si é muito grave, pelo inusitado da sua disseminação e pelas dificuldades no enfrentamento, além de explicitar de forma mais grave as nossas carências.

Tem sido um alento para a humanidade as atitudes do Papa Francisco. Ele não tem hesitado em propor um caminho para a Igreja e para o mundo através dos gestos e escritos. Que nos ajude a construir um novo caminho.

Referências Bibliográficas

ASSMANN Hugo e HINKELLAMERT Franz J. *A idolatria do mercado*: ensaio sobre economia e teologia. Petrópolis: Vozes, 1989.

CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Ed. CNBB, 2007.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.

FRANCISCO, PAPA. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília: Ed. CNBB, 2014



_____. *Encíclica Laudato Sí*. Brasília: Ed. CNBB, 2015.

_____. *Benção et urbe et orbe*. [Vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html](http://vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html). Acesso em 21 de agosto de 2020.

_____. *Discurso do Papa Francisco no I Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Coleção Sendas. Brasília. Ed. CNBB, 2015.

_____. *Discurso do Papa Francisco no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Coleção Sendas. Brasília. Ed. CNBB, 2015.

_____. *Discurso por ocasião da visita à Sede da ONU*.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html. Acesso em 20 de agosto de 2020.

_____. *Homília por ocasião da visita à Ilha de Lampedusa*.

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521786-qadao-onde-estas-caim-onde-esta-o-teu-irmao-o-discurso-de-francisco-em-lampedusa>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

_____. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-02/editorial-economia-francisco-construir-novos-caminhos-assis.html>. Acesso em 21 de agosto de 2020.

PAULO VI, PAPA. *Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em 21 de agosto de 2020.

SUNG Jung Mo. *Teologia e economia*: repensando a teologia da libertação e utopias. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMO SER CORPO MÍSTICO E ASSEMBLEIA LITÚRGICA NA PÓS PANDEMIA¹

*Prof. Dr. Andrea Grillo**

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.7>

Recebido: 12 de janeiro de 2019 | Aprovado: 26 de junho de 2019

Resumo: O presente texto quer refletir sobre o enunciado no título que me foi proposto, isto é, quero colocar em relação ou em contraposição os termos “corpo místico” e “assembleia litúrgica”, bem como “assembleia celebrante”, que muito tem criado confusão, argumentação sem plausibilidade e até confrontos em modos diferentes de pensar. Com a fundamentação de documentos oficiais da Igreja vamos procurar refletir sobre estes termos, relacionados ao contexto que estamos vivendo, sobretudo o da pandemia, provocando o isolamento social e, desta forma, o fechamento de muitas atividades, inclusive as da Igreja, sobretudo àquelas relacionadas às celebrações litúrgicas.

Palavras-chave: Corpo Místico. Assembleia Litúrgica. Igreja. Assembleia celebrante. Pandemia.

Introdução

O título, com a sua bela formulação, nos motiva a uma reflexão em três níveis, que se torna importante justamente porque coloca em correlação “mundos” que, vistos de outras formas, os teríamos precisamente separados: isto significa que devemos refletir sobre a tradição da Igreja, que se auto-

1 Texto original em italiano. Tradução do Pe. Clair Favreto, doutor em Liturgia Pastoral pelo Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. É professor de Liturgia e Sacramentos na Itepa Faculdades.

* É filósofo e teólogo italiano, leigo, especialista em liturgia e pastoral. Doutor em teologia pelo Instituto de Liturgia Pastoral, de Pádua. Professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Justina, de Pádua. Também é membro da Associação Teológica Italiana e da Associação dos Professores de Liturgia da Itália. Email: grillloreba@gmail.com

interpreta como “*corpo místico*”, em relação à outra definição, e até diferente, definida como “*assembleia litúrgica*”, para considerar que ela é mais do que um simples “*ornamento cerimonial*”; e tudo isto devemos pensar nas condições de pós-pandemia, ou seja, depois de uma passagem impressionante que, do ponto de vista humano e teológico, é exigente e que forçou a todos nós, por razões extra-eclesiais e extra-litúrgicas, a uma reflexão radical sobre a identidade humana e cristã e, portanto, também sobre a liturgia e o culto cristão.

Confrontam-se aqui “três linguagens”, que pertencem a diferentes experiências e formas expressivas, o que não é fácil de integrar-las e harmonizá-las. Gostaria de mostrar brevemente a complexidade deste entrelaçamento, que a condição de pandemia de alguma forma acentuou. E, justamente por esse motivo, nos forçou a repensá-las com profundidade, a buscar sua raiz primeira e a nos reconciliar com a nossa história e a nossa tradição. Por isso, gostaria, antes de tudo, analisar as “três palavras-chave” do título para, depois, procurar integrá-las numa visão unitária, que nos apontará uma mudança de rumo, uma revisão das expressões, para obter uma experiência eclesial mais profunda e autêntica, mesmo fazendo memória de textos fundamentais, que frequentemente parecem ter sido esquecidos.

1 Três expressões/palavras

As três terminologias relacionadas nascem de perspectivas e preocupações parcialmente sobrepostas. Vamos analisar, brevemente, cada uma:

a) A Igreja como Corpo Místico

Antes de Pio XII dedicar uma encíclica completa ao tema Corpo Místico, em 1943, o termo já havia se tornado assunto há

algumas dezenas de anos, a partir de um significado “político” muito potente. Como lemos na *Vehementer Nos*² (VN), com a qual Pio X em 1906 comenta de maneira dolorosa as leis francesas de separação entre Igreja e Estado, o termo é usado de forma decididamente política:

“A Sagrada Escritura nos ensina, e a tradição dos Padres nos confirma, que a Igreja é o Corpo Místico de Jesus Cristo, um Corpo regido por Pastores e Doutores; ou seja, uma sociedade de homens no seio da qual há lideranças que tem plenos e perfeitos poderes para governar, para ensinar e para julgar (Matt. XXVIII, 18-20; XVI, 18-19; XVIII, 18; Tit. II, 15; II Cor. X, 6; XIII, 10). Daí resulta que a Igreja é, por sua natureza, uma sociedade desigual, isto é, uma sociedade formada por duas categorias de pessoas: os Pastores e o Rebanho, os que ocupam uma posição entre os diferentes graus da hierarquia, e a multidão dos fiéis. E essas categorias são tão distintas entre si, que apenas no corpo pastoral residem a lei e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros para as finalidades sociais; e que a multidão não tem outro dever a não ser de se deixar conduzir e, como rebanho dócil, de seguir os seus Pastores” (VN 22).

A expressão “corpo místico” se imbuíu de “sentido político” quando assumiu a tarefa de decidir a relação entre Igreja, mundo e história de forma radical. Neste sentido, usa o termo absolutidez e não democracia, usa o termo autoridade e não liberdade, pensa no povo de Deus como “rebanho” e a Igreja como “sociedade sem igual”.

A retomada, em 1943, por parte de Pio XII, em um contexto mais amplo e dramático, acrescenta outros temas, mas não perde esse “núcleo institucional” da definição. Corpo místico é, ao mesmo tempo, uma definição teológica e sociológica da Igreja: indica nele a referência “soberana” da autoridade, em relação à qual é difícil conceber uma

2 Carta Encíclica *VEHEMENTER NOS* - sobre as relações entre a Igreja e o Estado, de Pio X, publicada em 11.02.1906.

“autonomia das realidades seculares”. Assim, no termo “corpo místico”, ao mesmo tempo em que acrescenta a dimensão sacramental, tende a prevalecer um perfil institucional que durante a “pandemia” procurou fazer uma leitura do contágio, do confinamento, da distância, como uma “perda de poder”. E, às vezes, tanto fora como dentro da Igreja, houve reações de modo desproporcionado, inclusive a respeito do próprio texto da Igreja.

b) A Igreja como assembleia litúrgica

Diferente é a linguagem da “assembleia litúrgica”, do “povo de Deus”, da redescoberta da centralidade da celebração litúrgica. A origem dessa expressão é ao mesmo tempo “mais antiga” (do ponto de vista bíblico) e mais moderna, pois é um dos frutos do Movimento Litúrgico e do Concílio Vaticano II (1962-1965). Neste caso, a pandemia não coloca em questão a “autoridade da Igreja” e sua “soberania”, mas a sua linguagem mais delicada e primitiva, mais elementar e mais profunda. A impossibilidade de reunir a “assembleia litúrgica” se torna, a este respeito, um grave limite para a experiência de comunhão eclesial. Assembleias impossibilitadas, ou limitadas nos gestos, movimentos, cantos, alteraram o “âmago eclesial” e a possibilidade de “presença” nas realidades humanas e sociais. Por essa razão, uma reflexão sobre o impacto da pandemia para a Igreja tomou esse perfil cultural e litúrgico de modo central. Muitas vezes, porém, a “autoridade da Igreja” foi identificada com a possibilidade de “propor atos de culto”, sem considerar minimamente que a Igreja nem tanto “se designa a si mesma” no seu ato de culto, mas, sobretudo, “se revela” à ação da graça de Deus. De fato, ao celebrar, a Igreja nem tanto “ganha poder”, mas “perde poder”. Ao invés, esta passagem do senhorio para a liturgia, muitas vezes pareceu, como veremos, muito rápida e imediata. Pouco meditada.

c) A Igreja na circunstância da pandemia

De grande interesse é o fato de que, durante a pandemia, as duas perspectivas que indicamos - ou seja, a natureza de “corpo místico” e a de “assembleia litúrgica” - foram usadas numa relação complexa, frequentemente problemática ou até mesmo competitiva. O que quero dizer com esta observação? Que diante da confusão causada pela epidemia tão incerta e tão potente, que levou à tomada de medidas de isolamento e de cuidado muito drásticas na esfera civil, a Igreja experimentou uma forte crise de identidade, uma vez que viu suas “funções litúrgicas” reduzidas ou até mesmo impedidas. Para sair desta restrição, não é comum, mas foram usados argumentos muito redutivos e perigosos para um desenvolvimento integral e equilibrado da parte prática (pastoral). Por um lado, de fato, havia a tentação de “incumbir-se” numa visão de “corpo místico” garantido exclusivamente pela hierarquia. Parece que a hierarquia ganhou uma margem de “operatividade ritual” - mesmo ao custo de celebrar apenas de forma privativa - a Igreja pode ser salva! Por outro lado - e este é o outro extremo das reações - houve um total desejo de identificar a Igreja com as próprias “ações rituais” a ponto de sentir como que uma “afronta violenta” em cada tentativa de justificar a limitação dos contatos, dos espaços, dos movimentos. Talvez tudo isso tenha sido possível desde que fosse esquecido o rico e complexo caminho que nos levou a essas novas evidências. Vamos tentar recordar brevemente este recente caminho histórico.

2 O caminho de crescimento “após o Concílio Vaticano II”

As difíceis relações com a história, que sempre caracterizaram a vida da Igreja, permitiram desenvolver categorias de mediação através das quais a Igreja interpretou sua identidade em relação a Deus e ao mundo. Os termos “corpo

místico” e “assembleia litúrgica” foram usados para o mesmo fim, mas com intenção e referências muito diferentes. Mesmo diante da pandemia, era comum que a ênfase mais acentuada se voltasse para a instância do “corpo místico”, na qual se presume uma visão de Igreja e de mundo que o Concílio Vaticano II queria explicitamente superar.

A pandemia, desta forma, - usando a metáfora das “máscaras” em nossos rostos - deixou cair muitas destas máscaras. As mesmas máscaras com as quais buscamos principalmente uma “identidade perene” do corpo da Igreja e que, muitas vezes, a identificamos com as imagens do século XVIII, isto é, de forma intransigente, infalível, como “sociedade sem igual”.

A Igreja deve preservar sua própria “diferença”. Ai se não a fizer! Mas as categorias com as quais ela guia a esse propósito na história, nem sempre foram as mesmas. Diante da “crise da pandemia”, uma prova de “responsabilidade” e de “colaboração” com as autoridades civis, por parte da Igreja, não é em si uma indicação de uma “perda de relevância”. Uma “estilização de ritos” - temporânea e até dolorosa - pode ser a passagem obrigatória para uma Igreja que realmente quer ser o corpo de Cristo, místico e real. A tentação de identificar “corpo místico” e “rito tridentino” ainda permanece forte, e provém também dos ambientes que nunca pensamos que ainda poderiam ser assim tão atrasados, não apenas teologicamente, mas também pastoralmente, isto é, também na maneira de celebrar.

3 O desafio para o futuro

O que podemos esperar para o nosso futuro? Eu diria, claramente, pelo menos três aspectos:

a) Estávamos todos despreparados e reagimos como podíamos. Onde os Estados foram solícitos pelo bem comum, mesmo tomando medidas drásticas para restringir a livre

circulação de pessoas, permitiram salvar vidas. Não se deve esquecer que isso só é possível com base num “certo nível de estado social”. Até mesmo o “fechamento das Igrejas” pode ocorrer por meio de uma “solicitação social”, e até de forma intensa, encontrando, inclusive, meios à sua disposição para fazê-lo. Seria grave se a Igreja olhasse apenas para a “própria” liberdade e negligenciasse o bem comum.

b) A suspensão das celebrações ou até mesmo a sua limitação constituem, no entanto, uma “ferida” à ação normal da Igreja. A ferida não é “devida a alguém”, não é um erro que alguém faz à Igreja, mas é o resultado de decisões pensadas que podem e devem ser aceitas. Mesmo assim, elas fazem sofrer o corpo da Igreja que, para viver, precisa da palavra celebrada e do sacramento compartilhado.

c) Precisamente esta “condição de minoria” pode abrir espaços incríveis de recuperação no “pós-covid”. Se e quando for, poderemos e deveremos voltar às nossas “ações rituais” com toda a riqueza de um “desejo não realizado” – de linguagem verbal e não verbal – que finalmente tomará forma, figura, estrutura e força. Poderá ser útil lembrar que somente sendo “plenamente” assembleia celebrante, daremos forma ao “corpo de Cristo”, ao “corpo do Ressuscitado” que é o “corpo místico”.

4 Algumas verdades esquecidas que precisam ser redescobertas

A diferença entre o “estado de exceção” relacionado à persistência de estilos tridentinos e ao projeto do Concílio Vaticano II nos permitirá, um belo dia, dizer que “o estado de exceção acabou”. Podemos e deveremos voltar à lógica conciliar. Portanto, o “isolamento social” – com todo o sofrimento humano e comunitário que provoca – faz surgir duas lógicas opostas e antitéticas. Colabora para uma “igreja exclusivamente de padres” (e de padres exclusivos) e também

remete à iniciativa dos fiéis não clérigos e não masculinos. Em particular, emerge, ao mesmo tempo:

- a tentativa de apoiar uma “igreja de emergência de apenas padres celebrantes”, que se baseia em documentos e cânones do início da modernidade e pré-conciliares;
- a tentativa de justificar o papel da assembleia, de uma ministerialidade ampliada e do papel das mulheres, que implica a retomada de discursos profundos e decisivos sobre essas questões.

Tudo isso requer uma desclericalização radical e urgente, que possa dizer três questões decisivas, não de fato novas, mas que é urgente dizer de um modo novo.

a) Que a assembleia celebrante é o Corpo de Cristo ressuscitado (e, portanto, não pode ser de algum modo pensada ou considerada apenas acessória);

b) Que a assembleia precisa de “múltiplos ministérios”, não apenas a presidência do presbítero;

c) Que as mulheres possam exercer funções de autoridade, porque podem e devem ser reconhecidas como titulares de um ministério num sentido íntegro e pleno, de um ministério verdadeiro e não apenas de enfeite. Nas mulheres está implicado e expressado o anúncio apostólico, do qual depende a mesma tradição eclesial na sua verdade plena.

Esse caminho, pois, é difícil e, teologicamente, também é muito exigente. Poderá colocar definitivamente no sótão aqueles discursinhos clericais, bem selados em tristes auto-indicativos, onde ficam radiantes em citar as frases de homens certamente geniais, mas que viveram na época das invasões bárbaras ou do feudalismo, e ficam negociando e compartilhando acordos institucionais sem os terem escolhido, mas como se fossem evangelho ou, ainda pior, como se fossem “de direito divino”.

São as artimanhas típicas de uma igreja que não existe mais e

que fica bem apenas “a portas fechadas”. Porque há uma Igreja que sempre esteve “de portas fechadas” mesmo quando as portas estavam bem abertas. Uma Igreja que ficou fechada em condutas antigas, em palavras antigas, em fórmulas antigas. E justamente agora ela se vê melhor porque realiza, plenamente, a si mesma, graças à epidemia. E também realiza isso com uma ingenuidade simples e, às vezes, com uma arrogância sem pudor.

Mas não há só isso. Há, também, e bem viva, uma Igreja que precisa urgentemente recuperar os grandes discursos, que a oficialidade eclesial teve a força de fazer abertamente e solenemente há 60 anos atrás e que hoje parece tão confusa quando tem que repeti-los de forma credível. Há, porém, aqueles que o sabem fazer. E se encontra justamente naquele ponto alto da pirâmide que está de forma invertida³. Precisamente por causa dessa condição invertida, muito antes da atual pandemia que desertifica o mundo, mesmo quando o Papa Francisco ainda saía no meio da multidão festiva, numa Praça de São Pedro aberta, ele já havia aparecido gigantemente sozinho, buscando viver numa igreja de portas abertas, mesmo que ela preferisse continuar de portas fechadas. É aquela mesma Igreja que se revitaliza hoje, que se permite fazer sem o povo, se permite o substituir em tudo, por meio de um carimbo ou de um decreto. Se tivermos a paciência para ler os discursos escritos nas últimas semanas por muitos dos que estão em contatos próximos com esta cúpula da pirâmide de forma

3 Segundo o teólogo Andrea Grillo, a forma invertida quer significar que quanto maior e mais alto grau é o ministério, tanto mais na base deve estar. Ele entende que todo o ministério deve ser colocado a serviço. O verdadeiro ministério, principalmente o do alto da pirâmide, deve estar embaixo, na base. Por isso usa a expressão pirâmide invertida (rovesciata), literalmente virada, de cabeça para baixo. É uma inspiração do Papa Francisco que insistentemente pede uma Igreja de comunhão, do serviço, da sinodalidade. De cabeça para baixo significa que o vértice se encontra abaixo da base e desta obtém a sua autoridade, uma autoridade que se coloca a serviço.

invertida, não é difícil reconhecer que essa condição paradoxal de afastamento dobrou: o fechamento civil, duplicado pelo fechamento da Igreja. As portas fechadas da Igreja, porém, abrem uma **dupla responsabilidade**, extraordinariamente complexa: *aqueles que podem estar na igreja, procurem estar de forma diferente. Aqueles que na Igreja não podem estar, que saibam ser igreja em outro lugar e de forma diferenciada.*

a) O mínimo episcopal de teologia eucarística

Para ambas as categorias de sujeitos, não doi nada fazer um retorno a uma das fontes decisivas do entendimento eucarístico comum. O uso dos termos mais apropriados é, muitas vezes, o primeiro sinal de um estilo eclesial e de um método confiável. O texto normativo oficial, ao descrever a experiência de “celebração eucarística”, nunca usa o termo “missa sem povo”. O “esquema” usado pela *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR) 3ª edição, para falar das diferentes “formas” de celebração eucarística, é o seguinte:

- Missa com o povo;
- Missa concelebrada;
- Missa com a presença de apenas um ministro.

Isso acontece porque a IGMR sabe que a missa não pode ser celebrada “privativamente”, mesmo que seja o Papa. A missa é, antropológica e eclesialmente, um *evento plural e comunitário*. Humanamente, nunca inicia de “1”, isto é, de uma pessoa somente, mas pelo menos de “2”, de uma elementar comunidade. Esta é a mesma sabedoria que permanece escrita também no Código de Direito Canônico, quando no cânone 906 se encontra o seguinte: “O sacerdote não celebre o Sacrifício Eucarístico sem a participação de pelo menos alguns fiéis, se não por justa e razoável causa”.

Quando são feitas essas afirmações com tanta precisão, é colocado acima de tudo o valor da “celebração comunitária” e

se usa o termo “caso de necessidade” apenas como uma exceção, mesmo sendo dolorosa e difícil. A sabedoria teológica se encontra justamente em perceber e comunicar essas diferenças, tão sutis quanto um fio de cabelo, mas tão decisivas para a vitalidade da Igreja.

b) A Missa não é o “joguinho da torre”⁴

A compreensão profunda de um necessário “sentido litúrgico e pastoral” pode ser lida nos números 91-96 da IGMR⁵. Vejamos o primeiro número:

“A Celebração eucarística constitui uma ação de Cristo e da Igreja, que é o “sacramento da unidade”, isto é, do povo santo, unido e ordenado sob a direção do Bispo. Por isso, pertence a todo o Corpo da Igreja, e o manifesta e afeta; mas atinge a cada um dos seus membros de modo diferente, conforme a diversidade de ordens, ofícios e participação atual. Dessa forma, o povo cristão, “geração escolhida, sacerdócio real, gente santa, povo de conquista”, manifesta sua organização coerente e hierárquica. Todos, portanto, quer ministros ordenados, quer fiéis leigos, exercendo suas funções e ministérios, façam tudo e só aquilo que lhes compete” (IGMR 91).

Dizer que a missa “pertence a todo o Corpo da Igreja” é a visão mais profunda, sem qualquer “competição” entre os sujeitos, o que inverteria o próprio sentido da eucaristia. Cada um é sujeito. A lógica nunca é aquela que distingue entre livre e submisso. Seria um erro no uso das “categorias”. É como se fosse aceitar a lógica do joguinho da torre, jogo clássico e perverso: “na missa, quem é jogado da torre? o padre ou a assembleia?”

4 É uma brincadeira em que as crianças montam uma torre feita de cubos de madeira ou de plástico com tamanhos diferentes, às vezes enumerados. O jogo consiste em derrubar da torre os cubos sem deixá-la cair. Por fim cai também a torre.

5 Na *Instrução Geral sobre o Missal Romano* para o Brasil, n.58-62.

A mesma lógica “inclusiva” a encontramos na referência dedicada ao presbítero (IGMR 93), na qual a autoridade de presidência está relacionada ao serviço a Deus e ao povo. Não se usa as categorias de objetivo/subjetivo, mas aquelas de “serviço a Deus e ao povo”. Este serviço não pode ser separado, no sentido que assim, como não se pode servir o povo sem servir a Deus, também não se pode servir a Deus, sem servir o povo: a “oferta do sacrifício” se torna presente no “presidir o povo reunido”.

c) Temos vergonha, talvez, de dizer “assembleia celebrante”?

A resposta pode ser encontrada na brilhante e articulada definição da função do “ministro da assembleia”. Aqui seria interessante e oportuno recuperar, por parte de todos os fiéis e ministros da Igreja, a força desses textos, sem se distrair com documentos gravemente enganosos que tinham a ousadia de pedir “cautela” no uso da categoria de “assembleia celebrante”. Às vezes, de forma imprudente, essas lógicas apoloéticas de “combate aos abusos”, impedem de pensar com “ternura” a respeito das dinâmicas da Igreja. Os bispos e os presbíteros devem ter isso bem claro, pois “presidem uma assembleia que celebra”. O ato de celebrar é constitutivamente plural e comunitário. Para isso, retomamos o que nos diz a IGMR 95-96:

“Na celebração da Missa os fiéis constituem o povo santo, o povo adquirido e o sacerdócio régio, para dar graças a Deus e oferecer o sacrifício perfeito, não apenas pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e aprender a oferecer-se a si próprios. Esforcem-se, pois, por manifestar isto através de um profundo senso religioso e da caridade para com os irmãos que participam da mesma celebração. Por isso, evitem qualquer tipo de individualismo ou divisão, considerando sempre que todos tem um único Pai nos céus e, por este motivo, são todos irmãos entre si” (IGMR 95)⁶.

6 Na versão português Brasil, n.62.

“Formem um único corpo, seja ouvindo a Palavra de Deus, seja tomando parte nas orações e no canto ou, sobretudo, na oblação comum do sacrifício e na comum participação da mesa do Senhor. Tal unidade se manifesta muito bem quando todos os fiéis realizam em comum os mesmos gestos e assumem as mesmas atitudes externas” (IGMR 96)⁷.

Estes parágrafos evidenciam o “espírito da Igreja” desta arejada apresentação da experiência eucarística. Neste horizonte de “oferta comum do sacrifício e da participação comum à mesa do Senhor”, em comunhão com a palavra e o sacramento, a experiência da Igreja toma corpo. Desta forma, ela não se deixa fechar numa “prática de funcionários assediados”, o que trairia não apenas o *munus* episcopal, mas o próprio sentido do ministério ordenado. Permanecer orientados por aquilo que propõe a IGMR – para enfrentar o desafio de um tempo tão surpreendente e desconcertante – parece-me a única maneira de realmente ter presente, seja uma “mínima unidade” de ternura eclesial, seja um “mínimo episcopal” de competência eucarística. Depois da pandemia procuremos, pelo menos, não nos distanciar do que diz a IGMR, isto é, de pelo menos não dispensar da referência que ela nos propõe. E de recomeçar tudo a partir daí.

Referências Bibliográficas

- CNBB. *As introduções gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus, 2003.
MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 1992, 2ª ed.
PIO X, Papa. *Carta Encíclica Vehementer Nos*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1906.

7 Na versão português Brasil, n.62.

EUCARISTIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Considerações de um pastor

*Dr. Dom Hernaldo Pinto Farias**

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.8>

Recebido: 10 de dezembro de 2018 | Aprovado: 02 de abril de 2019

Resumo: O presente artigo quer aprofundar as celebrações litúrgicas, mais precisamente as celebrações eucarísticas, e fazer algumas provocações a partir de práticas realizadas neste tempo de pandemia, nem sempre condizentes com aquilo que a Igreja orienta. Ao mesmo tempo quer lançar luzes sobre o contexto que estamos vivendo a partir do Sacramento da Eucaristia.

Palavras-chave: Eucaristia. Missa. Liturgia das Horas. Igreja. Oportunidade.

Introdução

A pandemia da Covid-19 pegou todo o mundo de surpresa, atingindo não apenas os sistemas de saúde municipais, a economia das nações, mas também a vida da Igreja e, em particular, sua liturgia. Não tem sido fácil compreender e acolher toda essa realidade. E mais: para nós, não é possível acolhê-la sem a profunda vivência da fé no Cristo morto e ressuscitado. Durante esses meses que já se passaram, para muitos presbíteros alimentar a fé pessoal e também a fé da porção do rebanho a ele confiado e, por consequência, orientar a vida celebrativa de ambos tem sido um grande desafio.

O presente artigo foi solicitado pelo Superior Geral da Congregação do Santíssimo Sacramento, Padre Eugênio Barbosa Martins, SSS, para que os especialistas das mais diversas

* Bispo da Diocese de Bonfim (BA). Possui Mestrado em Teologia Dogmática pela PUC/SP; Mestrado e Doutorado em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo de Roma/IT. Foi assessor da Comissão Episcopal para a Liturgia da CNBB e Membro do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard. Email: hepifari@gmail.com

áreas do saber pudessem lançar luzes sobre essa realidade a partir da Eucaristia, como expressão do carisma eymardiano¹, pois, segundo a Regra de Vida da Congregação, “Procuramos compreender toda a realidade humana à luz da Eucaristia, ‘ápice e fonte’ da Igreja” (nº 34).

Impedidos de celebrar principalmente a Eucaristia com a presença indispensável dos fiéis – discussão que deve ser feita em outro momento –, muitos clérigos têm recorrido aos atuais meios de comunicação com transmissões de celebrações *on-line*, além daquelas já transmitidas pelas redes de televisão. A princípio, não isso é ruim, pois a Igreja, desde o Concílio Vaticano II, tem-se preocupado com a comunicação social, chegando a publicar diretórios para tal fim, aprovados em diversas Conferências Episcopais². A questão é que, além de, na maioria das vezes, tais transmissões não primarem pela discricção e decoro, perfeição e eficácia (SC 20; IM 14), por causa das improvisações e amadorismos, elas têm veiculado teologias e formas litúrgicas personalistas, revelando vícios que antes eram mantidos no recôndito de suas paróquias e, o mais preocupante, escancarando ao mundo a baixa preparação teológica e litúrgica de muitos. Num mundo globalizado, a Igreja globalizou também suas fraquezas litúrgicas.

Limitamo-nos a citar apenas algumas dessas transmissões, para não nos alongarmos e para adentrarmos no conteúdo que nos propusemos partilhar.

1 Eucaristia manipulada

No domingo de Ramos da Paixão do Senhor, um presbítero, após um breve canto, começou a Eucaristia persignando-se e dizendo: “Em nome do Pai, do Filho, da Mãe e do Espírito Santo”. Essa “fórmula” ritual, além de ser bizarra pela falta da

1 São Pedro Julião Eymard, fundador da Congregação do Santíssimo Sacramento.

2 Cf. CNBB. *Diretório de comunicação da Igreja no Brasil* (Documentos da CNBB 99). Brasília: Ed. CNBB, 2014.

necessária conjunção e o acréscimo de uma quarta pessoa (?) da Santíssima Trindade, nos leva a questionar o antiquíssimo axioma *lex orandi – lex credendi* (Próspero de Aquitânia – † após 455), pois Deus uno e trino, fonte e princípio de toda a fé professada pela Igreja em sua liturgia, que é a *theologia prima*, deixa de ser experimentado pela comunidade celebrativa como obra de salvação querida pelo Pai, operada por Cristo e continuada na liturgia, pela condução do Espírito Santo (SC 5-6). Transmitir conteúdos contrários à liturgia da Igreja é levar as pessoas a uma errônea e distorcida experiência da fé, submetendo-a a conceitos pessoais daqueles que deveriam ser guardiões e mestres da mesma (SC 14), pois a norma do orar determina a norma do crer. Fé que é eclesial e não subjetivista, e o presbítero presidente da celebração “deve estar lembrado de que ele é servidor da sagrada Liturgia e de que não lhe é permitido, por própria conta, acrescentar, tirar ou mesmo mudar qualquer coisa na celebração da Missa” (IGMR 24).

No mesmo domingo de Ramos, um bispo, além de outros presbíteros que também utilizaram a “grande ideia”, fixou nos bancos da igreja fotos impressas de fiéis de sua diocese. Para completar essa estranha cena, o prelado entrou com um presbítero assistente, nave adentro, munido de báculo, como pastor de seu *rebanho de papel*. A participação ativa, consciente e frutuosa dos fiéis por sua presença atuante na liturgia não é uma “brincadeira de papel”, como canta certa música brasileira sobre Papai Noel. Ela é a expressão da força do Espírito que age na ritualidade da Igreja, precisamente, através de seus ritos e preces (SC 48), o que também nos levaria a questionar o conceito e a orientação de “participação espiritual”, quando se fala de liturgia hoje. Além do mais, o báculo pastoral é uma das insígnias daquele que fora constituído pastor de seu rebanho reunido em torno ao presbitério e não, fictício. É o sinal de seu múnus pastoral, a exemplo do Cristo, Bom Pastor e, por isso mesmo, deve ser usado, sobretudo, em seu próprio território³.

3 Cf. CNBB, *Cerimonial dos Bispos (Cerimonial da Igreja)*, n.59.

Durante a Missa Vespertina da Ceia do Senhor, as “criatividades selvagens” foram até maiores: o lava-pés, já orientado pela Santa Sé para que fosse omitido (cf. Decreto *Em tempo de Covid-19 II*), foi “feito” por presbíteros que lavaram desenhos de pés, outro que lavou os pés das imagens dos santos de sua igreja, ou outro ainda, que lavou os pés de bonecos, somente para citar alguns exemplos. Ora, o chamado “lava-pés”, que já é um rito opcional nesta celebração de abertura do grande Tríduo Pascal para nossa participação nos mistérios do Senhor, não é uma mera encenação. Por ele, ritualizamos evocando a força teológica do serviço maior prestado por Cristo ao entregar sua vida ao mundo, porque muito amou. Teologia joanina muito cara à Igreja. Este gesto ritual é, portanto, a expressão de um amor incondicional que, celebrado na e pela Eucaristia da Igreja, deve ser imitado por todos aqueles que professam a fé em Jesus Cristo, a tal ponto de tornar-se a marca-opção de vida de seus discípulos e discípulas (cf. Jo 13,14.35).

Padres adotaram a prática de, após *sua* Missa, distribuir a comunhão eucarística a fiéis que fazem filas à porta das igrejas, mesmo que, segundo os “pastores”, estejam tomando os cuidados higiênicos e sanitários exigidos pelas autoridades. Houve também a prática do *Drive-through* ou, popularmente, *drive-thru – através do carro*. Este é um método usado no mundo do consumismo capitalista para vender produtos a clientes que, confortavelmente, os adquirem sem sair de seus veículos. A comunhão eucarística tem sido tratada quase como um verdadeiro *fast-food* (comida rápida), fabricada e preparada para não fazer o cliente esperar, e para recebê-la no conforto de seus carros por causa da frenética correria da vida, mas agora também por causa do “cuidado” com a possibilidade de contágio do novo coronavírus. Aqui, não só a ritualidade da Igreja é vilipendiada, mas, sobretudo, a Eucaristia é destituída de sua força de Ceia do Senhor, como alimento da vida eterna.

Não questionamos o fato da distribuição da sagrada comunhão em si, porque a Igreja normatiza tal prática⁴, mas a forma e o objetivo com que está sendo distribuída: como se comungar fosse o antídoto para a proteção viral ou porque o que importa ao fiel é somente a comunhão eucarística, sem qualquer ritualidade ou disposição interior de participação no Mistério do Senhor em sua íntima relação com a Celebração Eucarística (Cf. SCCEFM 13-15 e 25). E o clero se vê na obrigação de atender aos distorcidos desejos de grupos ou indivíduos.

E o que dizer de quando a Eucaristia é trasladada em um carro (quase alegórico, próprio dos carnavais), como se fosse um objeto para afastar o vírus das portas daqueles que a ela se voltam, devotamente? Sem falar nos desfiles de paramentos medievais de gostos duvidosos. A exposição da Eucaristia foi finalmente regulada pelo Ritual promulgado em 1973 e exige cuidados por parte dos pastores que, às vezes, a fazem tão somente para dar a bênção, o que tem acontecido com frequência nesses dias. Não é demasiado recordar que, desde 1967, com a Instrução *Eucharisticum Mysterium*, nº 66, a Igreja proibiu a exposição da Santíssima Eucaristia “unicamente para dar a bênção” (SCCEFM 89). Trata-se de sabedoria e prudência da Igreja para não facilitar as manipulações e, quem sabe, magias no trato com a Eucaristia.

E assim, tantas outras práticas nos têm preocupado e provocado muitas reflexões e questionamentos. Fiquemos, porém, apenas com as citadas acima.

4 Cf. SAGRADA CONGRAGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *A sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa*, n.16. De agora em diante citado como SCCEFM.

2 Perdemos oportunidade única?

Desde o início desta pandemia, aqui no Brasil com o primeiro caso divulgado no dia 26 de fevereiro do corrente ano, pesquisadores de várias áreas do saber humano e também teólogos, entre eles liturgistas, têm feito reflexões com o objetivo de iluminar essa realidade, que já se apresentava de forma quase anacrônica. Entre as várias reflexões houve uma que nos chamou a atenção: este é o momento propício para repensarmos e revalorizarmos a liturgia da Igreja doméstica. Não faltaram sugestões como a recuperação da prática da bênção dos alimentos, perdida nos últimos tempos; a oração antes de dormir, com a importante bênção dos pais a seus filhos; a leitura orante da Bíblia, como forma de deixar-se orientar pela Palavra de Deus, entre outras.

Uma forma orante de alimentar a fé nos parece mais apropriada para esta reflexão: a prática da Liturgia das Horas (LH) na Igreja doméstica e na vida dos presbíteros ou religiosos.

A Igreja tem sua forma de oração, prioritariamente comunitária⁵, que é a Liturgia das Horas, abandonada por muitos, sobretudo por leigos e leigas que, apesar da recuperação aos mesmos pelo Concílio (SC 100), não foram iniciados nos mistérios e, por isso, buscam às apalpadelas se manterem de pé às custas de práticas devocionistas. Será que não perdemos a oportunidade dessa recuperação na vida da Igreja, nestes tempos de pandemia? Em vez de transmitir práticas litúrgicas duvidosas, no intuito de manter a vida orante dos fiéis, ou de manipular a Eucaristia de diversas formas, como se fosse a única forma celebrativa da Igreja, apesar de ser a mais sublime, não seria o caso de incentivarmos os leigos a que alimentem sua fé através da oração da Liturgia das Horas? Os próprios presbíteros, não

5 Cf. Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, In. *As introduções gerais dos livros litúrgicos*, São Paulo: Paulus, 2003, n.9, p.288. De agora em diante citado como IGLH.

perdemos nós a oportunidade de reavivar nosso compromisso sacramental de rezar as horas do Senhor? Não seria também uma forma de solidariedade do clero com os milhares de leigos e leigas que, raramente, podem participar de uma Celebração Eucarística (como em tantos lugares do Brasil, onde comunidades passam um ou mais meses sem este Sacramento central da vida da Igreja), na certeza eclesial de que também nos unimos aos mistérios do Cristo quando celebramos a LH, meditando e cantando a Palavra de Deus?

Quem sabe o excesso de zelo pastoral nos tenha impedido de experimentar a simplicidade de nossa vida celebrativa, como se a Liturgia das Horas fosse “apenas” uma oração e, como fuga, fomos buscar o “espetáculo eucarístico”, quase transformando a Eucaristia em simples objeto devocional.

3 Liturgia das Horas – forma privilegiada de participação no mistério eucarístico

Ao rezar a LH, a Igreja santifica “o dia e toda a atividade humana” (IGLH 11), pois esta oração é “fonte de piedade e da multifôrme graça divina e [serve] também de alimento à oração pessoal” (IGLH 19). Por isso mesmo, a LH é “cume e fonte da atividade pastoral” (IGLH 18), recomendada pela Igreja para que os pastores, por meio dela, “encontrem [não só] uma fonte de piedade e alimento de sua oração pessoal, mas [também] nutram e incentivem, através de intensa contemplação, sua atividade pastoral e missionária para proveito de toda a Igreja de Deus” (IGLH 28).

Santificar a hora, o dia, as atividades, significa que pela Liturgia das Horas a Igreja revela sua genuína natureza de participante dos mistérios de Cristo pela oração (Cf. IGLH 22) a cada hora do dia, durante a semana e em cada tempo do ano litúrgico.

Aquele que faz uso da LH, portanto, experimenta os mistérios de Cristo a cada hora, pascalizando, assim, sua vida e

todas suas atividades. Tudo é lido, interpretado e vivido a partir da força da Páscoa de Cristo, que revitaliza os membros de seu Corpo, a Igreja. Das trevas à luz, da noite ao dia, da morte à vida. Noite e dia são transformados em experiência pascal cotidiana porque o Cristo mesmo, presente na ação orante salmódica da Igreja (SC 7), canta ao Pai seus mistérios (Cf. IGLH 13), tornando-a participante dos mesmos.

Limitando-nos apenas às horas do dia, tomando como referência a primeira semana, com as Vésperas, canta-se o mistério da morte do Cristo que salmodia a tentativa de domínio das trevas sobre o mundo, sobre ele. Este canto, porém, é pleno de confiança na bondade, misericórdia e ação de um Deus que não abandonou seu Filho na região dos mortos, e a morte não teve sua vitória. E Cristo canta: “*O Senhor é minha luz e salvação; de quem eu terei medo? O Senhor é a proteção de minha vida; perante quem eu temerei?*” (Sl 26 – quarta-feira). É por isso mesmo que a Esposa glorifica aquele que é sua “Cabeça..., o princípio, o Primogênito entre os mortos” (Cl 1,18 – quarta-feira) e suplica a Deus pelos irmãos e irmãs falecidos, para quem espera a vida eterna. No novo dia que surge, com as Laudes, a esperança da vitória do Cristo sobre o pecado, as trevas e sobre a morte se faz realidade, quando se canta a ressurreição: “Vós sois grande, Senhor, para sempre... Porque vós castigais e salvais, fazeis descer aos abismos da terra e de lá nos trazeis novamente” (Ct. Tb 13,2 – terça-feira). Nas Horas Médias, proclamando os mistérios de seus sofrimentos e crucifixão, o justo lamenta o abandono e, confiante em Deus, canta: “Até quando, ó Senhor, me esqueceréis? Até quando escondereis vossa face? Até quando estará triste minha alma? e o coração angustiado cada dia? Até quando o inimigo se erguerá?” (Sl 12,2-3 – terça-feira). Sem citar o Ofício dos fiéis defuntos, com o qual a Igreja canta o mistério da morte de Cristo na morte dos irmãos e irmãs, reafirma que não é a tristeza e o choro que devem prevalecer, mas a esperança

naquele que é o vencedor da morte, pois ele há de conduzir a sua companhia todos os que morreram na fé, em seu Filho Jesus Cristo.

Ora, nestes angustiantes dias de pandemia, quando a dor e a morte buscam seu domínio, quando o desespero parece querer ser a voz mais forte, quando o mundo não suporta mais as infundáveis trevas, ressoam os salmos da Igreja que canta com seu Senhor: “Guardei minha fé, mesmo dizendo: ‘É demais o sofrimento em minha vida!’ Confiei, quando dizia na aflição: ‘Todo homem é mentiroso! Todo homem’” (Sl 115,10-11 – Comum dos Apóstolos, São Matias). Pela oração, a Igreja pascaliza a vida, interpretando-a à luz dos mistérios de Cristo que vive e age nela. Ela, dessa forma, como mãe, se solidariza com toda a humanidade e, no sofrimento de seus filhos e filhas, continua a acreditar na força da vida que venceu a morte.

Tudo isso nos remete à Eucaristia, sacramento por excelência da celebração e participação da Igreja nos mistérios da Páscoa de Cristo. A Liturgia das Horas, por sua vez, está tão intimamente ligada à Celebração Eucarística que “alarga aos diferentes momentos do dia o louvor e a ação de graças, a memória dos mistérios da salvação, as súplicas, o antegozo da glória celeste, contidos no mistério eucarístico...” (IGLH 12). Por essa unidade com a Eucaristia, torna-se para a Igreja seu “sacrifício vespertino” (Sl 140,2), evocando o próprio sacrifício do Senhor quando, no cenáculo, confiou os santos mistérios a seus apóstolos e o realizou logo depois, na cruz (Cf. IGLH 39). Esta é a forma com a qual se pode falar de “sacrifício espiritual”, participação espiritual ou “sacrifício de louvor”: como fruto dos lábios que glorificam o nome do Senhor (Cf. Hb 13,15; IGLH 15).

Mais ainda: para a Igreja, “a própria celebração eucarística tem na Liturgia das Horas sua melhor preparação, porque esta suscita e nutre da melhor maneira as disposições necessárias para uma frutuosa celebração da Eucaristia, quais são a fé, a esperança, a caridade, a devoção, o espírito de sacrifício” (IGLH 12).

A LH encontra tamanha importância por parte da Igreja que, por causa dos mistérios do Cristo que são estendidos no decurso do dia e do tempo, uma das horas pode ser usada como rito para o culto eucarístico fora da Missa (exposição da Santíssima Eucaristia), sobretudo uma das horas principais (Laudes ou Vésperas). “Na verdade, por ela os louvores e as ações de graças tributados a Deus na celebração da Eucaristia estendem-se às diversas horas do dia e as preces da Igreja se dirigem a Cristo e por Cristo ao Pai em nome de toda a humanidade” (SCCEFM 96). De fato, pela adoração a Igreja prolonga a Eucaristia celebrada, contemplando no Pão Eucaristizado os mistérios daquele que nos deu a salvação.

A Liturgia das Horas é, de fato, uma forma privilegiada de participação nos mistérios eucarísticos da Igreja e pode ser incentivada e melhor experimentada por todos, em particular pelas famílias nesses difíceis tempos de isolamento social que vive a humanidade.

À guisa de conclusão

É curioso, e quase paradoxal, que a forma de compreender a realidade humana à luz da Eucaristia aqui proposta seja justamente, sem ela. Ou melhor, através de outro rito que não o da Celebração Eucarística. Assim foi feito para, justamente, preservar a Eucaristia de seu sublime e mais digno lugar e condição na vida da Igreja. Foi para que não seja feito o que tem acontecido em vários lugares do mundo, banalizando a Eucaristia como se fosse possuidora de qualidades mágicas, através de práticas que desconsideram seu sentido e desrespeitam toda e qualquer norma do rito litúrgico.

Em vez disso, somos chamados a reafirmar e revalorizar a liturgia doméstica, cuja vida pode e deve ser alimentada através da oração dos mistérios de Cristo cantados nos Salmos, utilizando-se da força e sabedoria das Sagradas Escrituras. Esta é

uma boa oportunidade para promover cada vez mais na Igreja a Oração das Horas, pascalizando por ela o cotidiano para ajudar a ler a realidade à luz da Eucaristia, Páscoa de Cristo Jesus, nosso Senhor e redentor.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

CNBB. *As introduções gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus, 2003.

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM - sobre a Sagrada Liturgia In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2014, 7ªed. p.33-79.

DECRETO INTER MIRIFICA - sobre os meios de comunicação social. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2014, 7ªed. p.87-100.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *A Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico Fora da Missa*. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *Cerimonial dos Bispos*. São Paulo: Paulus, 2001, 3ªed.

_____. *Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. *Missal Romano*. São Paulo: Paulinas, 1992, 2ªed.

EUCARISTIA: FONTE E CUME DA VIDA CRISTÃ

"Tomai e comei, fazei isto em memória de mim" (Lc 22,19)

*Dr. Pe. Rogério L. Zanini**

*Pe. Claudir Meoti***

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.9>

Recebido: 15 de novembro de 2018 | Aprovado: 01 de março de 2019

Resumo: Para viver uma espiritualidade libertadora, talvez o mais delicado e exigente seja a relação dos católicos com a Eucaristia. Infelizmente, a Eucaristia, o mais precioso tesouro da fé e da vida espiritual, ainda se encontra aprisionada e envolta de estruturas rígidas que nem sempre permitem às pessoas se deliciarem com o mistério. Urge como desafio refazer a centralidade da ceia de Jesus para que ela possa novamente se tornar o alimento comunitário, ligada com a vida e às lutas cotidianas, como sacramento da partilha e do amor de Cristo levado até o extremo (Jo 13,1). A realidade da pandemia com o fechamento das Igrejas/Templos fez perceber os desafios da evangelização em relação à Eucaristia, bem como seus avanços na compreensão da ceia como banquete de solidariedade com os pobres e excluídos. Por isso, a reflexão que segue busca, primeiro, discorrer de forma narrativa sobre os Evangelhos com o objetivo de perceber a centralidade das refeições na vida de Jesus. Em segundo lugar, compreender o sentido do mandamento, deixado por Jesus: *fazei isto em memória de mim*. E, por fim, em terceiro lugar, o *tomai e comei* como banquete da vida, rechaçando qualquer perspectiva individualista e farisaica em relação à Eucaristia.

Palavras-chave: Jesus. Eucaristia. Evangelização. Vida.

Introdução

A pandemia, como não poderia ser diferente, afeta a vida da Igreja. No livro do Apocalipse encontra-se uma passagem, na

* Padre da Diocese de Chapecó. Doutor em teologia pela PUCRS. Professor e Diretor da Itepa Faculdades - Passo Fundo. Email: zaninipastoral@hotmail.com

** Padre da Diocese de Chapecó. Pároco da Paróquia Senhor Bom Jesus da Coluna, Xanxerê - SC. Formado em filosofia e teologia e pós-graduado em Liturgia e em Iniciação à Vida Cristã - Catequese. Email: claudirmeoti@yahoo.com.br



qual o autor afirma, referindo-se às comunidades: “quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7). Se o Espírito é o agente primeiro da evangelização: como nesta realidade obscura, provocada pela pandemia, se revela e atua a força do Espírito nos processos de evangelização? Que diagnóstico eclesial é possível verificar diante do cenário da pandemia? Alguns já se perguntam como será depois da pandemia. Questão importante se estiver embasada numa reflexão correta do cenário deixado por ela. Senão, há o sério perigo de propor respostas a questões inexistentes. Daí a importância de perguntar-se especificamente pela realidade da Eucaristia, fonte e cume da vida cristã, e suas consequências para os processos de evangelização.

Diante das orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para *controlar* a contaminação pelo coronavírus, uma das medidas é o distanciamento social. Essa orientação necessária e eficaz transtornou a caminhada de evangelização, principalmente quando foi preciso *coibir* a participação física dos fiéis na celebração eucarística. Surge o grande questionamento: vamos ficar sem comungar? A pergunta é interessante e sobre o que tentamos discorrer neste texto é o verdadeiro sentido do comungar do Corpo e Sangue de Cristo para a vida daqueles que desejam seguir a proposta do Evangelho.

A reflexão que segue aborda, em primeiro lugar e de forma narrativa, os Evangelhos com o objetivo de perceber a centralidade das refeições na vida de Jesus. Em segundo lugar, em conexão com as narrativas das refeições, busca compreender o sentido do mandamento deixado por Jesus: “fazei isto em memória de mim”. E, por fim, em terceiro lugar, o *tomai e comei* como banquete da vida, rechaçando qualquer perspectiva individualista e farisaica em relação à Eucaristia. Ao refletir esses três pontos, desejamos firmar que a Eucaristia é, sim, central e alimento indispensável aos que seguem a Jesus. Ela é o sustento essencial para a missão de anunciar o Reino de Deus.

1 Jesus e as refeições

Quando se analisa a vida de fé da Igreja católica, fica evidente a importância teórica e prática da Eucaristia. A tradição é longa e muito fecunda historicamente. Desde o início do cristianismo, a Eucaristia se tornou o núcleo por excelência da experiência cristã. Central na vida de Jesus, a Igreja entendeu a Eucaristia, na expressão Concílio Vaticano II (1965), como “fonte e cume da vida cristã”. Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, “fonte e centro [cume] de toda a vida cristã” (LG 10; QA 84), a Igreja se torna o que ela de fato é: comunhão.

Para compreender o processo da configuração da Eucaristia como expressão da realidade comunal da Igreja, é importante voltar às primeiras narrativas dos Evangelhos. Os Evangelhos são a carta magna da grande síntese das palavras-mandamento de Jesus: “faça isto em memória de mim”. Que memória se está atualizando em cada celebração eucarística?

As narrativas bíblicas deixam entrever uma infinidade de momentos em que Jesus se refere ao alimento. São uma gama bem expressiva dos banquetes e refeições realizados na presença de Jesus. Como se dirá a seguir, Jesus revela-se um homem da mesa e colocará quase como necessidade imprescindível a comensalidade para participar do Reino de Deus. As narrativas das refeições, antes de celebrar a última ceia, são uma amostra do reinado de Deus e, também, das dificuldades próprias de os discípulos entenderem a novidade que Jesus traz à humanidade. Quando se percorre as narrativas dos evangelhos, é perceptível que houve uma sequência de outras refeições e banquetes na presença de Jesus, anteriores à última ceia. Sem a preocupação exaustiva de esgotar, retomam-se algumas refeições narradas pelos Evangelhos.

Jesus como peregrino ia de casa em casa compartilhando da

experiência da vida e acolhendo o que lhe ofereciam. É convidado para fazer refeições e participa com alegria. Jesus também aparece convidando-se para estar na casa das pessoas, como mostra o exemplo de Zaqueu. Encontro que começa no caminho e termina na casa, com a conversão e mudança de vida de Zaqueu (Lc 19,1-10). Há situações inesperadas, em que o banquete é preparado, mas os convidados não aparecem. Jesus contorna aquela decepção, mandando convidar um público marginalizado e excluído, segundo a visão daquela sociedade: os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos (Lc 14,15-24). A lição é a possibilidade de autoexclusão em participar do Reino de Deus, não por parte de Jesus, que não exclui ninguém, mas pelo contrário. Ao assegurar que dos pobres é o Reino de Deus, Jesus revela o desejo da universalidade do banquete. No entanto, a participação no Reino não se dá de qualquer forma, é fruto das escolhas, ou melhor, da resposta dada diante das exigências para fazer parte do reinado de Deus.

Algumas refeições se tornam escolas catequéticas para instruir os discípulos na responsabilidade e no compromisso com a fome das pessoas. Exemplo típico é a “multiplicação” dos pães que, apesar das diferenças, é narrada por todos os evangelistas (Mt 14,13-21; Mc 6,30-40; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13). O que importa nesses textos é evidenciar pessoas com fome e o ensinamento de Jesus. Jesus sonda a opinião dos discípulos sobre o que fazer diante do povo faminto e os responsabiliza: “dai-lhes vós mesmos de comer...”. Os discípulos só veem duas saídas: uma, mandar o povo embora, ou seja, quem tem come e quem não tem se vira como pode. Outra, a saída personalista, com ares messiânicos, ou seja, alguém vai comprar pão para todos. E surge o caminho aberto por Jesus: avaliar o que possuem, organizar, partilhar, cuidar das sobras e evitar os desperdícios. É a lição de outro modo de pensar como deve ser a nova sociedade testemunhada pelos discípulos/cristãos, seguidores de Jesus em todos os tempos.

O Papa Francisco traz presente esse texto, justamente ao se referir e desejar uma Igreja em saída. “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”! Acrescenta: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada, por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”. E revela seu maior medo:

Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6,37) (EG 49).

O evangelista São João, ao narrar a multiplicação dos pães, apresenta uma realidade bem curiosa. Para o que interessa aqui, João da mesma forma fala da multiplicação dos pães, no entanto, logo em seguida, Jesus percebe que o povo e os discípulos o estão seguindo e, surpreendentemente, os adverte: “Em verdade, em verdade, vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes” (Jo 6,26). Na sequência, explicita abertamente o caminho da cruz e o que significa comer seu corpo e beber seu sangue. Isso as pessoas consideram duro demais e se colocam em debandada: “A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele” (Jo 6,66). Ao que Jesus interpela os doze: “não quereis também vós partir?” (v. 67). Simão Pedro, respondeu: “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,68-69). É a pergunta cortante sobre a disposição de seguimento de Jesus e sobre a consciência da necessidade de arcar com o peso da cruz. Por que seguimos a Jesus? As pessoas percebem sinais de amor, de renúncias, de radicalidade na opção dos cristãos em vista da justiça, da casa comum e no projeto do Reino de Deus?

Retomando os evangelhos, outra realidade que se vislumbra na prática de Jesus é a relativização dos bens em vista da vida. Significa colocar os bens do mundo a serviço da vida. Cena chamativa, neste sentido, acontece quando os discípulos colhem espigas de trigo para saciar sua fome, em campos alheios, em dia de sábado, como nos relata São Marcos (Mc 2,23-28). Segundo os fariseus, é sábado e não é permitido, porque descumprem uma das leis mais sagradas dos judeus. Não importa, nesse caso, se está em jogo o problema da lei do sábado ou da colheita dos bens alheios. A resposta de Jesus é profética: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (v. 27)¹. Em São Mateus, o questionamento aparece depois que Jesus cura um homem em dia de sábado. Na resposta, Jesus compara entre o valor de uma ovelha resgatada de um buraco e o do ser humano. O que se faz, se cair uma ovelha no buraco em dia de sábado? Não irão socorrê-la? Portanto, se vale para o animal, muito mais ao ser humano, fonte de dignidade absoluta (Mt 12,11-12).

O teólogo Maria José Castillo, depois de passar em revista os textos eucarísticos do Novo Testamento, conclui com duas ideias interligadas. Uma, “a eucaristia é fato comunitário, isto é, não existe nenhum texto no qual a eucaristia aparece como gesto individual realizado por um indivíduo e para um indivíduo, mas se trata sempre de algo partilhado por um grupo”. Outra, a Eucaristia é comida sempre partilhada. “Significa que não é ‘coisa’ santa e sagrada, mas uma ação que, logicamente, comporta determinado simbolismo”².

Outra característica destacada por Castillo é o fato de Jesus instituir a Eucaristia em uma refeição (ceia de despedida). Fato

1 Cf. Ildo Bohn GASS, *Jesus sobrepõe às leis o direito à vida*. 28 de maio de 2018. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/jesus-sobrepoe-as-leis-o-direito-a-vida/>. acesso em 01 de agosto de 2020.

2 Cf. José María CASTILLO, Eucaristia. In: C. F. SAMANES; José TAMAYO ACOSTA (orgs.), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p.252-253. Grifo do autor.

que remete a uma prática de Jesus e de sua comunidade, o que considera algo expressivo. E, assim como se assinalou acima, Castillo também chama a atenção para os contextos polêmicos das refeições de Jesus. 1) Jesus e seus discípulos não se encaixam às normas rituais e religiosas, que todo judeu observante levava em consideração (Mc 7,2-5; Mt 12,21; Jo 18,28). 2) Compartilham à mesa pessoas desacreditadas, como pecadores e gente indesejável (Mc 2,16; Lc 15,2). 3) A comunidade de Jesus não jejuava conforme as prescrições exigidas pela lei (Mc 2,17-18). 4) Os inimigos de Jesus também o acusavam de ser comilão e beberão (Mt 11,18-19). São elementos claros que revelam que Jesus e sua comunidade rompem com a teologia estabelecida por aquele sistema religioso. Porque: “O verdadeiro sentido teológico da comida partilhada, segundo o ensinamento evangélico, consiste em compartilhar a vida e se solidarizar com os pobres e desamparados deste mundo”³.

Ora, essas passagens dos Evangelhos visualizam a percepção da constância das refeições na vida de Jesus, bem como das dificuldades das autoridades, das classes abastadas e dos próprios discípulos de aceitarem a mesa como símbolo da comunhão, da fé, da justiça e do amor como doação total (Jo 13,1).

2 Banquete de despedida: “Fazei isto em memória de mim”

O fato de Jesus realizar uma ceia para se despedir na véspera de sua morte aparece, por um lado, sem surpresa na vida dos discípulos e, por outro, está em continuidade com o pilar fundamental de sua vida. Quer dizer, uma refeição estava totalmente em ordinário com a prática de Jesus, ou seja, despede-se da mesma forma como viveu. O antes, o durante e o depois estão em sintonia e comunhão profunda em Jesus de Nazaré. Jesus é aquele que passou pelo mundo fazendo o bem,

3 José María CASTILLO, Eucaristia. In: C. F. SAMANES; José TAMAYO ACOSTA (orgs.), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p.253.

como recorda São Pedro (At 10,38), se despede dos seus com uma refeição. É o testamento autorizado e missionário para que os discípulos não duvidem da necessidade de continuar fazendo *isto* em memória de Jesus.

Com esse pano de fundo, fica mais fácil entender o apóstolo Paulo, quando reclama da falta de fraternidade entre os membros da comunidade. Porque uns comem do que têm e antes dos outros, e os demais permanecem com fome. Desta forma, comem da própria condenação. “Eis porque todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor” (1Cor 11,29). E, às duras penas, Paulo consegue ajudar a comunidade a manter o critério fundamental: não se esquecer dos pobres (Gl 2,10) e a necessidade de superar todas as divisões, porque não há mais judeus ou gregos, escravos ou livres, homens ou mulheres (Gl 3,28). A fraternidade é a identidade cristã: “amai-vos uns aos outros” (Jo 15,17). O testamento repetido em todas as celebrações: “o amor de Cristo nos uniu”.

Assim se entende, a relação intrínseca entre banquete eucarístico e amor ao próximo. Essa foi a grande missão das primeiras comunidades cristãs para manter-se na fidelidade à memória de Jesus e no desejo de se constituir em um só coração e uma só alma. Ainda, a luta para vencer a tentação da propriedade privada, colocando tudo em comum (At 2-4), projeto evangélico audacioso que peregrinou na história, não sem dificuldade, conforme o relato do casal, Ananias e Safira, que desviam o dinheiro de uma propriedade (At 5,1-11). Atitude designada como pecado contra o Espírito Santo.

É nessa matriz bíblica que está fundamentada a vida cristã, e fazer memória é atualizar esse ensinamento sempre pertinente na história do cristianismo. Então, ao dizer sim ao batismo, os cristãos estão assumindo esse compromisso de morrer para uma determinada forma de vida e mergulhar no estilo de Jesus. Um mergulho por inteiro na missão de ser uma nova criatura, um

novo nascimento, como Jesus exigiu de Nicodemos (Jo 3,1-36). Nascer de novo é colocar-se a caminho dessa meta e deixar-se converter pelas águas do Cristo crucificado-ressuscitado, a fim de ser instrumento de Deus no mundo.

As diferentes refeições e a ceia de despedida, com a presença, inclusive, de Judas apontam para as tensões e os conflitos diante do seguimento. Judas expressa a decisão, o não compromisso com Jesus. Jesus e os discípulos *suportam* Judas durante todo o tempo da missão, esperando sua conversão. No entanto, Judas se mostra sempre mais fora da *memória* de Jesus para assumir a *memória* do mundo, das autoridades, das classes políticas. A noite do mundo, Nicodemos conseguiu superar, mas Judas não. A saída de Judas não é rejeição do grupo dos discípulos. Sua adesão decisiva ao grupo dos guardas, das autoridades e dos sumos sacerdotes do Templo fez de Judas um infiel ao projeto do Reino de Deus. Quem não faz aliança com o grupo de Jesus faz aliança com seus opositores. Quem não participa do banquete de Jesus, participa de outro banquete. Não há neutralidade: ou se escolhe a vida ou, a morte (Dt 30,15-20). Judas tem nas mãos a vida e a morte e escolhe a morte, rompendo a Aliança. Na verdade, é à mesa que Judas confirma não ter tido comunhão com Jesus e com seu grupo, durante o ministério e durante os ensinamentos⁴.

Outrossim, a atitude de Judas expressa a total contradição de comungar do pão e não do projeto de Jesus. O banquete eucarístico desponta, portanto, como elemento de discernimento na vida dos cristãos. Alimento de Jesus, também, para os fracos, excluídos, rejeitados e não prêmio para os bons, como assegurou o Papa Francisco: “A Eucaristia não é um prêmio para os bons, mas remédio para os fracos”. E declara que o Reino de Deus é uma festa: “Por isto peçamos que dê de comer a todos nós. Dar de comer aquele alimento espiritual que

4 Cf. Isidoro MAZZAROLO, *Lucas em João*, p.91.

nos fortifica, à mesa na Eucaristia, mas também dar de comer a todos, neste mundo onde o reino da fome é tão cruel”⁵.

Atualmente, presenciamos cristãos clamando: “Queremos Eucaristia...”; “Estou com saudade de comungar...”; “Tenho direito a Eucaristia ...”. O que esses *gritos* estão revelando? Uma experiência eucarística, como memorial da vida em abundância levado a cabo por Jesus até a cruz, ou a experiência de um alimento espiritual, sem implicância religiosa, social e política no mundo? Jesus, ao se despedir dos discípulos, garante a unidade d’Ele com o Pai: “Eu e o Pai somos Um” (Jo 10,30). Os cristãos, ao participarem do banquete eucarístico, se tornam outro Cristo? Quem vê os cristãos comungarem, entrarem na filha da Eucaristia todos os domingos, como imagina sua atuação moral, ética, social e política ... durante a semana?

A Eucaristia é o desejo trinitário de um mundo de fraternidade e de justiça. Segundo Gustavo Gutiérrez, a unidade profunda das diferentes significações que o termo *koinonia* tem no Novo Testamento poderia se resumir em três realidades. Em primeiro lugar, a partilha dos bens necessários à existência terrestre. “Não deixeis de fazer o bem e compartilhar os bens, por que esses são os sacrifícios que agradam a Deus” (Hb 13,16; At 2,44; 4,32). É assim um gesto concreto de caridade fraterna. Por isso, Paulo utiliza esta palavra para se referir à coleta em favor dos cristãos de Jerusalém. “Esses glorificam a Deus pela generosidade de sua comunhão com eles e com todos” (2Cor 9,13; 2Cor 8,3-4; Rm 15,26-27). Em segundo lugar, a *koinonia* designa também a união dos fiéis com Cristo, por meio da Eucaristia: “O cálice da bênção que abençoamos, não é a comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo?” (1Cor 10,16). *Koinonia* significa, finalmente, a união dos cristãos com o Pai: “Se

5 Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/eucaristia-nao-e-premio-para-os-bons-e-remedio-para-os-fracos-diz-papa/>. Acesso em 14 de maio de 2020.

dizemos que estamos em comunhão com Ele e caminhamos nas trevas, mentimos e não procedemos conforme a verdade” ((1Jo 1,3.6); com o *Filho*: “Pois fiel é Deus, por quem fomos chamados à comunhão com seu Filho” (1Cor 1,9; 1Jo 1,3); e com o *Espírito*: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo esteja com todos vós” (2Cor 13,13; Fl 2,1)⁶.

A fraternidade humana, portanto, tem seu fundamento na plena comunhão com as Pessoas Trinitárias. O laço que une a realidade divina com a humana é recordado e anunciado eficazmente na Eucaristia. Significa que, sem um real compromisso contra os mecanismos de opressão e de alienação, e, portanto, a favor de uma sociedade igualitária e justa, a celebração eucarística é um ato vazio. Fazer memória de Cristo é mais que realizar um ato cultual; é aceitar viver sob a perigosa profecia da cruz e da esperança da ressurreição. É aceitar o sentido de uma vida que chegou até a morte, d’Aquele que passou pelo mundo fazendo o bem e foi reconhecido pelo centurião romano, como realmente Filho de Deus (Mc 15,39).

Um texto de São Mateus é claro a respeito da relação entre culto e fraternidade humana. “Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mt 5,23-24). Não se trata do problema de uma consciência escrupulosa e sim de viver segundo as exigências do amor. Significa que ser causa de queda da fraternidade humana desqualifica para participar da celebração do Senhor. Porque a celebração com o Senhor é a mais pura manifestação do amor da família humana e cósmica. Por isso, o Evangelho de Mateus insiste na necessidade do perdão infinito

6 Cf. Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p.325.

(70 vezes 7), porque com as relações humanas quebradas não há verdadeiramente banquete eucarístico (Mt 18,21-22).

A comunidade cristã não pode oferecer de maneira autêntica o sacrifício de Cristo se antes não realizar de modo efetivo, o preceito do amor ao próximo. Desligar esse sacrifício do amor ao próximo é a razão das duras críticas dos profetas e do próprio Jesus. Ora, se o serviço ao próximo estivesse ausente, neste caso, a oração e toda a liturgia, como também o falar de Deus, não passariam de falsidade e hipocrisia. Assim entendia São Paulo, por isso, antes de relatar a instituição da Eucaristia, assinala a condição necessária para fazer parte do banquete. É o que critica na comunidade dos coríntios, quando de suas reuniões para celebrar a ceia do Senhor (1Cor 11,17-34; Tg 2,1-4)⁷.

Da mesma forma, o biblista Isidoro Mazzarolo realça que a Eucaristia é uma festa, uma reunião e uma refeição. Na sua etimologia é uma ação de graças. Ela não pode suportar a contradição, nem ser uma simples memória do passado, mas a historicização do compromisso, da aliança com outro e com o mundo na dinâmica de Cristo. A dimensão escatológica da Eucaristia como banquete perfeito não se separa jamais na mesa do mundo. É aqui na história de nossos dias, no tempo presente, na criação que geme e sofre em dores do parto (Rm 8,22) que a salvação acontece. É o compromisso na história que constrói a libertação. Ela exige uma comunhão com os pobres do mundo (Lc 6,20-23)⁸.

3 Banquete da vida: “Tomai e comei”

É na refeição que Jesus se despede antes de enfrentar o sacrifício do Calvário e da Cruz. Sua despedida não foi uma negação de sua vida, mas a entrega total dela para que os sinais do Reino de Deus possam estar presentes na realidade histórica.

7 Cf. Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p.323.

8 Cf. Isidoro MAZZAROLO, *Lucas em João*, p.94.

A sua ausência física não será sinal de distanciamento ou de abandono, pelo contrário, será sinal de proximidade e de aconchego. Alias, Ele permanece vivo entre nós nas espécies do pão e do vinho que, quando transubstanciados pela ação do Espírito Santo, se tornam seu próprio Corpo e Sangue. “A transformação do pão e do vinho no Corpo e Sangue do Senhor não é um fim em si mesma, mas tem por finalidade fazer a Igreja, isto é, transformá-la no corpo místico”⁹. Quer dizer, “o corpo sacramental está orientado à nossa transformação ‘em um só corpo’, o corpo eclesial”¹⁰.

É no banquete da vida que, pela atuação do presbítero *in persona Christi*, acontece essa ação do Espírito Santo sobre os dons do pão e do vinho. Mais especificamente, é “em virtude da prece eucarística pronunciada sobre eles, que os elementos da ceia se transformam substancialmente, de forma que – como declara solenemente Justino – não são mais ‘um pão comum, nem uma bebida comum’, mas ‘a carne e o sangue daquele Jesus que se encarnou’”¹¹.

É fundamental perceber que a ação do Espírito Santo não se dá só sobre os dons do pão e do vinho, mas também, sobre os fiéis que participam da celebração Eucarística.

Enquanto a epiclese sobre as oblatas pede a Deus Pai que mande o Espírito Santo para que transforme o pão e o vinho no corpo e no sangue do Senhor Jesus, a epiclese sobre os comungantes pede, para quem se prepara para fazer a comunhão, a transformação em um só corpo. Os dois pedidos não são independentes, mas constituem, de fato, uma única e mesma súplica¹².

Assim, ao dizer aos apóstolos *tomai e comei*, Jesus está lhes confiando o alimento salutar que os manterá fiéis na

9 Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.8.

10 Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.11.

11 Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.22.

12 Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.47.

continuidade da sua missão de anunciar o Reino de Deus. Da mesma forma, continua a dizer aos que participam da ceia eucarística que a Eucaristia é o *sinal* por excelência daqueles que fazem o bem, nutridos do projeto vivido por Jesus, que tem a defesa da vida sempre em primeiro lugar. Portanto, *tomai e comei* é comprometer-se em ser no mundo um discípulo fiel de Jesus, tendo os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (Fl 2,5). Porque, pela Eucaristia, Ele habita em nosso ser para sermos no mundo um com Ele.

Jesus é Deus-por-nós, Deus-conosco, Deus-em-nós. Jesus é Deus dando-se completamente, vertendo-se por nós sem qualquer reserva. Jesus não se apega a suas próprias posses. Ele dá tudo que existe para dar. ‘Comei, bebei, este é o meu corpo, este é meu sangue... este sou eu para vós!’¹³.

É o gesto tão simples e cotidiano de reunir-se em torno da mesa para a refeição que Jesus transforma em baquete da vida. Ao tomar o pão e o vinho e dizer que esses serão sinais eternos de sua presença viva entre nós, Jesus torna célebre um ato comum, mas que revela a essência do existir. A Eucaristia é um gesto humano que se tornou divino pela ação de Jesus, mas que deseja humanizar ainda mais as relações entre as pessoas que, ao participar deste banquete, se comprometem a fortalecer a comunidade, a amizade, a paz, o amor, a justiça, a esperança. Enfim, o desejo de um mundo novo, em que realmente “Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28c).

É no ato de dar-se de Jesus que o pão e o vinho se transformam pela ação do Espírito Santo em Corpo e Sangue. Isso é Eucaristia. Assim se entende melhor que o sacrifício é parte integrante da ação de Jesus para a edificação do Reino de Deus e a salvação da humanidade. É nesse sentido que a participação na Eucaristia só se torna plena se a vida se tornar

13 Henri J. M. NOUWEN, *Com o coração em chamas*, p.54.

Eucaristia: comunhão com Deus e comunhão com os irmãos.

Esta comunhão, pode-se dizer que está no mais íntimo desejo de Deus. No entanto, Deus respeita a liberdade e o tempo de cada ser humano. Ninguém é forçado! É verdade que Deus vai aos extremos do amor para tocar o coração humano.

Comunhão é o que Deus quer e o que nós queremos. É o clamor mais profundo de Deus e de nosso coração, porque fomos feitos com um coração que só pode ser satisfeito por quem o fez. Deus criou em nosso coração um desejo por comunhão que ninguém além de Deus pode e quer realizar. Deus sabe disso. Nós, raramente¹⁴.

A Eucaristia é a comunhão com Deus por excelência. Por ela se pertence ao Reino de Deus: “Quem comer deste pão viverá eternamente” (Jo 6,51b). Mas ela não é fim em si mesma, pois remete à missão de continuar a obra de Deus, a qual só será completa no fim dos tempos. A cada ação em defesa da vida se realiza mais comunhão com Deus e mais concorpóreos de Cristo nos tornamos. Revela-se, desta forma, que é Ele que está agindo no ser humano levando a pleno efeito a participação da humanidade no banquete da vida.

A presença real não nos foi dada só para que possamos adorar a Cristo sob as espécies eucarísticas; a comunhão não nos foi dada principalmente para que possamos encontrar e receber no coração o amigo Jesus, a quem fazemos, por alguns instantes, uma fervorosa e afetuosa companhia. O Senhor não instituiu a eucaristia em função de nossos olhos que a contemplam. Ele a instituiu em função de nossas bocas que se nutrem dela: instituiu-a para que a comêssemos¹⁵.

É em torno da mesa do altar que se estabelece comunhão com Deus e através da comensalidade do Corpo e do Sangue de Cristo, que Ele vai assumindo a vida de quem se deixa contagiar

14 Henri J. M. NOUWEN, *Com o coração em chamas*, p.57-58.

15 Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.49.

por seu ensinamento. Então, no dizer de São Paulo, “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). De tal maneira que as ações dos comungantes devem estar em continuidade com as ações de Cristo, especialmente nos gestos de partilha e de defesa da vida. Essa é a verdadeira comunhão com Jesus: sermos como Ele, Bom Pastor, samaritano, misericordioso, humilde, justo, coerente, ético...

As primeiras comunidades cristãs (séculos I e II) tinham bem claro esse sentido do ser cristão e de viver a Eucaristia. Isso nos é confirmado pelo testemunho de Justino (martirizado em 165).

Depois, os que estão na abundância e querem dar, dão por livre escolha o que cada um deseja, e o que é recolhido, é depositado aos pés de quem preside; e ele mesmo socorre os órfãos e as viúvas e os que são negligenciados por enfermidade ou por outra causa e os que estão no cárcere e os que estão de passagem como forasteiros; numa palavra, faz-se protetor de todos os que estão em necessidade¹⁶.

É a partir da experiência vivida pelas primeiras comunidades cristãs que São Basílio chama a atenção sobre a relação entre a liturgia e o compromisso ético, a oração e a ação, já que são dois modos complementares e interdependentes de se viver a fé: “sem liturgia é difícil que se dê verdadeiro compromisso ético; sem compromisso ético é impossível que haja verdadeira liturgia”. A partir dessa compreensão, a Eucaristia, que tem em sua essência a transformação *num só corpo*, é vertical e horizontal ao mesmo tempo. “A dimensão vertical, nosso direcionamento e atenção a Deus, encontra sua verificação natural na dimensão horizontal, em nosso direcionamento e atenção àqueles de quem devemos fazer-nos próximos”¹⁷.

No dizer de Cesare Giraudo: “uma Eucaristia sem a vontade de assumir compromissos éticos – sobretudo com o próximo –

16 JUSTINO, *Apologia* 67,6-7.

17 Cf. Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.57.

é, para quem dela participa, uma eucaristia nula. Sem compromissos operosos, o culto se torna um passatempo cômodo, um culto vazio, uma aparência de culto”¹⁸, semelhante aos cultos criticados pelo profeta Isaías (Is 1,14) e pelo profeta Amós (Am 5,21-23).

Tomai e comei é permitir e contribuir para que a ação de Deus na história continue a partir de mulheres e homens comprometidos com o testemunho dos valores do Evangelho. A humanidade não pode ser espectadora da história! Deus conta conosco, por isso “Ele nos deu olhos para ver, ouvidos para ouvir, mãos para atuar. Nossos olhos devem ser os olhos com que Deus vê as necessidades, nossos ouvidos, os ouvidos com que Deus escuta os lamentos, nossas mãos, as mãos de que Deus se serve para vir em socorro”¹⁹. Assim, nossas eucaristias atingem sua plenitude porque conduzem os fiéis à ação diante da realidade, vivendo uma profunda experiência de pertencer ao Senhor.

Por isso, é preciso redescobrir a Eucaristia como fonte e ápice da vida cristã, no sentido de transformar os seguidores de Cristo em pessoas apaixonadas pelo projeto do Reino de Deus. Desta forma, o amém confessado publicamente ao entrar na fila da comunhão vence a perspectiva individualista, e empurra os cristãos a assumirem decididamente o estilo de vida de Jesus crucificado-ressuscitado.

Conclusão

A Eucaristia, como fonte e cume da vida cristã, foi acolhida maravilhosamente pelo Concílio Vaticano II (LG 11). Depois de séculos de história, que cristalizou o banquete de Jesus em uma refeição quase mágica e distante da realidade do povo, o Concílio resgatou a centralidade do memorial eucarístico de

18 Cf. Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.57.

19 Cesare GIRAUDO, *Redescobrimo a Eucaristia*, p.57-58.

Cristo. O resgate da Eucaristia como banquete do amor de Cristo é, em consequência, o alimento missionário para os cristãos *eucaristizar* o mundo. Conforme o Papa Francisco:

Na Eucaristia vemos que, no apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. (...) [Ela] une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. Por isso, a Eucaristia pode ser fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira. Assim, não fugimos do mundo, nem negamos a natureza, quando queremos encontrar-nos com Deus (QA 82).

Este alimento, no entanto, não produz apenas uma transformação da pessoa, mas, como sacramento da unidade, “Cristo nos uniu” – aprofunda as relações de fraternidade entre os cristãos e sua relação com o mundo. O empenho em participar dignamente deste sacramento se atualiza no relacionamento com as pessoas. No trabalho diário se continua o sacrifício do altar, o qual se prolonga, desse modo, na vida. Frequentemente, é mais difícil realizar o sacrifício de oferta no cotidiano, dos conflitos, diante das dificuldades, do que celebrá-lo dentro de uma Igreja.

A reflexão fez perceber a centralidade das refeições na prática de Jesus. Urge como desafio voltar às narrativas bíblicas para redescobrir sempre de novo o frescor da prática de Jesus na vida cristã. Caminho que faz compreender a Eucaristia dentro da dinâmica geradora de vida, porque traz imbuída a reconciliação, a fraternidade, a justiça e o desejo de vida plena. A pandemia parece ter possibilitado a redescoberta da oração familiar, seja em torno da mesa antes das refeições, seja à noite. Perspectiva que vem ao encontro dos desafios levantados e impulsionados pelas novas diretrizes da ação evangelizadora do Brasil.

A Eucaristia é alimento processual do caminhante que se deixou transformar pela Palavra de Deus. Basta recordar a narrativa dos discípulos de Emaús para perceber o processo de

evangelização realizado por Jesus antes de celebrar a refeição (Lc 24,13-35). Caminhou em silêncio, fez perguntas, ouviu atentamente as decepções, dialogou, falou a partir das Escrituras, fez memória histórica... Não foi esse *gastar tempo* determinante para que os discípulos compreendessem o projeto de Jesus e o convidassem a ficar com eles? Nesse caso, a refeição não foi a porta de entrada, utilizada por Jesus para evangelizar, mas um momento especial preparado no caminho. Por isso, com razão dizem os bispos nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: “a pedagogia do processo mais do que um recurso metodológico, é uma mística profundamente enraizada na espiritualidade cristã”²⁰.

Essa consideração dos bispos vem validar a necessidade de gastar tempo nos processos de evangelização, como também, vem insistindo o Papa Francisco: “Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais com iniciar processos do que possuir espaços*” (EG 223 grifos do Papa). Nos processos, “os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a ‘acompanhar’” (EG 24). Mais uma proposta pós-pandemia: fazer processo de evangelização, gastar tempo na missão.

Por isso, a Eucaristia, enquanto fonte e ápice da vida e missão da Igreja, deve traduzir-se em espiritualidade, em vida segundo o Espírito (Rm 8,4s; Gl 5,16.25). E nesse viver segundo o Espírito se fundamenta a missão da Igreja no seio da história: “Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária”²¹. É no seio desta experiência eclesial que se compreende que durante a pandemia, apesar das portas da Igreja/templos fechados houve muito envolvimento de vivência

20 CNBB: *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2022*, n.204.

21 BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal. Sacramentum Caritatis*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em 15 de maio de 2020, n.84.

eucarística. Haja visto as diferentes iniciativas nos gestos de doação, solidariedade e distribuição de alimentos, roupas e outros auxílios para imigrantes, desempregados e necessitados em geral. São testemunhos que cimentam a relação intrínseca entre Eucaristia e vivência de amor ao próximo. Talvez esse seja um grande apelo pós-pandemia!

A Eucaristia, reforçamos, é a fonte e o ápice da vida da Igreja. Sem ela não formamos a Igreja de Cristo, mas também, se não formos pessoas eucaristizadas, ela não se plenifica em nós e corremos o risco de ser apenas alguém que comunga, mas não vive a comunhão. Outro desafio recorrente: eucaristizar o mundo!

Referências Bibliográficas

BENTO XVI, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal. *Sacramentum Caritatis*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em 15 de maio de 2020.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

CASTILLO, José María. Eucaristia. In: SAMANES, C. F; TAMAYO ACOSTA, José (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p.252-259.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2022*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Querida Amazônia*. Ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

GASS, Ildo Bohn. *Jesus sobrepõe às leis o direito à vida*. 28 de maio de 2018. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/jesus-sobrepoe-as-leis-o-direito-a-vida/>. Acesso em e 01 de agosto de 2020.

GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2011, 5ªed.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000.

JUSTINO. *Apologia* 67,6-7.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2017, 3ªed.

NOUWEN, Henri J. M. *Com o coração em chamas*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2005, 4ªed.



LITURGIA DAS EXÉQUIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Dr. Pe. Clair Favreto*

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.10>
Recebido: 06 de janeiro de 2019 | Aprovado: 04 de maio de 2019

Resumo: O presente artigo faz uma relação entre o significado da Liturgia, mais precisamente da Liturgia das exéquias, com seus ritos e, ao mesmo tempo, em relação a este tempo particular que a humanidade está vivendo, que é um tempo de pandemia. Serão resgatados os principais elementos do ritual das exéquias e de sua importância para acompanhar o irmão falecido, mas que foram dificultados pelo isolamento social provocados pela pandemia. O artigo também reflete algumas questões ligadas à morte iluminadas por alguns documentos da Igreja que trazem presente a teologia na vida eterna.

Palavras-chave: Liturgia. Exéquias. Páscoa. Morte. Igreja. Acompanhamento. Pandemia.

Introdução

No primeiro parágrafo da Instrução Geral do Ritual das Exéquias (IGRE), também chamada de Introdução Geral, Instrução Geral ou *Preanotanda*, encontramos a seguinte afirmação: “A Igreja celebra com profunda esperança o Mistério Pascal de Cristo nas exéquias de seus filhos, para que eles, incorporados pelo Batismo a Cristo morto e ressuscitado, passem com Ele da morte à vida” (IGRE 1).

Esta afirmação teológica presente na *Preanotanda* nos ajuda a entender e alimentar a nossa fé de que a vida é sempre voltada para o eterno. Celebrar as exéquias, portanto, é viver

* Padre da Diocese de Erechim. Professor da Itepa Faculdades nas disciplinas de Liturgia e Sacramentos. Reitor do Seminário São José – Passo Fundo. Doutor em Liturgia pelo Instituto de Liturgia Pastoral – Pádua/Itália. Email: clairfavreto@hotmail.com

profundamente esta verdade afirmada pela Igreja: a morte nos faz mergulhar definitivamente no Mistério Pascal de Cristo. Esta ideia vai ser pano de fundo deste artigo que, ao mesmo tempo, quer relacionar ao contexto de epidemia pela qual estamos passando.

Num primeiro momento é importante resgatar a origem das palavras do enunciado. Em seguida, será feita uma relação – “paralelo” – entre o significado do “acompanhamento” que nos propõe o atual Ritual das Exéquias e a situação de isolamento que a pandemia tem provocado. Por fim, trazendo presente algumas questões ligadas à morte, o artigo procura resgatar a teologia da Igreja presente na instrução e nas orações do atual Ritual das Exéquias.

1 Recuperando o sentido etimológico do enunciado

O título enunciado é *Liturgia das Exéquias em tempos de pandemia*. Antes de tudo, convém fazer um rápido resgate do sentido etimológico das palavras que compõem o enunciado para, posteriormente, fazer referência ao que elas implicam para o contexto da atual pandemia.

a) Liturgia

O termo Liturgia tem sua origem na língua grega λειτουργία (Leitourghía) e é formado por outros dois termos: λαός (*leitós*) = povo (público) e έργου (*ergon - érghein*) = ação (obra) ou (*erg-ia*) – (sufixo) = trabalho. É desta combinação que surge o substantivo *leitourghía*, que significa ação ou serviço prestado em favor de um povo, um serviço prestado para o bem de um povo. Do substantivo *leitourghía* podemos chegar ao verbo *leitourghein*, que significa exercer função pública ou exercer um serviço público.

b) Exéquias

Já o termo *exéquias* vem do latim = *ex-sequi, ex-sequiae* e significa seguir, acompanhar, estar presente... *Exéquias*, portanto, é uma série de *ritos e orações* pelas quais a comunidade cristã acompanha os seus defuntos e os *encomenda* à bondade de Deus.

Em todas as épocas da história e da cultura é possível perceber que todos os povos, através de ritos dos mais variados e expressivos, *acompanhavam* seus entes queridos até os locais de suas sepulturas. “Nas diversas culturas e religiões faz-se com orações e ritos, com os quais se quer exprimir o apreço pelo defunto, a recordação que dele se vai continuar a ter, a petição à divindade para que o tenha na sua paz ou, inclusive, a ajuda que se lhe quer dar na sua viagem para a eternidade”¹. A maioria dos povos também realiza rituais de recordação e de veneração de seus antepassados mortos, principalmente em datas importantes.

Em algumas culturas ou países, o termo usado para as cerimônias de sepultura é chamado de funeral (do latim *funus, funeris*) que significa a cerimônia ou o ofício religioso realizado em torno dos defuntos ou para os defuntos. É dali que se originam os termos *fúnebre* (diz respeito ao óbito); *funerária* (empresa, equipe ou organização que realiza os atos fúnebres); *aviso fúnebre* (anúncio da morte de alguém).

Outro termo usado e que se aproxima dos rituais de exéquias é *sufrágio*. Este termo, vem do latim *suffragium, suffragari* e daí a raiz verbal *frangere* que significa partir, romper. Neste sentido, o termo *sufrágio* quer significar os atos litúrgicos que se realizam em favor dos defuntos.

Os cristãos, desde o início, também faziam seus rituais fúnebres pelos seus irmãos e irmãs falecidos. O primeiro relato, o encontramos no sepultamento de Estevão: “Algumas pessoas piedosas sepultaram Estevão e guardaram luto solene por ele” (At 8,2). Os cristãos praticavam estes rituais de sepultamento

1 José ALDAZÁVAL, *Vocabulário básico de Liturgia*, p.126.

porque tinham a firme esperança na ressurreição dos mortos, isto é, eram convictos de uma *esperança pascal*. “Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância quanto aos que adormeceram, pra que não fiquéis tristes como os outros, que não tem esperança. Com efeito, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos igualmente que Deus, por meio de Jesus, reunirá consigo os que adormeceram” (1Ts 4,13-14).

O Concílio Vaticano II (1962-1965), fazendo uma releitura das fontes primeiras da Igreja, assim se exprime: “A Igreja dos viandantes, desde os primeiros tempos do cristianismo, venerou com grande piedade a memória dos defuntos e ofereceu *sufrágios* por eles” (LG 50). E o novo ritual da Exéquias, que também é fruto da Reforma Litúrgica da Igreja do Vaticano II, afirma: “A Igreja oferece pelos defuntos o Sacrifício Eucarístico, memorial da Páscoa de Cristo, eleva orações e faz *sufrágios* por eles, para que, pela comunhão de todos os membros de Cristo, todos aproveitem os frutos da liturgia: auxílio espiritual para os defuntos, consolação e esperança para os que choram a morte” (IGRE 1).

Como podemos perceber, a Igreja, desde o início e ao longo de toda a sua história, através da celebração do rito com o corpo presente, *acompanha* os seus filhos até o fim e realiza a entrega destes seus filhos a Deus.

c) Pandemia

O termo pandemia é bastante novo para a maioria de todos nós. De origem grega, o termo πανδημία deriva de *pan* (todo, tudo) e *demos* (povo). Neste sentido, pandemia significa *todo o povo*. Outros significados que se aproximam: “Doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, um continente, o universo”; “é o aumento anormal do número de pessoas contaminadas por uma doença, numa região determinada, num

país e no mundo”; “é uma epidemia que se espalhou geograficamente, saindo do seu lugar de origem, especialmente falando de doenças contagiosas que assolam praticamente o mundo inteiro: pandemia de Covid-19”². “Uma pandemia (πανδημία = *de todo o povo*) é uma epidemia de doença infecciosa que se espalha entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, um continente, ou mesmo por todo o planeta Terra”³.

Uma síntese bem interessante para entender a pandemia foi-me apresentada pelo amigo Luciano Mello, médico, professor, consultor e gestor hospitalar. A pandemia, o Dr. Mello a define como “uma epidemia (termo já de domínio geral) que se estenda geograficamente por grandes regiões, ignorando fronteiras, e, em especial, que atinja os cinco continentes com a ocorrência, em todos eles, de novos casos cuja origem não se possa detectar fora da região. Assim, é importante entender-se que toda pandemia é uma epidemia, mas nem toda epidemia é pandêmica”.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), “uma pandemia pode começar quando se reúnem estas três condições: a) O aparecimento de uma nova doença na população; b) O agente infecta humanos, causando uma doença séria; c) O agente espalha-se fácil e sustentavelmente entre humanos”⁴.

2 Acompanhamento x isolamento

No resgate etimológico das palavras Liturgia e Exéquias fica claro o que a *Liturgia das Exéquias* é o rito que a Igreja realiza para *acompanhar* o seu filho até o seu sepultamento. O Catecismo da Igreja Católica também ressalta este aspecto

2 <https://www.dicio.com.br/pandemia/> Acesso em 8/7/2020.

3 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia> Acesso em 8/7/2020.

4 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia> Acesso em 8/7/2020.

importante do *acompanhamento*; “A Igreja, que, como mãe, trouxe sacramentalmente em seu seio o cristão durante sua peregrinação terrena, *acompanha-o* ao final de sua caminhada para entregá-lo ‘às mãos do Pai’. Ela oferece ao Pai, em Cristo, o filho de sua graça e deposita na terra, na esperança, o germe do corpo que ressuscitará na glória. Esta oferenda é plenamente celebrada pelo Sacrifício Eucarístico...” (CIC 1683).

O Novo *Ordo Exsequiarum* (Novo Rito das Exéquias), promulgado em 1971, resgata alguns elementos importantes dos pontos de vista teológico e litúrgico que podem ser encontrados na eucologia (estudo das orações), nas rubricas, na simbologia, nos diversos ambientes das exéquias (casa, igreja, cemitério) e que servem para este ato de *acompanhar* o irmão da comunidade até a deposição de seu corpo.

a) Um verdadeiro ato de acompanhar

O ritual das Exéquias da Igreja Católica propõe o ato de *acompanhar* em duas direções: a primeira, está voltada ao defunto, isto é, ao filho que partiu e que a Igreja quer *acompanhar* a fim de entregá-lo a Deus; a segunda, volta-se aos mais próximos dele, ou seja, a Igreja dirige uma palavra de conforto aos presentes no funeral, através de todo o rito que vai acontecendo.

O novo ritual propõe três esquemas. O primeiro envolve três lugares: a casa do defunto, a igreja e o cemitério. Destes três lugares podemos resgatar os seguintes aspectos que mostram a presença da Igreja numa atitude de *acompanhamento* do defunto e de sua família.

- Ao ver o familiar partir, lá está a presença da Igreja através de um ministro (ordenado ou não) ou de algum cristão que marca presença e *acompanha* (consola) a família;
- O velório é *acompanhado* da récita do rosário, de orações, de cantos e de celebrações da Palavra...;
- Em algumas comunidades, as famílias se revezam para

acompanhar os familiares enlutados durante o velório, mesmo passando noites inteiras e frias junto a eles que velam o seu ente querido;

- Durante o fechamento do caixão e seu traslado até o templo (Igreja), lá está a presença da Igreja que *acompanha* e ora;
- Na celebração pública e comunitária, a Igreja celebra a Liturgia da Palavra onde encontra a luz de Deus para a dor, para o sofrimento e para a morte, e a Liturgia Eucarística onde oferece o Sacrifício em sufrágio do irmão que partiu; a celebração eucarística manifesta a vinculação da morte do cristão com o mistério pascal de Jesus Cristo⁵;
- No cortejo até o cemitério, a Igreja *acompanha* o cristão com sua dor e oração;
- Junto à sepultura lá está a Igreja através de seus ministros e da comunidade para abençoar o lugar que abrigará o corpo do falecido.

Desde sua partida, passando pela celebração de corpo presente até o seu sepultamento, a Igreja *acompanha* os seus filhos. O que o ritual propõe vai além de uma simples cerimônia de encomendação de defuntos durante o velório. É toda uma *dinâmica pascal de acompanhamento* para que o irmão falecido seja acolhido à morada definitiva junto de Deus. O novo ritual também expressa que a celebração das exéquias é um direito do cristão e um dever dos ministros da Igreja e da comunidade eclesial para com os irmãos falecidos.

Neste primeiro esquema, a Igreja procurou manter uma prática existente já há muito tempo e que acontece ainda hoje,

5 Segundo o Ritual das Exéquias, a Missa exequial é proibida no Tríduo Pascal, nas solenidades de preceito e nos domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa. Quando a Missa exequial não é permitida, pode-se usar uma leitura dentre aquelas que estão incluídas no Leccionário dos Defuntos, a não ser que seja um dia do Tríduo Pascal, do Natal do Senhor, da Epifania, da Ascensão, do Pentecostes, do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo ou outra solenidade de preceito (IGRE 6).

sobretudo nas famílias e comunidades rurais.

A urbanização rompeu com vários aspectos destes ritos. Para isso, o novo ritual propõe um segundo esquema através de dois momentos: na capela mortuária (geralmente próxima ou junto ao cemitério) e na sepultura.

Na capela mortuária geralmente é realizada uma Celebração da Palavra exequial. Este segundo momento não oferece a Celebração Eucarística. Ela se realizará posteriormente sem a presença do corpo do falecido. É o que geralmente acontece com as missas de sétimo dia. Não houve missa de corpo presente, mas é celebrada a missa na intenção do irmão que faleceu, próximo ao sétimo dia de seu falecimento.

Através dos ritos de encomendação e de sepultamento, a Igreja mostra sua presença e *acompanha* com suas orações o irmão que morreu.

- Nos cantos e orações que trazem em sua teologia o caráter pascal;
- Na Celebração da Palavra que resgata a presença de Cristo na hora da dor e da morte;
- Nos sinais sacramentais como a água, a luz, a cruz, as flores, que resgatam os Sacramentos celebrados durante a vida, sobretudo pelos sinais do Batismo;
- Nos gestos sacramentais, principalmente os de aspergir e incensar, que purificam o corpo e o abençoam;
- No fechamento do caixão e na despedida dos familiares e amigos;
- No cortejo até a sepultura cantando e orando;
- Na oração junto à sepultura e na bênção da mesma.

Mesmo neste esquema mais simplificado, o ritual traz a presença da Igreja que *acompanha*, na fé, na presença e na oração, o seu irmão que partiu.

O terceiro esquema, mais simplificado ainda, propõe apenas um ritual de exéquias na casa do defunto. É um ritual pouco usado, visto que o velório é feito em capelas mortuárias autorizadas pelas autoridades sanitárias. Mesmo assim, o ritual traz uma Liturgia da Palavra e orações de encomendação feitas todas na casa do defunto. Este esquema também mostra a presença da Igreja que *acompanha* com a oração e a súplica pedindo que Deus acolha na eternidade o irmão que faleceu.

A pandemia da Covid 19 rompeu com vários elementos litúrgicos. Em relação às exéquias, a primeira orientação da CNBB foi a de não mais realizar os ritos fúnebres com missa, mas apenas uma cerimônia simples de encomendação.

O vírus, além de provocar muitas inseguranças, trouxe muito medo. Uma boa parte dos padres resistiam em marcar presença nas celebrações de exéquias. Os que colocaram a missão acima de suas vidas corriam o risco de serem contaminados e fato é que muitos padres, diáconos e agentes de pastoral, perderam suas vidas ceifadas pelo coronavírus.

Em outras situações, como acompanhamos em outros países, sobretudo em Bérgamo (Itália), os mortos eram carregados em comboios para serem cremados em cidades vizinhas. Noutros lugares, os caixões fúnebres eram colocados em valas comuns, como foi em Hart Island (Nova York) e Manaus, no Brasil. Em ambos os casos, não foi possível fazer um ritual de encomendação. A pandemia provocou o distanciamento social. E, orientados pelas autoridades sanitárias, a Igreja fechou suas portas, não pode celebrar a vida do irmão que partiu e, em muitas situações, também não foi possível aspergir o caixão do falecido e, muito menos, o seu lugar de sepultura.

A pandemia provocou o isolamento social e, este, não permitiu que a Igreja pudesse fazer um verdadeiro ato de *acompanhamento* tão importante e necessário para encomendar a Deus a vida do irmão e para consolar e confortar os que

perderam seu ente querido. A pandemia tirou, pela proibição da aproximação entre as pessoas, a família e os amigos de realizarem o ritual de exéquias que permite fortalecer a fé na esperança da ressurreição final. “Embora o costume de enterrar seus mortos seja algo conatural ao ser humano e os funerais uma venerável e não inútil tradição cristã, segundo Santo Agostinho, as exéquias são mais úteis aos vivos do que aos mortos”⁶.

A celebração ritual das exéquias permite à família do falecido amenizar a dor e o sofrimento, ouvir palavras de esperança que brotam da Sagrada Escritura, dos cantos, das orações, das palavras do padre e elaborar melhor o luto da morte. Mas tudo isso foi suprimido, ou na melhor das situações, foi simplificado e ficou uma lacuna que precisa ser elaborada.

É preciso, como escreve a filósofa italiana Donatella Di Cesare, fazer um ritual público para elaborar o luto. “É repugnante a modalidade do sepultamento, ferozmente asséptico, impiedosamente apressado. Incomoda o expurgo da morte na cidade. [...] Não podemos aceitar que o distanciamento resulte em um sumário isolamento das vítimas”⁷.

O rito nos torna humanos, a pandemia, ao invés, nos desapropria do luto, escreve a jornalista italiana Concita de Gregorio num artigo publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Concita assim afirma: “a maior tragédia nesta grande tragédia são as mortes solitárias”. Sobre os funerais ela é mais incisiva: “O rito do funeral nos falta. Porque no funeral a vida toda passa diante de nós. [...] Quem somos, sem o rito que nos consagra humanos. E todos, todos conhecemos nestes dias a dor inominável de não poder viajar para nos despedir do grande amigo”⁸.

6 CNBB, *Nossa Páscoa*, p.10.

7 <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598252-um-ritual-publico-para-elaborar-o-luto> Acesso em 10.7.2020.

8 <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597543-morrer-sozinhos-a-epidemia-tambem-nos-desapropria-do-luto-o-rito-que-nos-torna-humanos> Acesso em 10.7.2020.

A pandemia rompeu com um elemento importante da vida cristã que é a celebração das exéquias, momento importante de passagem, de fé na vida eterna e de elaboração do luto pela perda do ente querido.

b) O resgate da eclesialidade da liturgia exequial

As celebrações exequiais são sempre celebrações litúrgicas da Igreja (CIC 1684). “O cristão não morre sozinho. Sua partida está cercada da comunidade dos crentes, a qual, por sua vez, encarrega-se de encomendá-lo à comunidade eclesial”⁹.

Na celebração exequial é a comunidade que está presente para orar e suplicar a Deus pela vida do irmão falecido. Naquele defunto deitado no caixão fúnebre está um corpo em que o Espírito Santo habitou e é este corpo que é chamado à ressurreição da vida eterna como afirma São Paulo (1Cor 6,19-20). Portanto, na celebração das exéquias, a Igreja continua cuidando daquele corpo, pois foi o corpo em que derramou a água no Batismo, ungiu com óleo dos catecúmenos e dos enfermos, alimentou com o pão eucarístico, impôs as mãos para ser crismado e ordenado, abençoou para se unir em matrimônio, perdoou os seus pecados. Aquele corpo “foi instrumento da eficácia dos sacramentos, uma vez convertido em cadáver continua sendo objeto de cuidado solícito da mãe Igreja”¹⁰. É por isso que a Igreja continua aspergindo, incensando e iluminando aquele corpo e, mesmo sendo o corpo de um morto, continua tratando-o com respeito. Para a Igreja, o corpo de um cristão é sagrado, pois “é todo o homem, alma e corpo formando uma unidade vital, que é objeto de salvação”¹¹.

9 Alfredo POUILLY, *A celebração da morte do cristão*, In: CELAM, *A celebração do mistério pascal*, p.214.

10 Alfredo POUILLY, *A celebração da morte do cristão*, In: CELAM, *A celebração do mistério pascal*, p.214.

11 J. LLOPIS, *Exéquias*, In: Dionísio BORÓBIO (Org.), *A celebração da Igreja 2: Sacramentos*, p.618.

A celebração exequial resgata, portanto, a dimensão eclesial, a dimensão comunitária da liturgia. “A celebração deixou de ser ato exclusivo do ministro e adquiriu um tom mais eclesial e comunitário. Já não se reza apenas pelo defunto, mas também pelos vivos provados pela dor. A dimensão comunitária faz parte da identidade cristã, até na hora da morte”¹².

O isolamento social provocado pela pandemia, porém, rompeu também com toda a dimensão eclesial. A comunidade cristã não pode mais participar dos rituais. Os próprios avisos de falecimento afirmavam que a cerimônia seria restrita à família ou parte dela. Portanto, os vizinhos, os amigos, os colegas de trabalho e outros tantos, não puderam participar. Como Igreja, ia apenas o padre e ele fazia tudo sozinho: cantava, invocava as orações, proclamava os textos da Sagrada Escritura, aspergia... Mas o padre sozinho não é Igreja. Embora a família poderia ser considerada igreja, as celebrações exequiais em tempos de pandemia provocaram muitos questionamentos, pois os ministérios (leitor, cantor e outros) foram dispensados; vários sinais simbólicos de exéquias foram suprimidos, as cerimônias foram simplificadas... e tudo isso rompe com o sentido mais profundo de toda a liturgia, isto é, de uma assembleia reunida como Corpo Místico de Cristo, sendo conduzida pelos seus mais variados ministérios litúrgicos (SC 7).

Passados alguns meses da pandemia, em algumas paróquias onde as autoridades sanitárias não restringem totalmente o isolamento social, as exéquias são realizadas apenas no cemitério e de maneira simples. Depois do falecimento, o defunto é guardado na funerária ou colocado na capela mortuária do cemitério que fica fechada a maior parte do tempo. Com restrições, a família e alguns amigos se reúnem para fazer velório de duas a três horas. Mais tarde, o padre chega, faz a encomendação simples e já há a deposição do corpo na sepultura.

12 CNBB, *Nossa Páscoa*, p.16.

Como afirmamos anteriormente, a liturgia das exéquias, tão rica para elaborar um rito de passagem, isto é, de entregar o irmão a Deus e de sentir a presença das pessoas mais caras do falecido, fica empobrecida. Tudo é realizado de maneira simples e rápida pelo medo do contágio do coronavírus. O isolamento social fere a dignidade de ser Igreja e de realizar a profundidade e a riqueza que são próprias da liturgia das exéquias: celebrar a dinâmica pascal.

3 Celebrar as Exéquias é viver a Páscoa de Cristo

A Congregação para o culto divino e os sacramentos, quando propôs a revisão do ritual de exéquias de 1614, o que estava em uso, tinha a preocupação de que o novo ritual (1969) deveria corresponder a duas exigências:

a) **teológica**: que fosse acentuado mais o carácter pascal da morte cristã, isto é, que a liturgia das exéquias, e toda a compreensão teológica dela que se encontra na instrução do próprio ritual, pudesse dar esta atenção a fim de recuperar o sentido da nossa vida cristã: a vida não termina na morte, ela continua na eternidade.

b) **antropológica**: o de perceber a diversidade das situações de acordo com os países, os ambientes e a idade do falecido.

Esta preocupação já tinha sido expressa pela Sacrosanctum Concilium, que trata da Liturgia, quando da revisão dos ritos fúnebres disse: “as exéquias devem exprimir melhor o carácter pascal da morte cristã. Adapta-se mais o rito às condições e tradições das várias regiões, mesmo no que respeita à cor litúrgica” (SC 81). No parágrafo seguinte trata das crianças: “faça-se a revisão do rito de sepultura das crianças enriquecendo-o de missa própria” (SC 82).

Aqui no Brasil, a CNBB produziu um material próprio para as celebrações exequiais¹³. No capítulo que aprofunda a celebração cristã da morte, traz a seguinte afirmação:

No início, as exéquias cristãs caracterizavam-se por sua forte dimensão pascal. No entanto, com o passar do tempo, os cristãos foram se deixando influenciar por outras ideias e sentimentos. Perderam a certeza da salvação e passaram a ver a morte como acontecimento trágico e amedrontador. Esta situação perdurou até o século XX quando, de novo, a Igreja, por meio do Concílio Vaticano II, prescreveu que ‘o rito das exéquias deve exprimir mais claramente a índole pascal da morte cristã’ (SC 81)¹⁴.

A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II recuperou a força da expressão “o mistério pascal de Jesus Cristo” para significar o ser e a missão de Jesus no mundo e a continuação da sua obra através da Igreja para, na hora da morte, poder exprimir o *caráter pascal da morte cristã*.

O subsídio da CNBB, baseando-se no Catecismo da Igreja Católica e tendo como base as definições do Vaticano II, assim se expressa: “As exéquias não fazem parte nem dos sacramentos nem dos sacramentais. São celebrações *parassacramentais*. Elas tem em vista exprimir o *caráter pascal* da morte cristã. Anunciam à comunidade reunida a vida eterna, ao mesmo tempo que realçam o caráter de provisoriedade da vida aqui na terra (cf. CIC 1684-1685)”¹⁵.

Numa outra passagem da Sacrosanctum Concilium encontramos esta rica relação entre as duas liturgias: aquela que celebramos agora e a definitiva que virá na glória. “Na liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já, da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos, onde o Cristo está sentado à

13 CNBB. *Nossa Páscoa: subsídios para a celebração da esperança*. São Paulo: Paulus, 2003.

14 CNBB, *Nossa Páscoa*, p.11.

15 CNBB, *Nossa Páscoa*, p.7.

direita de Deus...” (SC 8).

Os documentos mencionados nos ajudam a entender que a Igreja se preocupa com a vida e, ao celebrar as exéquias, quer ajudar a compreender que a vida é mais do que um corpo físico, a vida é divina, ela está voltada para o eterno. Desta forma, a liturgia exequial nos faz mergulhar no Mistério de Cristo e acreditar que a vida não termina na morte, mas ela é uma passagem para a vida eterna.

A morte! Ah, a morte! Como compreendê-la? Bem! Não vamos fazer um tratado teológico-escatológico da morte. Gostaríamos apenas de trazer duas situações muito presentes na sociedade de hoje, como duas marcas e que, talvez, as tenhamos já experienciado. De um lado é possível perceber a negação da morte. De outro lado, a morte pode ser ocasião de espetáculo. Estas questões serão confrontadas com a fé cristã e iluminadas com a vida do Cristo ressuscitado.

a) Negação da morte

De um lado, percebemos que há a *negação da morte*. Na sociedade atual a morte é vista como um “fim tenebroso”. Por isso, se nega a morte ou ao menos a sociedade procura torná-la o mais ausente possível. Em muitas situações, sobretudo quando a morte acontece em Unidades Hospitalares de Tratamentos Intensivos, ela é escondida, pois a família e os amigos não participam, não *acompanham* a partida do ente querido. Em outras situações a família somente vê o seu ente querido já vestido, maquiado, embalsamado... que parece mais uma pessoa dormindo do que um defunto.

Há situações em que a morte não é revelada como, por exemplo, quando uma criança perde a mãe, alguém diz que ela foi passear. Esta criança, todos os dias fica esperando sua mãe voltar do passeio. No entanto, ela não volta mais. E assim teríamos outros tantos exemplos.

Na mesma linha vão as teologias em torno da morte: “chegou a sua hora”; “Deus quis assim”; “Deus queria uma pessoa boa lá no céu”... São afirmações que nunca deveriam ser ditas para justificar a morte de alguma pessoa. Deus não definiu nem dia, nem hora, nem local, nem situação de morte para nenhuma pessoa. E, muito menos, Deus não quer mortes trágicas. Se uma pessoa bebe e dirige, ou dirige em alta velocidade e de maneira imprudente, esta pessoa está muito mais suscetível a um acidente com possibilidade de morte dela e dos ocupantes, do que um motorista prudente e responsável. Se uma pessoa morre de acidente por imprudência, como podemos afirmar que chegou a sua hora? Deus não quer que ninguém, mesmo o mais imprudente motorista, morra de acidente. Por isso, não tem a hora da morte. A hora, é morrer de idade avançada e de morte natural. Quando alguma pessoa é imprudente e não cuida do seu corpo, pode antecipar a sua morte. Portanto, a hora é cada um que traça e não Deus.

Outra questão que nos intriga é toda esta cultura de permanecer jovem. Para isso, são ingeridas tantas drogas no organismo, são injetados tantos anabolizantes e outros produtos para parecer sempre jovem, “com tudo em cima”. A vida tem o seu processo natural. Reconhecer e assumir a morte é admitir os limites da própria existência, bem como a falência do sistema contemporâneo, incapaz de saciar uma civilização deseiosa de felicidade e de vida sem limites. Para muitas pessoas, a experiência da morte continua sendo uma ameaça e um extremo desconforto, um atentado à autossuficiência pretendida pela sociedade moderna.

b) Espetacularização da morte

Por outro lado, a morte é vista como um *espetáculo de curiosidade*, um show para expectadores. Quando acontece um acidente de trânsito, quase sempre os que estão passando nem conhecem a vítima, mas, curiosos, já estão fazendo vídeos e

postando nas suas redes sociais. Às vezes a própria vítima é exposta sem escrúpulos. Não há o respeito pela pessoa que perdeu a vida e pela família que chora a morte. Atitudes assim ferem a dignidade das pessoas.

Outra situação é quando a mídia faz espetáculo a partir da morte de alguém. Os mais próximos das vítimas nem podem fazer luto pelo seu familiar porque a mídia já está querendo impressionar a todos. E se for a morte de uma pessoa famosa então há, inclusive, uma programação especial para espetacularizar a morte.

Tanto a maquiagem da morte, quanto sua espetacularização, contribuem para a banalização da morte e, com ela, perderam-se muitas atitudes rituais que ajudavam a enfrentá-la de maneira mais próxima e natural possível.

Diante da morte, a Igreja sempre procura levar uma palavra de conforto, de fé e de esperança para aquelas pessoas enlutadas, porque a Igreja acredita na vida eterna. Queremos trazer dois aspectos importantes dos quais a Igreja acredita e que podem nos ajudar a caminhar nesta vida tendo como horizonte a vida eterna.

a) A morte como nascimento para a vida eterna

Já afirmamos que a Igreja, quando celebra a liturgia das exéquias, por meio de seus textos sagrados, cantos, orações, sinais, gestos rituais e pessoas, ajuda a comunidade cristã a *acompanhar* e fazer sua última saudação ao um filho seu que faleceu. A celebração se torna, portanto, consolo e esperança para os vivos. Ao mesmo tempo, porém, a Igreja intercede a Deus pela vida do falecido, suplica a Deus a intercessão espiritual daquele que partiu para que esteja em comunhão com Cristo (CIC 1690). A própria Instrução Geral do Ritual de Exéquias exprime isto quando exorta os sacerdotes da Igreja: “...O sacerdote deve ter diante dos olhos, não só a pessoa de

cada morto e as circunstâncias de sua morte, (...) deve considerar a dor e as necessidades da vida cristã dos familiares” (IGRE 18).

A comunidade que celebra, ou a Igreja quando dirige suas orações diante da morte de uma pessoa, sempre procura suscitar a esperança dos vivos na ressurreição final. Para os batizados é profissão de fé: “...Creio em Jesus Cristo...”; “...que ressuscitou ao terceiro dia...”; “Creio na ressurreição da carne e na vida eterna”. Noutra oração do Creio: “Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir”.

Na compreensão paulina, sobretudo da carta aos Romanos, há toda uma teologia que relaciona o Sacramento do Batismo com a morte e ressurreição de Cristo (Rm 6,1-11). “Pelo batismo fomos sepultados juntamente com ele na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dos mortos por meio da glória do Pai, assim também nós caminhemos em uma vida nova” (Rm 6,4). Participar da morte de Cristo significa fazer parte da vitória definitiva que ele estabeleceu sobre o pecado (Rm 6,6s), e pela qual os cristãos podem ser considerados “mortos para o pecado, porém vivos para Deus, no Cristo Jesus” (Rm 6,11).

A morte, na teologia paulina, já foi destruída no dia do Batismo. Lá o pecado e a morte foram sepultados na água. E, na água batismal, o cristão já nasceu para esta vida nova que se torna definitiva quando o corpo cessar seu ciclo terreno. Neste momento, o cristão nasce para a vida eterna. Toda liturgia exequial, portanto, celebra esta nova vida em Cristo. Alguns exemplos das orações que encontramos no Ritual das Exéquias.

b) Vida nova em Cristo: orações do Ritual das Exéquias

O ritual das exéquias traz várias sugestões de orações para momentos distintos da liturgia. Vamos escolher algumas das orações que nos ajudam a compreender o que a Igreja reza a Deus.

Na oração da vigília pelo defunto: *Deus Pai todo-poderoso, que, pelo Batismo, nos configurastes com a morte e ressurreição do vosso Filho, concedei benignamente que o vosso servo N., liberto desta vida mortal, seja associado ao convívio dos vossos eleitos. Por Cristo, nosso Senhor.*

Na celebração da Palavra durante o velório: *Senhor, nosso Deus, que, pelo vosso amor quisestes que o nosso irmão N., através da morte, fosse configurado com Cristo, que por nós morreu na cruz, pela graça renovadora da Páscoa do vosso Filho, afastai do vosso servo todo o vestígio da corrupção terrena, para que, marcado já na sua vida mortal com o selo do Espírito Santo, ressuscite para a vida eterna da vossa glória. Por Cristo, nosso Senhor.*

Na celebração das exéquias sem missa: *Senhor, nosso Deus, sempre disposto a compadecer-Vos e a perdoar, escutai benignamente as súplicas que Vos dirigimos pelo vosso servo N., que (hoje) chamastes deste mundo à vossa presença; e, porque acreditou e esperou em Vós, conduzi-o à sua pátria verdadeira, para tomar parte nas alegrias eternas. PNSJC.*

Na oração da coleta na Missa de Exéquias: *Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente, humildemente Vos pedimos por este nosso irmão N.: perdoai-lhe as suas culpas e concedei-lhe o descanso eterno na paz da vossa presença, em companhia dos vossos Santos. Fazei que da escuridão da morte passe ao esplendor da vossa luz e viva convosco para sempre na glória do vosso reino. Por Cristo, nosso Senhor.*

Na oração sobre as oferendas na Missa de Exéquias: *Deus de bondade infinita, que purificastes na água do Batismo o vosso servo N., purificai-o também agora no Sangue de Cristo, por este sacrifício de reconciliação, e recebei-o nos braços da vossa misericórdia. Por Cristo, nosso Senhor.*

Na oração depois da comunhão na Missa de Exéquias: *Alimentados neste sacramento do vosso Filho, que por nós foi imolado e ressuscitou glorioso, humildemente Vos suplicamos, Senhor, pelo vosso servo N., para que, purificado pelo mistério pascal, alcance a glória da ressurreição futura. Por Cristo, nosso Senhor.*

Na exortação que antecede a aspersão e a incensação (quando há) e a oração de encomendação no final da Missa de Exéquias: *Pelo batismo, este nosso irmão tornou-se verdadeiramente filho de Deus, membro de Cristo ressuscitado e templo do Espírito Santo. A água que agora vamos derramar sobre o seu corpo nos recorda essa admirável graça batismal, que o preparou para ser concidadão dos Santos no Céu. (O incenso com que vamos perfumar os seus despojos será símbolo da sua dignidade de templo de Deus.) O Senhor aumente em nós a esperança de que este nosso irmão, chamado a ser pedra viva do templo eterno de Deus, ressuscitará gloriosamente com Cristo.*

Na oração de bênção da sepultura: *Senhor Deus, criador do céu e da terra, que, pelo Batismo, salvastes o homem do cativo da morte e o unistes ao triunfo pascal de Cristo vosso Filho, para que também nós, membros do seu Corpo, nos tornássemos participantes da sua ressurreição, abençoai a sepultura do vosso servo N., e fazei que nela tenha um sono tranquilo e ressuscite no último dia com os vossos Santos. Por Cristo, nosso Senhor.*

Foram escolhidas estas orações do Ritual das Exéquias, mas a maioria delas relaciona a morte à ressurreição em Cristo ou à glória futura ou à vida eterna. Várias delas também fazem referência à morte que foi vencida pelo Batismo e a nova vida que o cristão passa a viver. Todas elas, portanto, recuperam este elemento teológico importante que faz ver a morte dentro de toda a dinâmica pascal.

Conclusão

Partindo das Orações e da Instrução Geral do Ritual das Exéquias, o texto procurou aprofundar a importância da presença da Igreja nas exéquias de seus filhos. Em tempo de pandemia, porém, nem sempre foi possível esta presença e este acompanhamento ou, em muitas situações, a celebração exequial foi realizada de forma reduzida e até simplificada e à distância.

As orações das exéquias procuram afirmar a fé da comunidade cristã na vida eterna. Em tempos de calamidades, se faz ainda mais necessário afirmar esta teologia. Nossos olhares estavam atônitos vendo tantas mortes frias, cruéis e dolorosas. Sem poder fazer um ritual digno é preciso afirmar esta perspectiva pascal que todo o Ritual das Exéquias tão bem coloca por meio de toda a sua eucologia.

Muitos familiares não puderam fazer velório e despedida digna, outros nem o adeus conseguiram dar. A Igreja nos consola, pois ela acredita e prega que todos nós poderemos, na eternidade, nos encontrar novamente com estes irmãos que já partiram. Quem sabe uma celebração com Liturgia de Exéquias por todos estes irmãos que já partiram, num lugar sagrado, simbólico, poderia amenizar a perda, elaborar o luto e fortalecer a fé na ressurreição à vida eterna.

Referências Bibliográficas

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. *Enterro*, p.126; *Exéquias*, p.142-143.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

BROVELLI, F. *Exéquias*. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p.426-436.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993, par.1680-1690.

CNBB. *Nossa Páscoa*: subsídios para a celebração da esperança. São Paulo: Paulus, 2015, 8ªed.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2014, 7ªed. In: *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, p.33-79.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia> Acesso em 8/7/2020.

<https://www.dicio.com.br/pandemia/> Acesso em 8/7/2020.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597543-morrer-sozinhos-a-epidemia-tambem-nos-desapropria-do-luto-o-rito-que-nos-torna-humanos> Acesso em 10.7.2020.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598252-um-ritual-publico-para-elaborar-o-luto> Acesso em 10.7.2020.

LLOPIS, J. *Exéquias*. In: BOROBIO, Dionisio (Org). *A celebração da Igreja 2: Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1993, p.615-627.

POUILLY, Alfredo. *A celebração da morte do cristão*. In: CELAM. *A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007. Manual de Liturgia IV, p.209-217.

RITUAL DAS EXÉQUIAS. In: BECKHÄUSER, Alberto (org). *Presbiteral*. Petrópolis: Vozes, 2008, 2ªed. p.453-536.

AS ORAÇÕES DO MISSAL ROMANO EM TEMPOS DE CALAMIDADES

*Ms. Dom Aloísio Alberto Dilli**

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.11>
Recebido: 18 de fevereiro de 2019 | Aprovado: 07 de maio de 2019

Resumo: Caros leitores. Foi-nos solicitado um artigo, dentro do contexto da pandemia da covid-19, sobre o sentido das orações do Missal Romano, ligadas às calamidades, e se elas continuarão no novo missal (3ª edição pós-conciliar), que todos aguardamos. Tentando contribuir para esta reflexão, inicialmente pretendemos analisar alguns desafios que o tempo da pandemia nos coloca e que esperamos por respostas criativas e sábias em vista da vivência de nossa fé e sua expressão na liturgia oficial e em outras formas de encontro com o Senhor e os irmãos, sobretudo em tempos de exceção. A seguir, dedicaremos atenção aos textos propostos pela Igreja *em tempo de guerra ou calamidade*, sem deixar de analisar o novo texto emitido, recentemente, pela Santa Sé: *Missa em Tempo de Pandemia*. Também apresentaremos algumas linhas sobre a preparação do *Novo Missal Romano* e, finalmente, partilhamos uma oração pessoal que foi composta durante a pandemia.

Palavras-chave: Novo Missal Romano. Liturgia. Missa em tempos de pandemia. Oração.

1 Desafios à liturgia em tempos de pandemia

A experiência de reclusão em nossas casas, diante da presença do Coronavírus Covid-19, desafiou-nos a descobrir novas maneiras de convivência humana, em muitos aspectos da vida, como aconteceu com as celebrações comunitárias em nossos templos. As dificuldades de nos reunirmos nas igrejas fez valorizar mais a presença do Senhor entre nós por outras formas

* Bispo da Diocese de Santa Cruz do Sul/RS. Mestre em Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma. Membro da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (Cetel) da CNBB. Bispo referencial da Liturgia da CNBB Sul 3. Email: d.aloisio@yahoo.com.br

e expressões, especialmente, quando nos reunimos em seu amor, como pequenos grupos orantes: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles*” (Mt 18,20). Sempre é tão confortante, quando professamos: “*Ele está no meio de nós!*”. Essa realidade torna-se também viva quando oramos em nossas casas, em contexto familiar, como Igreja doméstica.

Começamos também a perceber mais a presença do Senhor na caridade com os irmãos, sobretudo os mais necessitados: “*Todas as vezes que fizestes isso a um destes pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes*” (Mt 25,40). Na mesma linha foi o pedido do Papa Francisco: “*A hóstia consagrada contém a pessoa de Cristo. Por isso somos chamados a buscá-la diante do tabernáculo na igreja, mas também naquele tabernáculo que são os últimos, os sofredores, as pessoas sós e pobres. Foi o próprio Jesus quem o disse*”. Assim damos conta que as mãos que elevamos ao alto, em oração, devem ser as mesmas que se estendem aos irmãos em necessidade; isso nos faz perceber que o serviço da caridade é inerente ao nosso ser cristão e não uma questão opcional. Em tempos de pandemia a carência de muitos irmãos aflora com mais evidência, fazendo, por exemplo, que os tapetes mais lindos de *Corpus Christi* se tornem os cobertores e agasalhos a serem doados para quem passa frio; da mesma forma, os alimentos para os que estão em situação de fome, os produtos de higiene aos que não os possuem, etc.

Entre os meios privilegiados de encontro com o Senhor, a Palavra de Deus deve receber destaque particular, pois é Deus mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja (Cf. SC 7), tornando a Palavra viva, eficaz e eterna (Cf. Is 55,10-11; Hb 4,12; 1Pd 1,23). Emerge, portanto, a importância das celebrações da Palavra de Deus, seja em nossas famílias como em pequenas comunidades ou grupos.

Dentro do atual contexto, muitos que estavam habituados a rezar praticamente apenas através da celebração eucarística

entraram numa certa crise, com o decretado fechar as portas de nossos templos, o que pode revelar o grande valor que se dá à celebração da missa, tornando-se assim um dado a ser apreciado, mas pode também externar um sintoma de que não conseguimos *encontrar o Senhor* em tantas outras formas celebrativas e orantes de nossa vida cristã, dentro e fora dos templos. Talvez nos habituamos demais à eficácia dos ritos em si mesmos (ritualismo) e confiamos no seu efeito “*ex opere operato*” (efeito por si mesmo), tão típico da pré-reforma litúrgica do Vaticano II, quando bastava mais assistir os ritos que participar plena e ativamente dos mesmos (SC 11, 14, 21...).

Em nossos templos, mesmo de portas fechadas, em boa parte do presente Ano Litúrgico, celebramos a Liturgia oficial, inclusive os mistérios da Semana Santa, em forma mais privativa, mas tentamos fazer também a experiência da fé e do espírito de comunhão, rezando *com e pelo* Povo de Deus, em tempos de exceção. Faz bem recordar neste momento o que rezamos na apresentação das oferendas, em nossas celebrações eucarísticas: “*Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para a glória do seu nome, para o nosso bem e de toda santa Igreja*” (O destaque é nosso).

Muitos fiéis nos acompanharam e acompanham pelos diversos meios de comunicação, usados com mais ou menos criatividade e riqueza de simbolismo, seja nos templos quanto nas casas; sem ignorar que também apareceram eventuais extravagâncias midiáticas que, em vez de ajudar, prejudicam a Liturgia da Igreja.

Diante do fenômeno do coronavírus, fomos desafiados a dar respostas celebrativas, mesmo que o distanciamento físico afetasse aspectos essenciais de nossa Liturgia, sobretudo a participação comunitária. A experiência atual nos coloca uma importante pergunta: - Uma celebração assistida na TV ou pelas Redes Sociais tem o mesmo valor que a participação presencial num ato litúrgico na comunidade ou mesmo nas

celebrações da Palavra em nossas casas? Creio que nossa resposta deve iniciar dizendo que todas as formas podem ser importantes e certamente têm seu valor; mas, ao mesmo tempo, não podemos afirmar que *“tudo é a mesma coisa”*. Há graus de participação que são diferentes e conseqüentemente também de valor.

Primeiro grau: Esta forma está mais ligada ao *assistir* uma celebração por TV, Redes sociais ou *ouvir* pela rádio. O *assistente* ou *ouvinte* normalmente não se sente diretamente envolvido e comprometido com o ato litúrgico, pois sua participação não é tão ativa e plena por não estar presente com os outros. Não se nega com isso que esta forma também possa trazer frutos espirituais (meditação, oração, comunhão espiritual, catequese...), sobretudo em épocas de exceção.

Segundo grau: São as formas que recuperam o valor da oração em comum, realizada na casa (em família), de modo especial ao redor da Palavra de Deus. Certamente vale mais *celebrar*, mesmo se em grupo reduzido, como Igreja doméstica, do que simplesmente assistir ou ouvir celebrações. Aqui se destaca a importância dos subsídios em diversos níveis, que valorizam a Bíblia (Leitura Orante). O Papa Francisco também recomenda vivamente a oração do Terço em família.

Terceiro grau: Esta é a forma celebrativa normal e mais valiosa, pois ela acontece na comunidade-Igreja, à qual as pessoas estão ligadas pelo batismo. É o encontro presencial com Deus e com os irmãos. É o lugar da comunhão e participação mais plena. Ali os cristãos alimentam sua fé, sua comunhão com a Igreja e com Deus: *“Não esqueçamos que a vida cristã se faz com pessoas reais, presentes fisicamente, ocupando um espaço que é sagrado pela presença do humano e do divino”* (Pe. Ari A. dos Reis).

Atualmente não podemos rezar plenamente na comunidade. É tempo de exceção; não porque os padres ou os bispos *“nos tiraram a eucaristia”*, mas fazemos o que é possível, mesmo não sendo o ideal para os cristãos, pois neste momento temos que

olhar para a defesa da vida – dom e compromisso (Campanha da Fraternidade 2020). Estamos todos conscientes que o normal e o mais pleno é celebrar com a comunidade. Por isso, ao passar a pandemia, voltaremos com saudade para nossas comunidades. É nelas que nos alimentamos com o Pão da Palavra e da Eucaristia.

2 O Novo Missal Romano

Antes de falar diretamente sobre as missas em várias necessidades, como de pandemia e outras, convém apresentar algumas informações sobre o chamado *Novo Missal Romano*. Como membro (a partir de 2011) da equipe da CETEL (Comissão Episcopal dos Textos Litúrgicos) podemos informar que nossa tarefa tem o seguinte objetivo geral: apresentar para a Igreja do Brasil uma tradução que seja o mais possível fiel ao texto original latino, proveniente da Santa Sé (Editio Typica), tornando-se a fonte das celebrações litúrgicas; seja compreensível para os fiéis nas diversas regiões de nosso extenso país; e tenha linguagem leve, fluente e poética para ser rezada e cantada. O grande desafio, portanto, é manter equilíbrio entre a fidelidade ao texto latino e uma linguagem mais próxima da compreensão do povo. Este trabalho está em fase conclusiva, aguardando aprovação final da CNBB na próxima Assembleia Geral, em 2021, adiada por causa da pandemia. Depois o texto vai a Roma e aguardará a aprovação final da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, segundo as novas orientações da Carta Apostólica *Magnum Principium* do Papa Francisco; para depois ser editado pela CNBB, no Brasil.

Em tempos de novo missal, é importante termos diante de nós uma pequena síntese histórica do Missal de Paulo VI: com a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II surgiu a *primeira edição* do chamado *Missal de Paulo VI*, em 1970. O mesmo sofreu adaptações na edição latina, em 1975 (*segunda edição do Missal de Paulo VI*), sendo traduzido e emitido no

Brasil, em 1992, o qual ainda está em uso, atualmente. Portanto, hoje estamos falando da *terceira edição do Missal de Paulo VI*, solicitada ainda por João Paulo II (*Liturgiam Authenticam*) para todas as Conferências, em 28.03.2001, e cuja tradução iniciou no Brasil, somente em 2008.

A nova edição que todos aguardamos continua basicamente com o mesmo estilo das anteriores, contudo, há nova tradução com os critérios acima apontados. O trabalho maior e mais demorado consistiu na tradução dos mais de três mil textos latinos, frase por frase, tentando respeitar a unidade da Liturgia Romana, onde está a base, a fonte de nossa fé cristã (*lex orandi – lex credendi – lux operandi*). Foram acrescentados também os textos dos novos santos/as inscritos no calendário litúrgico, além de outros acréscimos e enriquecimentos.

3 Missas por várias necessidades e em tempos de pandemia

Entre as *missas por várias necessidades*, comentaremos primeiramente a que é proposta *em tempo de guerra ou calamidade*, a qual já consta em nosso missal atual (2ª edição) e que aparece novamente na 3ª edição que estamos aguardando, com alguma mudança de tradução, mas não do conteúdo fundamental.

A atual situação do coronavírus covid-19, diante de muitos pedidos em toda Igreja, fez surgir uma nova proposta de Missa, mais adequada *em tempo de pandemia*, a qual também comentaremos abaixo e que deverá constar no novo missal.

3.1 Em Tempo de Guerra ou Calamidade¹

Nosso missal atual não contém uma missa específica para

1 Missa *pelo Bem Público*, missal atual - da 2ª edição no Brasil, n.23.

tempos de pandemia; apenas em sentido geral de calamidade, mais ligada à situação de guerra, invocando a paz e a concórdia. Mesmo assim, fazemos rápido comentário aos seus textos.

A primeira *antífona de entrada* apresenta texto de Jeremias (Jr 29,11.12.14) que revela um Deus que deseja a paz, que liberta da aflição e tira do cativeiro; a segunda *antífona de entrada* revela um Deus que escuta o clamor dos que suplicam, em meio aos terrores que os cercam.

As duas orações da *coleta*, a oração *sobre as oferendas* e a oração *depois da comunhão* falam, sobretudo, da realidade da guerra e do conseqüente ódio e sofrimento, em meio aos quais é suplicada a Deus a graça da paz, da justiça e do amor, reflexos da identidade divina e dos verdadeiros cristãos. Deus é invocado como autor e amigo da paz ou a própria paz.

3.2 Missa em Tempo de Pandemia

A presença do coronavírus covid-19, que assola o planeta, fez com que surgissem insistentes solicitações para que houvesse uma missa específica, durante este tempo, para implorar a Deus o fim da pandemia. A resposta da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos veio através do Prot. N. 156/20 (30/03/2020), que propõe as orações para uma *Missa em tempo de pandemia* (a tradução portuguesa dos textos veio da Santa Sé).

Na apresentação do decreto encontramos a seguinte frase do salmista: “*Não terás medo da epidemia que se alastra na escuridão*” (cf. Sl 90,5-6). Esta palavra bíblica convida para uma grande confiança no amor fiel de Deus que não abandona seu povo em tempos de provação, como da pandemia. Essa é a teologia que perpassa os textos litúrgicos da temática presente. Diante da apreensão, da insegurança e do medo humano desponta a confiança em Deus que é fiel e que acompanha seu povo.

A *antífona de entrada* cita Isaías (Is 53,4), fazendo referência ao exemplo de Jesus Cristo, o Servo de Javé, que tomou sobre si as nossas dores.

3.2.1 Oração coletiva

*“Deus eterno e onipotente,
nosso refúgio em todos os perigos,
olhai benignamente para as nossas aflições e angústias;
como filhos, com fé Vos pedimos:
concedei o eterno descanso aos que morreram,
conforto aos que choram,
cura aos doentes,
paz aos moribundos,
a força aos que trabalham na saúde,
a sabedoria aos nossos governantes
e a coragem para chegarmos amorosamente a todos
glorificando juntos o Vosso Santo Nome.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
Que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo”.*

Esta é a *oração coletiva*, que contém a parte mais significativa do conteúdo dessa missa, a qual reconhece Deus como nosso refúgio em todos os perigos. A prece de filhos externa esta confiança na sua benignidade, em meio às aflições, com diversas preces: pelo descanso eterno dos que morreram, pelos que choram, pela cura dos doentes, pela paz dos que estão na agonia da morte, pelos que cuidam da saúde, pela sabedoria dos governantes, e a coragem de encontrar-nos com todos para glorificar juntos o seu Santo Nome.

A *oração sobre as oferendas* pede que Deus receba os dons apresentados na tribulação e os transforme com a força de seu poder em fonte de consolação e de paz. A *antífona da comunhão*

traz presente Mt 11,28: “*Vinde a mim, todos os que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso*”. A oração depois da comunhão apresenta a eucaristia como remédio da vida eterna, que conduz à glória celeste.

3.2.2 Liturgia da Palavra

Primeira Leitura: Rm 8,31b-39

Salmo Responsorial: Sl 122,1-2

Aclamação ao Evangelho: 2Cor 1,3b-4^a

Evangelho: Mc 4,35-41

4 Oração em tempos de pandemia²

Ó Deus, Pai de misericórdia.

Louvido sois por todas as criaturas, expressão de fraternidade universal. Sobretudo vos louvamos porque criastes o ser humano à vossa imagem e semelhança e não o abandonastes ao poder da morte em sua atitude infiel.

Somos profundamente agradecidos pela vinda de vosso Filho Jesus Cristo, que nasceu entre nós e mereceu-nos novo sentido para a vida, recriando-nos com uma dignidade sem par, que nos tornou filhos e herdeiros, vocacionados a participar de vossa vida divina. Pela sua vida, cruz e ressurreição fomos salvos. Até nossas dores e angústias, pandemias e a própria morte foram iluminadas pela esperança de vitória e pelo dom da vida nova e eterna.

Redimidos por vosso Filho e iluminados pelo Espírito Santo, farei que a experiência da pandemia nos ensine a retomar o sentido e os valores mais profundos de nossa vida: a filiação divina e a relação fraterna, que o mundo sempre mais está ignorando.

Pai de misericórdia, experimentamos neste tempo de quarentena o quanto somos dependentes de vós e da solidariedade dos outros,

² Composta em 02/04/2020.

nossos irmãos e irmãs. Fortificai nossa fé na vossa constante presença samaritana, consolai os que mais sofrem e abençoai os que se doam pela saúde corporal e espiritual dos outros.

Ó Deus, Pai de misericórdia, finalmente vos pedimos que surjam novos valores na vida do planeta – nossa casa comum – para substituir a visão egoísta que endeusa o poder de mercado, o consumismo insaciável e o bem-estar como objetivo último da vida. Que desponham sábias lideranças mundiais em meio à crise, também em nossas famílias, comunidades e na sociedade em que convivemos, para suscitar valores que respeitem a dignidade da vida, que promovam a justiça, a paz, a fraternidade e tantos outros que emergem do Evangelho, onde vosso Filho ensina: “Um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos” (Mt 23,8b). Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2014, 7ªed. In: *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, p.33-79.

FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Magnum Principium*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 1992, 2ªed.

O ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

*Ms. Ir. Penha Carpanedo**

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.12>

Recebido: 23 de janeiro de 2019 | Aprovado: 26 de maio de 2019

Resumo: A casa onde moramos, desponta como lugar seguro em tempo de isolamento social. Mas ela é, por tradição, um espaço eclesial que abriga a Igreja doméstica e sua liturgia. No centro da casa está a mesa da comunhão diária, sustentada pela partilha da refeição, pela convivência, pela memória das tantas refeições que Jesus fez com os seus.

Palavras-chave: Casa. Isolamento. Reunião. Mesa. Escuta. Prece.

1 A casa como lugar seguro

Estamos no meio de uma crise sanitária sem precedentes, agravada por um desgoverno que nega os possíveis e necessários cuidados, colocando-nos em extrema dificuldade, sobretudo os pobres que não dispõem de recursos mínimos para manter-se em isolamento. É uma situação que, de alguma forma, atinge todas e todos nós. Em cinco meses chegamos ao alarmante número de cem mil vidas ceifadas, nomes apagados, histórias interrompidas, entre as quais figuram rostos de pessoas conhecidas, de parentes e de tantos amigos e amigas. E em meio a este luto coletivo a instabilidade continua, com a situação econômica e política piorada, sem qualquer certeza de solução num futuro próximo.

Mas os sábios dizem que nunca se deve desperdiçar uma crise. Sem escamotear a crise, podemos fazer dela uma fonte de transformação. A história nos ensina que é possível renascer das

* Pertence às Pias Discípulas do Divino Mestre. Redatora da Revista de Liturgia. Membro da Rede Celebra de animação litúrgica. Mestre em Liturgia. email: redacao@revistadeliturgia.com.br

cinzas. Há quem diga, que depois desta dramática experiência não seremos mais os mesmos, as mesmas, que o mundo terá que ser reinventado desde a forma de gerenciar a economia até os modos de viver dentro de nossas casas.

Na Igreja vivemos a impossibilidade de nos reunir presencialmente para as diversas atividades pastorais, gritando mais forte o fato de não podermos participar plenamente da Eucaristia. Talvez, as alternativas que surgiram para suprir esta privação, estejam revelando, quão limitada é a nossa compreensão da ceia memorial do Senhor e isso deverá nos levar a buscar o sentido mais profundo da eucaristia que inclui o lava-pés do serviço e do amor fraterno. Aliás, estamos tendo a oportunidade de contemplar a entrega do Senhor, no trabalho arriscado de tantos profissionais da saúde, na luta para obter o auxílio emergencial, na partilha e na solidariedade em socorrer os mais frágeis, na batalha cotidiana pela sobrevivência em condições adversas.

E enquanto a instabilidade permanece a palavra de ordem é ficar em casa para não contrair nem contribuir para disseminar o vírus. Ninguém deve se arriscar, nem mesmo para ir à Igreja. A fé pode ser cultivada e celebrada em casa. Este espaço pequeno, tão pouco importante aos olhos de quem faz os grandes relatos da história, pouco significativo para a economia e para a política, de repente vem à tona como o lugar seguro e se revela como espaço simbólico, eclesial e litúrgico. Isso de voltar para a casa, remete ao tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, que tinha a casa como lugar de reunião e de evangelização.

2 A casa da Igreja

Jesus foi um rabino itinerante, missionário. Com ele caminhavam os doze, outros discípulos, um grupo de mulheres (Lc 8,1-3; Mc 15,40s). Em suas andanças parava nas casas que o

recebiam oferecendo abrigo, alimento, aconchego. Jesus falava às multidões, mas era na casa que Ele conversava com os discípulos e discípulas na intimidade. A palavra casa nos evangelhos é quase sempre uma referência ao lugar onde Jesus se encontrava com os seus discípulos e discípulas e os formava (cf. Mc 1,17; 9,28). A última ceia de Jesus foi celebrada numa casa (Mc 14,15) e foi na casa que depois de sua ressurreição Ele apareceu aos 11 quando estavam à mesa [Mc 16,14-18] ou quando estavam reunidos com as portas fechadas (Jo 20,19). A casa extrapola a família natural. Jesus deixa claro, que a sua família, sua mãe e seus irmãos “são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11,28).

Essas casas certamente se tornaram referências para as comunidades cristãs depois da ressurreição. Imaginemos, por exemplo, a casa de Marta, Maria e Lázaro, em Betânia, onde Jesus tantas vezes se hospedou a caminho de Jerusalém (cf. Lc 10,38-42); ou a casa de Pedro em Cafarnaum onde Jesus morava (cf. Mc 1,2; 3,20). Nas comunidades de Paulo são conhecidas as casas de Lídia que acolheu Paulo e onde a Igreja se reunia (cf. At 16,14-15); também a casa de Prisca e Áquila um casal importante na itinerância missionária de Paulo, que abriu a sua casa para o apóstolo e na qual a comunidade cristã se reunia regularmente (cf. 1Cor 16,19). Em Jerusalém, podemos lembrar a casa de Maria mãe de João Marcos para onde Pedro se dirigiu depois da sua libertação milagrosa (At 12,12-16). A Igreja de Jerusalém se reunia nas casas e também no templo, tão importante para o povo de Israel como lugar de revelação: “em suas casas partiam o pão, compartilhavam a comida com alegria e simplicidade de coração (At 42,46).

Estas casas cedidas para servir de lugar de reunião da comunidade, passavam por uma adequação em função do número de pessoas e das ações que ali se realizavam. Sem perder a fisionomia da casa abria-se o necessário espaço para abrigar a comunidade. Não se tinha a intenção de criar um espaço

sagrado, pois sagrada era a comunidade reunida, ela mesma lugar da manifestação do Ressuscitado. A mais antiga Casa-igreja de que se tem notícia, situada na atual Síria, numa cidade de nome Dura Europos, era uma residência familiar que foi ampliada para prestar este serviço.

Com o tempo a Igreja foi se estruturando e grandes templos foram construídos, à medida que a própria Igreja e a sua liturgia vão se modificando sob o domínio do clero, praticamente sem participação do povo e sem ministérios leigos. Quanto mais o povo deixa de ser sujeito e a liturgia já não se configura como uma ação comunitária da fé, mais o espaço da celebração passa a atender à necessidade de olhar, em vez de participar ativamente.

Com o movimento de volta às fontes do Concílio Vaticano II, reabilitando o modelo de Igreja povo de Deus, caminhos se abriram para as pequenas comunidades. Foi uma verdadeira revolução do ponto de vista eclesial e litúrgico, em que o povo passa a ser sujeito eclesial e sujeito também da ação litúrgica. Aqui na América Latina, a recepção do Concílio, sobretudo a partir de Medellín, criou espaço para uma experiência concreta da Igreja povo de Deus nas Comunidades Eclesiais da Base, que se reúnem em pequenos grupos, muitas vezes nas casas, num salão comunitário, em espaços mais simples, em movimento circular. Contudo não é fácil em 50 anos, passar de um modelo milenar, para um novo jeito de ser Igreja. Há sempre a tendência de voltar ao velho sistema.

3 A volta pra casa

Com o isolamento social veio à tona uma avalanche de missas com o padre, mas sem o povo, oferecida via mídia e recebida como resposta satisfatória por grande parte do povo católico. No entanto, boa parte dos fiéis tem se perguntado se em vez disto, não seria mais interessante reunir a família e fazer da pequena igreja da casa um lugar de encontro com Jesus

conforme ele mesmo prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio deles” (Mt 18,20).

Aliás, os fiéis nunca deixaram de fazer da casa, de alguma maneira, um lugar de viver e celebrar a fé. É muito comum encontrar nas casas, sobretudo dos pobres, um altarzinho, uma imagem, uma vela e a prática diária da oração, em geral, com expressões da piedade popular já que a liturgia se tornou inacessível ao povo. Daqui podemos começar a partir da herança de nossos pais e avós. Quantos e quantas de nós não se recorda do diminuto ofício cotidiano, da manhã e da noite, “com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e o Divino Espírito Santo”?

Aos poucos podemos ir desenvolvendo uma liturgia doméstica, feita de pequenos ritos em estilo simples, presidida pela mãe ou por outra pessoa da família. Por esta celebração podemos alegrar-nos na presença de Jesus, escutar e meditar a sua palavra e, junto com Jesus, erguer ao Pai os nossos corações em preces, partilhar um pão em ação de graças, invocar uma bênção. É uma liturgia que pode renovar a esperança e a confiança de que Deus não nos abandona, mesmo quando a morte nos ameaça.

A liturgia doméstica se adapta ao espaço da casa, buscando nela o melhor para se criar um círculo, seja na sala, ou numa varanda, ou num terraço, ou no quintal... Em qualquer caso, é importante cuidar que as pessoas estejam confortáveis e unidas entre si. Se for dentro de casa é importante estabelecer um ponto de referência que pode ser uma vela, a bíblia, um ícone ou a cruz, uma flor, sobre uma mesinha ou sobre um tecido posto no chão. Não se trata de transportar para a casa o modelo da igreja maior. Mas o espaço organizado e bonito, ainda que com toda a simplicidade, corresponde à linguagem própria da liturgia que expressa a fé por meio de sinais sensíveis (cf. SC 7).

Na casa, talvez o espaço mais sagrado, seja a mesa, onde todos se encontram para partilhar o pão, dom de Deus e fruto

do trabalho de cada um, cada uma. Infelizmente já não é tão comum priorizar a refeição como lugar de convivência. A televisão, o celular, o trabalho nos capturam e indicam outra direção. Poderia ser este um bom começo, se não sempre, pelo menos de vez em quando: preparar uma boa comida, arrumar a mesa, alguém pode fazer uma prece de agradecimento a Deus pelo pão nosso de cada dia e pelo dom de estarmos juntos. Comer e beber na alegria e na comunhão tem enorme sentido espiritual. Recorda as tantas vezes que Jesus sentou-se com seus para comer e beber, em ação de graças, sinalizando a chegada do Reino.

Esta experiência forçada pela pandemia soa como alternativa, já que não podemos nos juntar à comunidade; ao mesmo tempo, aponta para um futuro, que já se faz presente, de uma Igreja que redescobre formas concretas de exercer o sacerdócio comum dos fiéis, na vida e na liturgia. Oxalá a experiência de celebrar no restrito ambiente da casa, nos devolva definitivamente o imprescindível da participação efetiva e ativa, e livre a Igreja de tratar o povo como mero espectador (Cf. SC 48).

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.
DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2014, 7ªed. In: *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, p.33-79.

A ORAÇÃO EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

*Ms. Pe. Rene Zanandréa**

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.13>
Recebido: 03 de dezembro de 2018 | Aprovado: 11 de abril de 2019

Resumo: A oração dos cristãos se intensificou durante a experiência de distanciamento social provocada pela pandemia da Covid-19. Jesus rezava e ensinou a rezar desmistificando e libertando a própria oração. A Igreja precisa aprender de Jesus a rezar com o cotidiano e as Sagradas Escrituras; rezar mais pelos outros do que para si própria.

Palavras-chave: Oração. A oração de Jesus. Oração Cristã. A Oração do Papa Francisco. Distanciamento social.

Introdução

Jesus rezava e ensinou a rezar. Nos momentos cruciais de sua missão dialogou com o Pai. Em momentos limite, sua franqueza e, ao mesmo tempo, sua confiança no Pai revelam a firmeza e a determinação que sua oração proporcionava: “Agora estou muito perturbado. E o que vou dizer? Pai livra-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. Pai, manifesta a glória do teu nome!” (Jo 12,27-28).

Agora a humanidade se depara com uma experiência ímpar. A pandemia da Covid-19 tem forçado os povos do mundo inteiro ao isolamento. E, não raras vezes, têm feito a experiência de se reinventar, inclusive espiritualmente. Se o fiel crente reza no dia-a-dia é provável que nesses tempos a oração se fez mais intensa. Mas, a Palavra de Deus tem feito parte da oração cotidiana dos cristãos?

* Padre da Diocese de Vacaria. Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) – São Leopoldo/RS. Professor da Itepa Faculdades. Áreas: Sacramentos, Liturgia, Comunicação, Organização Paroquial. Email: renezanandrea@yahoo.com.br

No presente artigo recolhemos relatos de algumas experiências de oração vividas de modo distinto nesses tempos de distanciamento social. Essas experiências nós as encontramos em ações noticiadas nas mídias sociais, mas, também, através de entrevistas. Em Jesus, o Nazareno, buscamos inspirações: Ele se retirava para rezar e dá indicativos da oração autêntica. Por fim propomos as Sagradas Escrituras e o olhar para o cotidiano da vida como inspirações para a oração cristã.

1 A oração no “deserto” do distanciamento social: relatos de experiências

A pandemia do coronavírus impôs o isolamento social no Brasil a partir de março de 2020. Em outros continentes isso se deu bem antes. Surgiram alguns sentimentos que foram mudando com o passar dos dias. Pensava-se, por exemplo, que, com a cooperação de todos, tudo retomaria sua “normalidade” depois de algumas semanas. Foi necessário repensar essa intuição depois de se perceber o prolongamento desse estado de distanciamento.

Também o cultivo da fé sofreu seus impactos. A necessidade de fechar igrejas causou constrangimentos nos líderes religiosos, embora parecesse ser para um período breve. Mas foi necessário celebrar a Semana Santa, o Tríduo Pascal e a Ressurreição do Senhor ainda de portas fechadas... e os fiéis foram orientados a participar virtualmente e a ritualizar sua “presença” colocando na frente de sua casa os sinais que expressavam essa celebração da centralidade da fé cristã.

1.1 A Missa transmitida nas redes sociais

As atividades comunitárias foram quase todas suspensas ou adiadas. Com isso o cerne da vida comunitária, sua interatividade e proximidade física, ficaram bloqueados. Com a

restrição das celebrações abertas ao público se iniciaram as transmissões *on-line* na maioria das comunidades paroquiais.

O alcance e a abrangência dessas transmissões ultrapassam as fronteiras da paróquia e acabam por alcançar outros lugares, mas, não necessariamente, chegam aos paroquianos locais. “Atingir” os paroquianos, permanece um desafio. Afinal, nem todos os que costumavam frequentar as igrejas usam as redes sociais; nem todos aprenderam a manusear os equipamentos de informática e têm acesso à *internet*. Basta ver que, mesmo atingindo outras realidades além das fronteiras geográficas da paróquia, o número de conexões durante a Missa é absolutamente inferior ao número de paroquianos.

Dentre os inúmeros desafios, nas Missas transmitidas pelas redes sociais aparecem a qualidade técnica (áudio, enquadramento de imagem, qualidade das conexões) e a interação com a comunidade. Houve certa estranheza porque não se tinha conhecimento de quem estava “assistindo” pela rede social e como reagia às celebrações. Isso tudo exigiu dos ministros uma maior responsabilidade e cuidado redobrado no preparo da liturgia.

Apareceram iniciativas como de pedir aos que acompanham as transmissões para que enviem suas intenções de oração, na rede social. E os internautas corresponderam e expressaram certa assiduidade, interagindo sistematicamente com as transmissões. Iniciativas como a leitura dessas intenções e o pedido de envio de fotos para compor um painel na Igreja, por exemplo, resultou em certa fidelização e interação mais palpável. Foram fixadas fotografias de fiéis nos bancos de algumas igrejas, sinalizando a memória dos ausentes. Tais métodos têm sido amplamente adotados e dado o efeito de as pessoas se sentirem mais envolvidas com as Missas. Há iniciativas de editoras distribuindo os subsídios litúrgicos que produzem e paróquias disponibilizando material digital para auxiliar os fiéis a rezarem em casa.

As celebrações *on-line* dão visibilidade e, não raras vezes, isso acabou gerando dificuldades entre os membros das equipes, tornando evidente tensões que já existiam, embora veladas. Outro desafio constatado é a criatividade despudorada, criatividade “selvagem”, atitudes que ferem o princípio cristão da centralidade no Mistério Pascal de Jesus Cristo.

Mas, embora tantos desafios e, em especial a realidade de uma Assembleia Litúrgica menos completa, precisamos reconhecer que, nesse tempo de exceção, as Missas transmitidas pelas redes sociais têm ajudado a alimentar a fé e a esperança de tantos que levam a sério o cuidado com a vida, ficando em casa.

E quando passar a pandemia, como nossas comunidades vão retornar? Os fiéis terão saudades da comunidade? Pode ser que alguns se percam e continuem isolados. Como re-encantar para a vida comunitária? E aquelas pessoas que perderam seus familiares, seus empregos, empobreceram?

1.2 Experiências de oração pessoal e familiar

O distanciamento social forçou a ficar em casa. Para além de ter onde morar, ter o que comer e vestir, a espiritualidade, a esperança constituem o rol das necessidades básicas de toda pessoa. A Igreja das casas está se reinventando pois todos precisam continuar tendo razões para viver. E “essas verdadeiras ‘Igrejas domésticas’ se conectaram entre si, unindo pessoas, famílias, grupos e comunidades em encontros de oração e formação”, afirma Moisés Sbardelotto.

Para elaborar as linhas a seguir, realizamos uma pesquisa através de uma rede social obtendo respostas de doze pessoas. A contribuição vem de religiosas, de fiéis leigos e de presbíteros¹. Num primeiro contato pedimos que, de forma bem aberta, partilhassem o modo como estão rezando nesses tempos de

1 Os depoimentos incorporados ao texto serão identificados, porém mantendo o anonimato dos entrevistados.

distanciamento social. O segundo contato foi para saber da participação ou não das Sagradas Escrituras na oração pessoal e familiar.

Quase por unanimidade as pessoas afirmaram que a oração se tornou mais intensa: “percebi que passei a dedicar mais tempo para conversar com Deus, falar dos meus medos, preocupações, pedir proteção e a superação dessa crise” relatou uma entrevistada. Outra disse que, em família, não tinham o hábito de fazer a oração juntos, diariamente, [exceto] nos finais de semana, antes de dormir. Mas, “nesse período [de pandemia], todos os dias, às 10 horas [da noite], eu coloco o relógio despertar e a gente reza juntos. Esse foi um ponto positivo nesse período”.

“A oração é um espaço onde nos encontramos conosco mesmos e com o Senhor. É o que nos fortalece. Se a gente não tem uma vida de oração, nessas tribulações da vida a gente desiste e perde a razão de viver”, relatou uma pessoa entrevistada. E outra prossegue relatando que “já rezava o meu Rosário, fazia visita quase diariamente ao Sacrário e participava de boa parte das Celebrações Eucarísticas [mas] foi muito difícil... Parecia que tinham me tirado a Igreja. Tive que começar a me reinventar na oração. E foi muito bom”.

Vários entrevistados revelaram elementos que compõem sua oração, seu conteúdo. Eis algumas respostas: “agradecer por tudo que Ele tem me proporcionado”; “como núcleo [de religiosas] nos comprometemos a estar em unidade umas com as outras e em sintonia com o povo que, nesta situação, tem muita incerteza, desânimos, dúvidas e choque por tantas vidas ceifadas por um vírus invisível e fatal”.

Sobre os métodos de oração, trazemos algumas manifestações: “costumo rezar o Terço, ouvir reflexões sobre a vida e a necessidade de alimentar a fé e a esperança”; “em minha família a reza do Terço tornou-se mais regular e os momentos juntos ganharam mais prioridade”; “consegui rezar os vinte Mistérios meditados e [com mais tempo] consegui rezá-lo

melhor”; “o silêncio favorece muito minha conexão com Deus, bem como um espaço orante, com Bíblia, imagem de Cristo e de Nossa Senhora”. Outras citaram a Missa na casa religiosa e a Celebração da Palavra na comunidade aos domingos. Um padre testemunhou ter descoberto “uma força ainda maior [...] vinda da Eucaristia. [...] Nunca tinha celebrado a Eucaristia sozinho. Foi desafiador no início, mas muito gratificante, agora. [...] Celebrei várias vezes com minha família (nunca havia feito só com meus pais)”. Também a oração antes do almoço foi citada com o testemunho de que “já sentimos o efeito [e] a nossa casa começou a ser mais Igreja”. Várias respostas indicaram a relevância da oração no contato com a obra do Criador: é muito bom “se dar conta que Deus está presente ali... tinha dias que parecia que tudo rezava comigo, sabe?”. A oração permite perceber “um Deus que corrige e salva”. Quase que a totalidade das falas citaram as celebrações via redes sociais como forma de rezar. Foram citadas as transmissões via *Facebook* e TVs de inspiração católica, a produção de *lives* formativas e os materiais enviados eletronicamente que ajudam a rezar. “Há situações em que parece que Deus transpassa da tela para o coração da gente. São experiências que agora a gente começou a valorizar e Deus [...] derramou muito mais amor do que já tinha para que todos experimentássemos [como que] dizendo pra gente: ‘você não está sozinho’”.

Os entrevistados apontaram, também, desdobramentos da oração na convivência e no serviço. Uma religiosa testemunhou que percebe Deus agindo em resposta ao serviço que presta a uma comunidade terapêutica: “independentemente do que ‘aprontaram’ [...] o fato de eles se manterem em pé é um jeito de sentir que Deus está conosco”. Um sentimento comum é a “falta do convívio em comunidade, das celebrações dominicais, da partilha da vida”; “estamos distanciados, impossibilitados de nos encontrarmos para rezarmos juntos”. Outras experiências ressaltam a mesma importância da coletividade: “minha fé não

se abalou porque no [movimento juvenil tal] tenho cada vez mais forças para não me deixar abalar [...] e sair para o mundo com aquele intuito de mudá-lo, acredito que isso seja possível sim”; “a convivência com o outro padre é muito bacana onde um ajuda o outro”. Aparece a preocupação com os problemas do isolamento: “as pessoas estão muito doentes e têm vindo procurar orientação psicológica [espíritual]. [Temos] que estar bem preparados. As pessoas, as famílias estão se fechando muito e, se não trabalhar, vai estourar em doenças. [...] Irmãos no sacerdócio não ligam pra saber como está o outro, não visitam. [Eu] tenho procurado ligar”. Um outro padre disse sentir “falta das reuniões e formações comunitárias, das celebrações onde se pode abraçar e querer bem, se acolher na porta com abraços... agora a gente se acolhe só com o cotovelo”. Mas, testemunhou alguém, tudo isso “nos levou a despertar e valorizar mais a solidariedade, a empatia e fazer do distanciamento um ato de amor para com os demais”.

A oração alimenta a esperança, mantém em pé, testemunham os entrevistados: fiéis leigos afirmam ter “a certeza de que Deus continua caminhando conosco e a cada dia nos dispõe e nos dá coragem de recomeçar na esperança”; vamos “tentando passar isso também para as outras pessoas” na “fé e esperança por dias melhores”. Um jovem presbítero relatou que o isolamento forçado o “fez chorar e sentir desânimo na missão”. Então rezou como ainda não tinha rezado: “tempo em silêncio para falar com Deus e ouvi-Lo... [...] nunca tinha passado tempo significativo em frente ao sacrário [e da] imagem de Nossa Senhora”. Mas “foi o tempo da graça, me encontrei [...], como um retiro” podendo revisitar momentos da infância, família, comunidade, escola, seminário... “Revisitei meus erros e pensei sobre os obstáculos”. Também o Papa Francisco foi lembrado quando uma fiel leiga disse que suas mensagens despertaram para a necessidade da oração. A família ganhou novas percepções: “tem seus erros e defeitos,

mas aqui tem Deus, aqui é que Deus mora e quer a gente mais perto. E pudemos experimentar essa presença de Deus em nossa vida”. Uma entrevistada intui que “nunca mais vai ser igual, depois dessa pandemia. O participar das celebrações, o fazer uma oração não vai ser igual a antes. O valor é muito maior, hoje, da família, do ser das pessoas, da natureza”.

Nosso segundo contato com os entrevistados buscou saber como contemplam (ou não) a Palavra de Deus, já que apenas duas entrevistadas a citaram na primeira resposta. Disseram: “com mais tempo em casa pude fazer com mais calma a oração da Palavra de Deus”; “em meus momentos de orações, não todos, gosto de ler um trecho da Bíblia; geralmente acompanho a liturgia diária e, a partir da leitura, faço um momento de reflexão”. Alguns disseram que seguem os passos do Método de Leitura Orante: “gosto muito”; “às vezes utilizando o MLO e às vezes simplesmente partilhando em comunidade [religiosa]”; “sempre que possível, faço a leitura orante”. Os padres entrevistados são unânimes em afirmar que o contato diário serve para consumo próprio mas, também, para partilhar em comunidade através das homilias: “faço a opção de todas as manhãs, rezar com a liturgia diária ao invés da liturgia das horas”; “a liturgia diária me prepara também para as celebrações e me motivam a buscar sempre reflexões e estudos exegéticos/hermenêuticos para compreender o sentido mais profundo do texto”. Inúmeras outras falas testemunham a importância dos textos sagrados para a oração: “o contato com a Palavra me traz esperança e acalento neste momento difícil; e me faz ver o quanto Deus é amoroso e misericordioso”; “a Palavra de Deus vem como luz, abre horizonte, mostra caminhos”; “acompanho a liturgia diária, principalmente com o Evangelho e o Salmo”; “geralmente a Palavra de Deus, mesmo sendo da liturgia do dia, parece que se encaixa naquilo que estou vivendo, a situação daquele dia”; “a Sua Palavra me traz paz, segurança, me faz tomar posição tentando viver lá em meio

aos desafios do dia-a-dia, me dá forças, faz com que nunca me sinta só”; “muitas vezes eu disse, após rezar com a Palavra: ‘ainda bem que eu tenho Deus que me ajuda, que me entende, que me levanta, me faz recomeçar’”; “acompanho a transmissão da missa diariamente, ouço com atenção a proclamação dos textos Bíblicos e reflexões... procuro colocar em prática o que a Palavra de Deus me transmite”.

O isolamento social está forçando a espiritualidade e a oração cristã a se reavivarem. É notório que a oração pessoal e familiar tem tomado elementos mais palpáveis da vida. Mais adiante veremos que Jesus ensina assim. Portanto temos um longo e belo caminho pela frente.

1.3 O “mundo inteiro” está rezando diferente

Neste terceiro (e breve) item queremos mencionar as incontáveis iniciativas de oração pelo mundo afora e que têm feito uso de uma gama sem fim de recursos eletrônicos e com sintonia global.

É impossível não mencionar aqui a oração que o Papa Francisco fez pelo mundo inteiro na praça da Basílica São Pedro na tarde cinzenta de 27 de março. Essa iniciativa do Sumo Pontífice e o jeito como rezou, impactou o mundo. A cena televisiva mostrava um “senhorzinho” que caminhava sozinho. Mas ele não estava só porque o mundo inteiro estava presente naquela “subida”, naquela oração.

Vimos um Papa diferente, que reza diferente, mas tendo presente as preocupações evangélicas de sempre. Francisco disse, na homilia: “Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis

num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: ‘Acorda, Senhor!’. [...] Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos. [...] Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. [...] Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais”.

Muitas outras iniciativas de oração unindo os cinco continentes se fizeram saber. Mencionamos aqui – como ilustração – o evento de oração *on-line* intitulado “eu não consigo respirar”. Aconteceu no dia 23 de julho por iniciativa da vida religiosa consagrada. Teve o objetivo de “fortalecer a fé e testemunhar a presença de Deus unindo o mundo que enfrenta a pandemia do Covid-19 [e esteve] direcionada especialmente às pessoas dos países que estão sofrendo drasticamente com as consequências do coronavírus”.

Para participar as pessoas precisaram se inscrever, pois o encontro mundial aconteceu em modalidade de videoconferência pela plataforma *Zoom*. A presidente da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), Ir. Jolanta Kafka, descreveu o momento vivido como de “santa inquietação” pela privação de projetos e de poder administrar a própria vida. “Um tipo de ‘pobreza’ e de ‘incerteza’ que levam a confiar em Deus mais sinceramente, a aceitar que a insegurança eduque a uma busca intensa de Deus, a ancorar o coração n’Ele”. Ela lembrou que o confinamento ajudou a “redescobrir o próximo, com gestos concretos de ajuda mútua, em nível local ou através da ‘solidariedade global’. Por isso, a oração *on-line* se manifesta como mais uma iniciativa para oferecer o acompanhamento

recíproco, mesmo que de forma virtual, mas que vai muito além da comunidade congregacional”.

A experiência da pandemia tem possibilitado perceber a caducidade de vários valores que considerávamos primários e que os percebemos secundários e vice-versa. O Papa Francisco, lembrou disso na oração de 27 de março: “a tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade”. Oxalá essa experiência de distanciamento social também nos ajude a rezar diferente. Se faz necessário aprender com Jesus. É o que buscamos a seguir, revisitando trechos evangélicos que mostram esse Caminho.

2 A oração de Jesus: inspiração para a oração da Igreja

Por ser uma das formas de contato com a divindade, a oração se relaciona com a experiência de sentido e de totalidade. Não se trata apenas de um movimento vertical, mas também horizontal. E isso se faz exigência no que diz respeito à coerência da oração cristã para que seja, de fato, cristã.

A experiência de sentido e de transcendência acontece na práxis (ação-reflexão), segundo Jon Sobrino. Mas o “mais” que nasce dessa práxis deve ser considerado para que se manifeste a experiência de gratuidade e, assim, o cristão se encontre consigo mesmo².

A oração é uma experiência de gratuidade. Esse ato “ocioso” nos lembra que o Senhor está além das categorias do útil e do inútil. A gratuidade de Deus nos provoca para uma experiência que liberta da alienação. O cristão comprometido com o Reino

2 Jon SOBRINO, *A oração de Jesus e do cristão*, p.9.

precisa encontrar os caminhos de uma oração autêntica, que vai além do discursivo. O encontro com esse Deus gratuito nos despoja, despe.

A oração comunitária se dirige a Deus e se faz dentro de um contexto bem determinado. Os conceitos cristãos de Deus, Reino, seguimento, gratuidade, etc também estão sob determinada condição histórica. Portanto não podem ser considerados como abstratos e intemporais, mas situados historicamente já que se deduzem da história concreta de Jesus, afirma Sobrino.

2.1 A oração de Jesus

A oração dos cristãos se inspira na oração de Jesus. Ora, “se Jesus é o Filho, o Primogênito, o primeiro dentre os crentes, é também o primeiro dos orantes”³. E, uma vez que Jesus rezou desde o seu contexto histórico, se deduz que a oração é uma faceta da vida e que a oração responde às tramas e aos dramas humanos.

Um dado fundamental é que Jesus rezava. E o conteúdo e o contexto de sua oração estão bem situados e assim deve ser a oração cristã. Jesus não foi ingênuo em relação à oração; não a exercitou por mera rotina ou tradição. E, além disso, Ele desmistificou a oração.

Continuando a reflexão com Jon Sobrino vemos que Jesus, em sua oração, observa e denuncia os perigos inerentes à oração⁴. Vamos a algumas situações que dão exemplo disso. Em Lc 18,11, um fariseu agradece por não ser como os outros. Jesus condena essa oração por ser autoafirmação egoísta. Falta a necessária “alteridade” com o polo referencial que precisa ser Deus. Desse modo a oração é um mero mecanismo narcisista e gratificante; é autoengano. Atualmente o Papa Francisco também tem chamado a atenção da Igreja para que supere a

3 Jon SOBRINO, *A oração de Jesus e do cristão*, p.11.

4 Jon SOBRINO, *A oração de Jesus e do cristão*, p.13.

tentação da auto referencialidade.

Outro texto mostra a hipocrisia da visibilidade das manifestações religiosas: supõe que se consegue a fama de ser homem bom, justo. Em Mt 6,5a: “para serem vistos pelos homens”. A oração supõe a atitude de pobreza diante de Deus, mas a oração do fariseu pretende uma expressão de grandeza. Jesus mostra que a autêntica e boa fama é conferida por uma oração que é expressão das obras de justiça e caridade.

“Quando vocês rezarem, não usem muitas palavras [...]. Eles pensam que serão ouvidos por causa do seu palavreado” (Mt 6,7s). Jesus critica a oração mecânica e mágica dos palavreados que veem na repetição de fórmulas uma correta relação com Deus. Ele rejeita a oração que não é expressão do mais profundo do ser que ora e a autonomia absoluta que se dá à oração (sacralizando-a em fórmulas).

Jesus também critica a oração alienante. A oração sem ação é vã. Meramente clamar “Senhor, Senhor” não é expressão de uma práxis. É no fazer o que seja a vontade de Deus, que se manifesta a “ultimidade” de sentido⁵. É o que vemos em Mt 7,21: não basta chamar ao Senhor. “Só entrará [no Reino] aquele que põe em prática a vontade do meu Pai, que está no céu.”

E em Lc 12,38-40: “Tenham cuidado [...]. Eles [...] exploram as viúvas e roubam suas casas e, para disfarçar, fazem longas orações”. O que se condena aqui é a oração que se converteu em mercadoria. Faz lembrar Oséias (4,6ss) que diz que os sacerdotes “se alimentam das vítimas oferecidas pelo pecado e por isso lhes convém que o meu povo continue pecando”. O mau uso do templo, sua perversão é o alvo da crítica de Jesus.

Por fim a citação de Lc 3,21 em que Jesus, depois de batizado, estava rezando. “E do céu veio uma voz: ‘Tu és o meu

5 Jon SOBRINO, *A oração de Jesus e do cristão*, p.15.

Filho amado! Em ti encontro o meu agrado””. E mais adiante (Lc 9,29), “enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante”. Mais que palavras de Jesus temos aqui uma reflexão de Lucas. Nas narrações do batismo e da transfiguração aparecem fenômenos maravilhosos que enfeitam o essencial: a unção com o Espírito, a consciência de Jesus sobre a sua própria missão, a filiação única de Jesus.

Todas essas passagens mostram Jesus consciente e conhecedor das falsificações típicas da oração. Doutro lado os Evangelhos mostram Jesus em atitude de oração. Vemos Jesus que abençoa a mesa, observa o culto sabático e reza junto com a comunidade. Vemos Jesus rezando quando precisa tomar decisões sintonizado com acontecimentos históricos e em conexão explícita com o Pai. O vemos rezando em momentos de decisões importantes como eleger os doze, ensinar o Pai Nosso, etc. Vai ao monte, a um horto, ao deserto. Distancia-se de sua atividade pública, embora isso não signifique separação da práxis da vida. A oração lhe era habitual, reza em situações históricas concretas.

Há, ainda ocasiões em que Jesus condensa o mais profundo de sua vida e missão numa oração: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11,25; Lc 10,21). Jesus dá graças porque fez-se o que parecia impossível: quem parecia poder compreender não compreende, mas compreenderam os que pareciam não consegui-lo. Jesus reza ao Pai dizendo “muito obrigado” porque aconteceu algo inesperado e maravilhoso, uma atividade histórica com profunda experiência de sentido.

Outra oração referencial de Jesus é a do Horto: “Pai [...], afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,35; Mt 26,39; Lc 22,41)}. Quando a crise questiona o sentido de sua vida, Jesus vai para a oração, coloca-

se diante do Pai. A oração do Horto condensa a crise de Jesus durante toda a sua vida. É uma oração que desemboca numa ação histórica: a decisão de ser fiel até o fim.

Enfim, a oração de Jesus vai se manifestando na busca da vontade do Pai, na alegria da chegada do Seu Reino, na aceitação fiel da Sua vontade até o fim e na confiança incondicional a Ele. Orar, para Jesus, é expressar-se em totalidade. A oração de Jesus é como é, porque nasce de uma determinada compreensão de alguém que lhe é referência: um Deus bem determinado.

2.2 A oração da Igreja

Sem esquecer que antes de ser templo, a Igreja foi casa e aí começou a experiência cristã, também é verdadeiro o pensamento de S. João Crisóstomo: “Se é verdade que tu podes rezar em casa, não te será, todavia, possível rezar do mesmo modo como se reza na assembleia”. Para Goffredo Boselli, a Liturgia é escola de oração: “O verdadeiro culto cristão empenha o homem em sua inteireza. E a manifestação ritual do culto existencial acontece através de um ‘culto de palavra’, ou seja, a oração”⁶. Significa que, quanto mais o homem é plenamente palavra, ou relação, tanto mais ele é plenamente ele mesmo. E a liturgia é um importante lugar onde o cristão é educado à oração. E é Deus quem educa seu povo para a oração através da Liturgia. É Deus, antes de tudo, que ensina seus filhos a rezarem.

A oração litúrgica segue um movimento, uma dinâmica. Três elementos que se sucedem: escuta, interiorização, interpretação. A liturgia educa para a oração indicando “a primazia da escuta da Palavra de Deus contida nas Escrituras”⁷. Significa que a palavra humana é segundo ato, como resposta. É

6 Goffredo BOSELLI, *O sentido espiritual da Liturgia*, p.142.

7 Goffredo BOSELLI, *O sentido espiritual da Liturgia*, p.148.

importante a consciência de que é Deus a origem da oração; Ele é a sua causa e razão. Assim, toda a oração litúrgica deve ser fortemente marcada pela primazia da Palavra de Deus. Se a liturgia fala a língua das Escrituras, com o tempo o fiel poderá se alimentar da Palavra, memorizá-la, criar dentro de si um coração bíblico, afirma Boselli.

Depois, a oração nascida da escuta da Palavra deve ser interiorizada por cada orante. Se a liturgia não educa para a interiorização, ela não atinge seu fim educativo. Ela deve predispor tempo de escuta e tempo de silêncio.

Mas a oração é também ato de interpretação, tentativa de decodificar e tomar consciência de algo obscuro. Ao rezar preciso saber colocar em relação o sentido objetivo do texto e o sentido subjetivo que o texto indica. Assim, a liturgia, como sábia pedagoga, educa o cristão a ir além da própria liturgia, a fim de alcançar, na oração, a comunhão com Deus.

A oração cristã, é ato gratuito. Assim como Deus “desce” ao nosso encontro, nós, deixando-nos tomar pela mão e abandonando o nosso “eu” encontramos no absolutamente Outro a referência para nossa ação e reflexão. Desse modo a vontade de Deus faz um caminho em nós, como ensina o Papa Francisco: da cabeça (entendimento) ao coração (sentimento) e do coração às mãos (ação).

3 Rezar... e de preferência com a Palavra inspirada

Recentemente escutei um professor dando alguns conselhos a respeito da oração, numa palestra *on-line*. Foi importante constatar com ele que a pior forma de oração é não rezar. Disse ainda que existe uma coisa fundamental na oração que é o silêncio; que rezar requer humildade, entrega, confiança em Deus; sugeriu rezar com mantras: “cante várias vezes e depois deixe que Deus te fale ao coração; recomendou a oração em família: “como é importante... seja no almoço, ou na janta...

quando se reza em família, Deus desce pra fazer morada naquela casa; e, muito importante, recomendou a Leitura Orante da Palavra de Deus: “comece lendo, simplesmente”.

Um retrato das comunidades, no livro dos Atos dos Apóstolos, testemunha a perseverança dos primeiros cristãos “em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir o pão e nas orações” (At 2,42). Isso que costumamos chamar de “pilares”, se constitui em ideal de Igreja e projeto para um mundo possível.

Uma significativa parcela da população reza. Porém, o fato de poucos terem citado a oração com as Sagradas Escrituras na primeira rodada de entrevistas, deve preocupar. Reafirma uma intuição de que os cristãos católicos ainda não valorizamos o bastante a primazia da Palavra de Deus na oração que necessita ser diálogo. Doutro lado uma parcela significativa de entrevistados informou que reza com o calendário bíblico da Igreja. E é louvável quando, também nas celebrações da Igreja – seja nos Sacramentos ou sacramentais ou nas demais celebrações da vida – os textos escolhidos sejam precisamente os indicados pelo calendário litúrgico. O “Ano Litúrgico”, grosso modo, já estava constituído desde o século IV e vai sendo aperfeiçoado ao longo dos tempos.

Será importante reaprendermos com Jesus. Ele reza especialmente na observação do cotidiano, com “a Lei e os Profetas” e na escuta à vontade do Pai.

Isso se constitui desafio para as nossas liturgias que precisam ser menos aéreas, das nuvens, teóricas (palavrório). Urge trabalhar, orientar e formar para que os agentes da liturgia possibilitem a oração encarnada, que contemple e valorize o veio da Palavra e o veio da encarnação, a sensibilidade do cotidiano com suas vitórias e desafios. Também as reflexões (homilias) precisam ser bíblicas, que busquem entender o texto no seu contexto originário e que provoquem conversão no tempo presente.

Há que se promover oração e uma liturgia que possibilite ao humano perceber-se pobre, que encontra suas seguranças não nas coisas, mas na busca intensa e sincera de Deus; uma oração e uma liturgia que eduque a ancorar o coração n'Ele e a redescobrir o próximo, com gestos concretos de ajuda mútua; oferecer o acompanhamento recíproco, mesmo que de forma virtual, mas que vai muito além do nosso pequeno círculo existencial.

Há uma gama enorme de pessoas que estão em busca. Citando um teólogo ortodoxo, Tomás Halik afirma que “sabemos onde a Igreja está, mas não sabemos onde não está”⁸. E sugere que nos desafiemos a procurar novamente Cristo. Aproveitar a pandemia como *Kairós*: um “momento oportuno para nos ‘fazermos ao largo’ e procurar uma nova identidade para o Cristianismo, num mundo que muda radicalmente sob os nossos olhos.

Na gratuidade de Deus, buscar inspiração para ações gratuitas também. Na música “ComunicArt”, o Pe. Zezinho (CD “Alpendres, Varandas e Lareiras” de 1999) canta: “Todos os dias faço uma oração [...] por mim, pelo mundo, por algum irmão [...] com um Salmo ou [...] me renovo pela oração. Rezo pra que as coisas mudem, mas, sem ódio, sangue ou opressão [...]. Quero que a revolução da paz seja feita no meu coração”.

E o mesmo padre, durante uma homenagem que recebeu em Aparecida/SP em julho/2014 disse que precisamos “rezar olhando as situações presentes (notícias mundiais e locais; acontecimentos cotidianos); é preciso saber para quem e porque ora; rezar não pode ser algo que eu tiro da minha devoção; não pode ser só algo que eu estou com vontade de falar; precisa partir da necessidade do povo, do mundo; precisamos orar mais

8 Tomás HALIK, *O Sinal das Igrejas Vazias*: para um cristianismo que volta a partir, p.16.

pelos outros do que por nós mesmos; é um serviço que a Igreja presta; se somos chamados a anunciar Jesus, temos a grave obrigação de saber porque oramos; e mais: saber orar do jeito da Igreja (com seu ensino); um cristão não pode ser favorável ao aborto, ao divórcio; um cristão não pode determinar o que Deus deve fazer ou não; o Reino de Deus cresce, não porque se tem dinheiro mas cresce porque você serve/ajuda o outro”. E encerra: “nosso canto não é nosso, nosso talento não é nosso, nossa palavra não é nossa. Se não for dado à Igreja não é bom, é desperdício. Que Deus nos encontre sempre fiéis; que nos faça gente que mais ouve do que fala; e, se falar, falemos coisas que valham à pena”.

Nosso tempo pede por uma Igreja que reza e ensina a rezar a partir da Revelação, com o olhar para a Utopia do Reino e com os pés firmados no tempo presente onde Deus nos plantou. “Da mesma forma como a chuva e a neve [...], a minha palavra que sai de minha boca não volta para mim sem efeito [...], a missão para a qual eu a mandei” (Is 55,10).

Atendamos ao apelo da Igreja que há tempos insiste na *Lectio Divina* como método bastante apropriado para acolher em nós a Palavra de Deus. É tão relevante essa indicação que está proposta nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2022 e em alguns outros documentos da Igreja no Brasil. Oxalá o “deserto” dessa pandemia faça germinar em nós um jeito novo de rezar, parecido com o de Jesus; e comprometa a liturgia da Igreja na tarefa que é sua: ensinar a rezar pelo jeito como reza (mistagogia).

Concluindo

O Papa Francisco, na audiência geral do dia 19 de agosto de 2020, disse: “A resposta à pandemia é dupla: por um lado, é essencial encontrar uma cura para um vírus pequeno, mas terrível que põe de joelhos o mundo inteiro; por outro temos de

curar um grande vírus, o da injustiça social, da desigualdade de oportunidade, da marginalização e da falta de proteção para os mais débeis. Nesta dupla resposta de cura há uma escolha que, segundo o Evangelho, não pode faltar: é a opção preferencial pelos pobres. E esta não é uma opção política; nem mesmo uma opção ideológica, uma opção de partidos... Não. A opção preferencial pelos pobres está no centro do Evangelho. E o primeiro a fazê-lo foi Jesus, como vemos na Carta aos Coríntios: Ele sendo rico se fez pobre para nos enriquecer. Fez-se um de nós e, por isso, no centro do Evangelho existe esta opção, no centro do anúncio de Jesus”⁹.

As convicções desse Papa só podem ser inspirações alcançadas na oração fundamentada na Palavra de Deus. Francisco reza pelo mundo e com o mundo, sua história. A oração cristã fundamentada nos textos sagrados consegue libertar e encorajar. Liberdade e encorajamento que foram experimentadas por incontáveis testemunhas da Ressurreição como, por exemplo, Dom Pedro Casaldáliga que viveu sem luxo e quis ser sepultado no chão, à beira do rio em São Félix do Araguaia, na “mais bonita de todas as catedrais do mundo: a criação” (a citação é a legenda de uma foto do local onde foi sepultado, postada numa rede social no dia 12/8/2020).

Referências bibliográficas

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Trad.: Monjas Carmelitas Descaças do Mosteiro Santa Tereza de São Paulo. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

FRANCISCO, Papa. *O itinerário da Palavra de Deus: ouvido, coração e mãos* (Homilia, 31/1/2018).

FRANCISCO, Papa. Texto integral da homilia do Papa Francisco neste 27 de março. Acesso em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020->

9 Vídeo: *Festa da Comunicação na Igreja*, em 2h03min28seg.

03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html

HALIK, Tomás. *O Sinal das Igrejas Vazias: para um cristianismo que volta a partir*. São Paulo: Paulinas, 2020. (Texto original em checo).

SBARDELOTTO, Moisés. Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia. In: *Revista IHU on-line*.

Publicação do dia 20/7/2020. Acesso em:

<http://www.ihu.unisinos.br/601104-virtualizacao-da-fe-reflexoes-sobre-a-experiencia-religiosa-em-tempos-de-pandemia>.

SOBRINO, Jon. *A oração de Jesus e do cristão*. Trad.: Maria Joana de Brito. São Paulo: Loyola, 1981. (original: México, 1977).

Vídeo: *Festa da Comunicação na Igreja - 25/07/2014*. Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=Nppf3bT6wxo>.

CANTO E MÚSICA LITÚRGICA

como cultivar uma espiritualidade unificadora
em meio aos desafios da pandemia?

*Ms. Eurivaldo S. Ferreira**
*Frei Telles Ramon, O. de M.***

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.14>
Recebido: 03 de março de 2019 | Aprovado: 09 de junho de 2019

Resumo: Em meio à pandemia aumentaram os mecanismos de transmissão para as celebrações paroquiais e diocesanas. A porção do povo de Deus saiu do caráter territorial jurídico caracterizado pela Igreja Particular e passou para o além-fronteiras da realidade cibernética. Os elementos simbólico-rituais da celebração litúrgica deixam de ter sua relação de proximidade devido ao distanciamento social. As assembleias, sem poderem participar ativamente dos ritos através dos sentidos ficaram privadas do paladar, do olfato, do olhar, do escutar e do tato, percepções reais que aguçam à participação em tempos normais. As chamadas telas dos aparelhos eletrônicos dividem o olhar com outros aplicativos seja de chamadas, entretenimento e informação ou comerciais. Em meio a tudo isso, como garantir que os elementos simbólico-rituais cumpram sua função significativa de agregar às liturgias seu poder revelador misterioso? Como desvelar o segredo dos ritos por meio das telas sem a participação ativa das assembleias? A música litúrgica se coloca como um desses elementos altamente simbólicos e

* Mestre em Teologia, com concentração em Liturgia, pela PUC/SP. Especialista em Liturgia pelo IFITEG-GO. Graduado em Teologia pela PUC/SP. Músico. Membro da Rede Celebra de Animação Litúrgica. Membro do Corpo Eclesial de Compositores da CNBB. Membro do Universa Laus. Agente da Pastoral Litúrgica na Paróquia Santo Antônio do Bairro do Limão, Arquidiocese de São Paulo. Email: euriferreira@gmail.com

** É presbítero da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, com atuação da Diocese de Santo André/SP. Membro do Corpo Eclesial de Compositores da CNBB. É redator do Subsídio litúrgico-catequético da CNBB “Igreja em Oração”. Produziu as gravações dos álbuns: Hino da CF 2018, CF 2019 e CF 2020 e Cantos quaresmais. Pela Ed. Paulus gravou os seguintes álbuns: “Chamaste-me, Senhor”, “Cristo, Clarão do Pai”, “O Mistério em Canto”, “Povo de Deus, povo sacerdotal” e “Ao Coração de Cristo”. Email: freitellesramon@msn.com

reveladores dos mistérios da fé. Ela ajuda a comunidade a vivenciar as ações rituais, sendo o próprio rito ou acompanhando as ações rituais. Nesse nosso artigo fazemos alguns questionamentos sobre a produção, a execução e os embates do campo musical que trouxeram a pandemia e as celebrações virtuais. Como nenhum setor estava preparado para isso, a intenção não é apontar autorias ou até mesmo provocar a polêmica, mas sim elucidar e retomar alguns pontos conquistados após o Concílio Vaticano II e que podem ser revistos e colocados em prática à medida em que o que está em jogo é a participação ativa, plena, consciente, frutuosa, interna e externa do povo de Deus através das celebrações litúrgicas.

Palavras-chave: Liturgia. Música litúrgica. Assembleias. Espiritualidade. Pandemia.

Introdução

A liturgia entendida e vivida como fonte de espiritualidade foi uma das grandes e preciosas redescobertas do Concílio Vaticano II. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC) nos recorda a identidade original da Sagrada Liturgia: “Ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão” (SC 14).

Ao participarmos da liturgia, nos é dada a oportunidade de aderir e interiorizar o jeito de ser de Jesus Cristo que, pela ação do Espírito Santo, forma em nós um homem novo, uma mulher nova, pela força pascal de Jesus e nos transforma integralmente, seja na nossa realidade pessoal e social.

Com essa “evolução” e redescoberta, ou seja, volta às origens, a liturgia deixa de lado aquele arcabouço rígido e pesado que decorre de uma compreensão ritualística e formal e passa para uma assimilação e experiência vital da liturgia como caminho mistagógico - uma porta de entrada eficaz para se adentrar no Mistério de Cristo, o qual realiza no ser humano a transformação pascal, que nos faz encontrar nossa real identidade em Cristo.

Dentre as ações rituais, sinais sensíveis, palavras e gestos,

destacamos a força do canto e da música na liturgia. A música litúrgica é aquela que, com sua letra (poesia) e melodia, cumpre o papel de ser parte integrante da ação litúrgica, ou sendo o próprio rito, ou acompanhando a ação ritual. Além disso, o canto e a música litúrgica devem ser a expressão da fé de uma comunidade, pois se trata de viver a experiência de se entrar no mistério pascal quando se canta.

1 Da música de igreja à música litúrgica

Reconhece-se uma música litúrgica por sua natureza ritual. Não basta apenas que o texto diga palavras religiosas ou de cunho sagrado. A esta música nós chamamos de ‘música religiosa’, mas não está apta para servir a liturgia. Recorremos, então, à história para podermos identificar a evolução da música que adentrou aos templos até chegarmos no conceito da música que habitualmente empregamos hoje.

A partir de estudos acadêmicos é possível verificar e aprofundar a classificação da música que serviu aos cultos litúrgicos durante um período considerável da história da Igreja. E com a reforma protestante (séc. XVI) todos os cantos passariam então a ser chamados de ‘música de Igreja’. Tratava-se então de compreender que se falava da música destinada ao culto, mas com uma percepção bem limitada, o que excluía, por sua vez, a música herdada das comunidades judaico-cristãs, por exemplo.

Já a música sacra, denominação mais comum para a música das igrejas cristãs, além de simbolizar uma característica de música, foi a que mais concorreu para o serviço litúrgico. Trata-se de uma música que foi composta para servir a liturgia com adaptações ou adequações que, por sua natureza, teve origem na música erudita. Mas a mesma música sacra que servia às ações litúrgicas era também objeto de comemorações públicas ou privadas, externas às ações rituais cristãs, apreciadas até hoje em teatros, concertos e outras ocasiões.

É a partir do Concílio Vaticano II que entre os católicos se adota o termo ‘música pastoral’, com o intuito de identificar a música aliada à função pastoral das comunidades locais. A intenção é que esta música seja um ponto de ligação entre as diversas atividades da Igreja e sua diaconia. Mas ‘pastoral’ também é um termo geral, o que não especifica muito a linguagem musical que se deseja para a música ritual.

Como alternativa à música pastoral estudos pós-conciliares adotaram a expressão ‘música ritual’ para a música propriamente que se relaciona com os ritos e as ações litúrgicas. Um grupo internacional de estudos ligados à música da Igreja pós-conciliar chamado *Universa Laus* designa esta música como sendo uma ‘música ritual cristã’, pois denomina o que se faz nos ritos, já que a eles está ligada.

Um termo também bastante ocorrente é ‘música litúrgica’ ou ‘música ritual’, o que possibilita alargar a compreensão por tratar da música de culto da tradição judaico-cristã. Esta música tem ênfase no rito, nas palavras, nas ações, no espaço físico e na melodia em si. Portanto, é um termo mais adequado e apropriado para a música do culto cristão. É a partir dessa terminologia que ampliamos nossa discussão.

É bom também lembrar que todas as religiões possuem músicas que estão ligadas às suas ações rituais e que diferem da música de outros ambientes não religiosos. Mas a música ritual não é propriedade apenas das religiões. Os povos indígenas, por exemplo, possuem um repertório imenso de música ritual, e essas músicas nem sempre estão ligadas às formas de celebrações religiosas, mas sim ao contexto cultural e do ambiente em que vivem. São conhecidas do folclore brasileiro as músicas que acompanham festejos populares, como músicas de chegada, de partida, de velórios, de comemorações, de danças de rua, de brincadeira e diversão etc. Esse repertório foi pouco a pouco se inserindo na musicalidade do povo brasileiro, chegando até mesmo a fazer parte da música popular brasileira.

2 A música litúrgica possui propriedade e fins específicos

Digamos que é de suma importância que todos os que estão envolvidos com a música litúrgica nas dioceses, paróquias e comunidades cristãs tenham consciência, antes de tudo, da compreensão da natureza funcional e da característica ritual da música litúrgica. Daí nasce o entendimento de que a criação de novas composições não é um assunto encerrado, mas sim, que exige estudo, aperfeiçoamento e aprofundamento em algumas áreas de competência e que ajudam em muito a formar especialistas e compositores nesta área.

O Estudo 79 da CNBB: *A música litúrgica no Brasil* vai afirmar que “é isso que, em cada caso, definirá as escolhas a serem feitas em termos de texto, melodias, ritmos, arranjos, harmonias, estilos de interpretação etc. O importante é que determinada criação musical sirva para a comunidade celebrante desempenhar bem o rito que realiza” (n.197). E ainda continua dizendo que “esta funcionalidade da música litúrgica, ao delimitá-la com precisão, em nada vem a prejudicar sua qualidade como arte musical, nem bloquear a inspiração do artista litúrgico” (n.198). Por isso, ao falarmos de produção de novas músicas litúrgicas, devemos levar em consideração os aspectos acima, pois são alertas positivos já assegurados pelos bispos que reuniram numa obra os estudos técnicos sobre a música litúrgica. Passamos então a tratar de conteúdos específicos para as letras dos cantos que cantamos em nossas celebrações.

Isso significa dizer que a Igreja não se fechou à criação de novas composições, mas que se faça com clareza o incremento de repertório significativo para se preencher eventuais lacunas. Não se trata de compor por compor. O compositor, outro importante ministério na vida da Igreja, é aquele sujeito que, com a arte das palavras, da poesia, da música e da harmonia, oferecerá à comunidade de fé uma música litúrgica feita de textos enriquecidos com uma tal beleza, “cujo valor, verdade e

graça não são medidos apenas pela sua capacidade de suscitar a participação ativa, nem (só) por seu valor estético-cultural, mas (principalmente) pelo fato de permitir aos que creem implorar os ‘Kyrie eleison’ dos oprimidos, cantar os ‘Aleluias’ dos ressuscitados, sustentar os ‘Maranatha’ dos fiéis na esperança do Reino que vem” (Universa Laus).

Quanto às músicas tradicionais, aquelas que atravessam gerações, é importante lembrar da importância de determinada música em tempos específicos de nosso cotidiano. Não se canta “Noite feliz” no mês de fevereiro, por exemplo; as marchinhas de carnaval são mais próprias do período de carnaval; assim como as músicas caipiras retomam com sua força própria nos festejos juninos; um grupo de soldados desfila ao som dos dobrados; muitas músicas populares nasceram em meio a manifestações sócio-políticas no conjunto da nossa construção democrática. Portanto, podemos falar de um tesouro audível que guardamos e que, de tempos em tempos, nós o resgatamos para servir a esta ou àquela situação.

Da mesma forma é o canto tradicional religioso ou litúrgico que perdura por tempos na Igreja. Este nunca deixará de ter sua função para a comunidade de fé. O que seriam nossas ‘sextas-feiras santas’ sem o ‘Vitória, tu reinarás’? Esses cantos ressurgem com certa força e vibração em tempos fortes da Igreja, por isso pertencem ao que chamamos de ‘reserva simbólica’, já que retornam em certas ocasiões e nos trazem a memória de um tempo litúrgico ou uma comemoração específica pelos quais alimentamos nossa fé.

3 Desafios e critérios para a música litúrgica

Contudo, carece-nos esclarecer, e aqui chegamos ao ponto central de nossa reflexão, quais são os desafios que nos colocaram esse período de pandemia para a música litúrgica, para os ministros que ocupam esse papel nas celebrações e para

a Igreja em geral. Antes de tudo, recordemos os critérios básicos que direcionam para que o canto e a música estejam ligados à ação litúrgica: a beleza expressiva da oração, a participação unânime da assembleia nos momentos adequados e o caráter solene da celebração.

Em sua Revista de Liturgia escreveu Ir. Penha Carpanedo que

O ícone mais representativo da participação litúrgica requerida pela reforma do Concílio Vaticano II é uma assembleia ‘cantando a uma só voz’. É quando a fé de uma comunidade reunida se expressa em ‘sinais’ como o canto e a música, alguns dos quais mais ‘sensíveis’ de nossa cultura, especialmente quando enriquecidos com nossos ritmos e com nosso gíngado¹.

Ademais, acrescentamos que

A música não é um acessório na liturgia, mas é parte integrante do rito. Com seu significado visa suscitar na assembleia uma atitude de fé que brota do coração, seja no simples canto ‘a capella’, seja quando produzida ou acompanhada pelo som dos instrumentos, incluindo os de percussão. Desse conceito podemos extrair ótimos resultados quando o que está em jogo é a grande influência que exercem o canto e a música na vida de muitas comunidades².

Ao reforçarmos os três critérios básicos elencados acima, superamos, por exemplo, aquelas músicas que se veiculam com certas marcas da subjetividade, do devocional de caráter ‘estilizado’, do sentimentalismo, pois essas estão distantes da objetividade da fé. A música é parte integrante da ação litúrgica (cf. SC 112), tem caráter teológico, está a serviço da letra no seu contexto ritual [canto de abertura, por exemplo, tem a ver com ritos iniciais e o tempo litúrgico, canto de comunhão tem a ver com o evangelho do dia e o tempo litúrgico].

1 Penha CARPANEDO, In: *Revista de Liturgia* – cantando a uma só voz, n.251, p.3.

2 Penha CARPANEDO, In: *Revista de Liturgia* – cantando a uma só voz, n.251, p.3.

A função da melodia aliada aos instrumentos musicais é reforçar o sentido da letra. Quando se canta as chamadas Partes Fixas da missa, o texto presente no Missal Romano deve prevalecer sem alterações e acréscimos desnecessários. Esse conjunto de textos próprios da missa requer melodias simples e objetivas, que enfatizem o que diz a letra.

4 Quem canta? Como se canta a música litúrgica?

Quanto à forma de cantar, o canto litúrgico não pode reproduzir o estilo dos programas de auditório. Não se trata de um show em que os atores projetam sua voz e fazem sua performance; trata-se de uma assembleia em oração, e o canto é expressão desta oração. Portanto, é necessário cuidar da adequada formação litúrgica e espiritual de todos que atuam nesse campo pastoral da Igreja (cantores, instrumentistas, compositores, poeta, letristas e técnicos). É fundamental que tenham conhecimento da natureza eclesial da liturgia, do seu sentido teológico e espiritual, das orientações quanto à forma e sentido de cada rito. E que não seja apenas uma formação teórica e técnica, mas que proporcione uma verdadeira experiência do celebrar.

Ao lado da música litúrgica estão também outros elementos altamente simbólicos e significativos para o alimento da fé da comunidade. É importante se ter consciência da própria sacramentalidade de toda ação litúrgica. Às ações de uma assembleia correspondem as ações simbólicas, a composição simbólica do espaço, dos objetos, das vestes litúrgicas. A harmonia desses elementos contribui e muito para que o mistério possa ser revelado com nobre simplicidade. No que diz respeito à música, temos no Brasil um repertório variado, consistente e acessível, incluindo o Hinário Litúrgico da CNBB. É necessário se visitar esse arcabouço, como já o dissemos no começo de nosso artigo.

Certamente a pandemia deixou nossas assembleias vazias, e o corpo eclesial celebrativo não pôde se reunir para fazer sua ação de graças de louvor ao Pai, pelo Filho, no Espírito, através da principal celebração litúrgica: a Eucaristia. É louvável que muitos ministros do canto e da música litúrgica estão se esmerando para que seja assegurada minimamente possível uma música de qualidade nas celebrações que são transmitidas via redes sociais ou aplicativos virtuais. Vimos muitos grupos, cantores e instrumentistas se empenhando nisso. Mas também notamos muito empobrecimento nessa área. Contudo, isso não é fruto apenas da pandemia ou do distanciamento social que nos trouxe a pandemia. Antes mesmo isso já era percebido.

Circulou entre nós vídeos em que músicos discutiam com o padre que estava presidindo a celebração, pois este padre queria pedir músicas para serem cantadas de improviso ali na hora da celebração. Outro ainda em plena transmissão rejeitava o repertório escolhido pelo cantor, criticando o conteúdo da letra. Pelo menos foram os dois exemplos que nos vieram à mente, mas o leitor certamente deve ter visto outros vídeos desses circulando. Diante desses dois exemplos questionamos o modelo operativo que ocupa a música litúrgica ou a música nos contextos dos templos e dos nossos dias. Não se trata de simples casuísmo. Não é cantar por cantar ou cantar para simplesmente preencher um espaço vazio. A música litúrgica não se destina a este fim. Ela é fruto de um conjunto ritual e esse propósito deve ser obedecido, seguido e vivido por quem se propõe a trilhar nesse ministério.

5 Pequenas assembleias reunidas

Por outro, lado nos perguntamos: quem é esta pequena assembleia reunida para celebrar o Dia do Senhor e fazer sua transmissão a tantos quantos se destinam a assisti-la? Não imaginemos que os cantores e instrumentistas presentes nessas

transmissões deixam de ser assembleia pelo simples fato de estarem exercendo uma função ministerial. Certamente trata-se de uma assembleia reduzida, dois ou três, um grupo de familiares talvez, que se reuniu para animar essas transmissões.

Verdadeiro serviço exerceram esses que, doando seus talentos, puderam fazer com que o povo tivesse acesso a essas celebrações via redes sociais. Embora não seja o ideal: o virtual, o distante, mas também nos entristece o fato de que não estávamos preparados para isso. Nossos irmãos evangélicos, neopentecostais ou protestantes estão há anos-luz à nossa frente quando o assunto é transmissão midiática. De certa forma, eles já vêm fazendo isso há muito tempo com assembleias cheias e comunicação imediata que satisfaz e atende bem a seu público.

Logicamente não é o desejado pela Igreja: celebrações sem assembleias, isto é, sem povo. “Onde estiverem dois ou três reunidos, eu estarei no meio deles”, assim disse Jesus. As celebrações só têm sentido se ali estiver reunido o povo de Deus. Um é quem preside esta assembleia, os demais servem a esta mesma assembleia, cada um fazendo somente aquilo que lhe compete, embora sendo membros desta mesma assembleia. A função ministerial da assembleia é ser assembleia.

Analisando mais profundamente essas celebrações sob o ponto de vista de sua ministerialidade, o mais estranho que nos pareceu é que alguns presidentes interagem com o usuário da mídia social como se ali este usuário estivesse presente, esquecendo-se que minimamente havia em torno dele uma assembleia fisicamente presente, isto é, o pequeno grupo de cantores e instrumentistas que se propôs a cantar aquela celebração.

6 Das liturgias à dura realidade social

Há de se levar em conta também o conteúdo textual das músicas que se oferecem nessas celebrações. Há muito conteúdo textual nessas músicas que não possui sequer perspectivas sérias

dos conceitos de Igreja do Concílio Vaticano II. Além disso, nota-se certo hibridismo textual, por exemplo numa música veiculada o texto afirma que a comunhão é “para nos preservar em ti”. Muito mais que isso, o ato de comungar sacramentalmente sob as espécies do pão e do vinho é para sermos um com o outro. “E quando recebermos o corpo e o sangue dele oferecidos, o Espírito faça de nós um só corpo e um só espírito. Fazei de nós um só corpo e um só espírito”, afirmamos no meio da oração eucarística. Note que não se trata de conceitos antropológicos, mas são conceitos teológicos que têm consequências no cotidiano das pessoas de fé. Não se trata de uma preservação no sentido de conservação, como se o nosso corpo fosse uma espécie de museu que preserva a comunhão sacramental recebida. Como não se tem a Teologia como base para a construção da letra, fica difícil se apropriar dos conceitos básicos da fé quando se refere a letras de música que cantam questões sacramentais. Sobre este tema requer uma catequese aprofundada e outro artigo careceria para refletirmos o assunto.

Outra coisa ainda é dizer que para cada tipo de música se percebe uma interpretação diferente por parte dos cantores, como se estivessem num show, cheios de expressões faciais e corporais que nada condizem com a letra. Aliás, digamos que muito mais que sonoridade vocal, alguns cantores investem em extrair das assembleias apenas as mãos balançando ao alto, pulos e palmas. Isso é infantilizar as assembleias e empobrecer o sentido gestual-musical que se requer quando se canta com a assembleia a fim de lhe assegurar a afinação e a participação. O que está em jogo quando se canta é a voz. Dela se origina o sentido da participação pelo sentido vocal requerido pela reforma litúrgica pós-conciliar: que a voz acompanhe com a mente aquilo que se faz enquanto rito. Deixemos a tarefa saltitante e eufórica para os programas de auditório e para os cantores populares em geral quando estes estão em seus shows.

Quando também estão em jogo nessas transmissões a imagem, o que importa mesmo é mostrar como eles são capazes de fazer superproduções, vídeos magníficos com câmeras maravilhosas de última geração e tecnologia de vanguarda. Muitos desses cliques rodam indiscriminadamente nas redes sociais e estão arquivadas no Youtube para se mostrar o quanto eles são artistas, aproveitando-se do elemento religioso e da fé a fim de mostrarem seus talentos, inclusive muitos padres embarcaram nessa. Sem contar que o ostensório com a hóstia consagrada virou objeto de verdadeiro marketing apelativo que toca o lado extrassensorial das pessoas, evocando nelas emoções múltiplas.

Carece resgatar o sentido verdadeiro da nobre simplicidade, expressão utilizada pela reforma litúrgica. A música litúrgica, o espaço litúrgico, as vestes litúrgicas e todas as ações rituais precisam beber desta fonte. Eis o critério para o qual deveríamos convergir. Mas me parece que há tempos algumas celebrações no Brasil querem mais competir com celebrações de basílicas romanas do que viver a simplicidade de assembleias populares com rostos sofridos e marcados pela dor, pelo luto, pela miséria e pela falta de esperança com as quais marcaram o povo brasileiro nesse tempo de pandemia, sobretudo ao serem atingidas por um governo que tratou a saúde pública como um caso privado ou particular, isto é, cada um que se salve a si mesmo com as condições que possui.

7 Textos musicais que assegurem aprofundar a linguagem ritual

Em certa ocasião, Márcio Antônio de Almeida, especialista em musicologia disse numa de suas exposições que importa olharmos para o modelo operativo do canto litúrgico, o que é próprio de cada canto. Variam nesses modelos os cantos de Abertura e Comunhão, com suas flexibilidades próprias. A regra da oração vale para a regra do que se crê, e vice-versa. No conteúdo desses dois tipos de cantos deve prevalecer aquilo que

a Igreja possui em sua mais antiga tradição da fé, isto é, o conteúdo da fé explícito nesses cantos deve condizer com o conteúdo da fé propostos pelos ritos celebrativos. É dos ritos que se originam as letras, a poesia, o texto.

Notamos que certos conteúdos expressados em muitas letras de cantos estão mais para um apelo midiático, isto é, para seduzir pessoas, e isto deve ser imediato, ali, na hora, caso contrário não surte efeito. De certa forma, o imediatismo é a linguagem do momento: as mensagens devem ser instantâneas pelos aparelhos e pelas mídias, o ouvinte ou o leitor do outro lado do mundo deve me responder imediatamente; eu fico monitorando se ele recebeu, leu ou não respondeu a mensagem enviada. Isso vai tornando os indivíduos seres sensíveis, pois tudo está muito ligado à flor da pele. Não consigo esperar mais, a paciência não é mais um adjetivo aliado às tecnologias. A cultura do superficial dita as regras do tempo atual, e nada se é aprofundado. Perguntamos: vale a pena ficar mesmo na superfície? Por que o Mistério profundo é a nossa dúvida? Por que não se vai atrás do essencial e se abandona o que é passageiro, transitório? Mesmo que não queiramos, as celebrações via redes sociais ou midiáticas caíram nisso. Como escapar dessa crise do não aprofundamento das questões mistericas? Há caminhos de volta?

Para Márcio ainda precisamos formar uma geração de músicos cantores e instrumentistas a partir de uma educação para o rito e para a linguagem ritual pela qual se vivencie o rito como substrato de nossas produções litúrgico-musicais. A isso nós chamamos de mistagogia, com a qual começamos nosso artigo ao relembrarmos como se apreende a experiência vital que passa pelos ritos e pela linguagem litúrgica. Esse jeito de aprender e vivenciar a fé é o patamar para avançarmos no bem celebrar, isto é, celebramos porque sabemos o que celebramos, para quem celebramos e aonde celebramos. Isso abrange muitos elementos da celebração, e a música litúrgica é um deles. Por

exemplo: quando o assunto é letra poética, há mais preocupação com a poesia do que com os significados dos ritos para a vida daquela assembleia litúrgica. Márcio ainda recordou que é preciso conhecer bem o que se celebra para poder devolver às nossas assembleias o genuíno conceito de ter pelo menos o direito de evocar suas tradições e costumes, e isso pode ser conduzido com devidos critérios pela música litúrgica.

Para concluir

O cenário atual, a música litúrgica, o contexto da pandemia e pós-pandemia, os aparatos tecnológicos devem, acima de tudo, nos apontar caminhos bíblico-teológico-litúrgicos na busca de acertar com critérios para se poder celebrar bem a liturgia com cantos que condigam com a fé da Igreja, com elementos simbólico-gestuais que sejam significativos para a vida do povo celebrante, com sinais que sejam verdadeiros e não subjetivos, seja virtual ou presencialmente.

Referências Bibliográficas

- SACROSANCTUM CONCILIUM. *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010, 10ªed.
- DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos sobre a música litúrgica (1903-2003)*. São Paulo: Paulus, 2005.
- CNBB. *A Música Litúrgica no Brasil*. Um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na Igreja de Deus que está no Brasil. São Paulo: Paulus, 2009, 5ªed. (Doc. Estudos da CNBB n.79).
- CNBB. *Orientações pastorais para as mídias católicas: imprensa, rádio, TV e novas mídias*. Brasília: Ed. CNBB, 2018 (Doc. Estudos CNBB n.111).
- UNIVERSA LAUS. *Grupo internacional de estudos sobre música litúrgica*. Documento de 1980.
- CASEL, Odo. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.
- BUYST, Ione. *Participar da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CARPANEDO, Penha. In: *Revista de Liturgia*. Cantando a uma só voz. São Paulo: Apostolado Litúrgico, n.251, set-out. 2015.

O DIGITAL E A VIVÊNCIA DA FÉ

(re)descobertas em tempos de pandemia

Dr. Moisés Sbardelotto*

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.15>
Recebido: 24 de fevereiro de 2019 | Aprovado: 11 de junho de 2019

Resumo: A pandemia do coronavírus transformou a vida e a prática da Igreja de diversos modos. Diante da suspensão de missas e de outros encontros eclesiais em várias dioceses e paróquias do mundo inteiro, a comunidade cristã voltou seu olhar e suas energias para o ambiente digital. Por isso, é importante atentar e refletir sobre algumas questões comunicacionais que surgem diante deste “sinal dos tempos” da pandemia e que incidem sobre a relação entre a Igreja e o ambiente digital. Este artigo destaca quatro pontos específicos que apontam para (re)descobertas no modo de viver e celebrar a fé no ambiente digital: a concepção das mediações litúrgicas e tecnológicas; de comunicação e relação; de participação e presença; e de comunidade. Como conclusão, aponta-se que o maior desafio pastoral é superar a lógica da “substituição” pela lógica da “complexificação”, da complementariedade, da interligação, buscando promover uma complexa ecologia comunicacional pastoral e também litúrgica.

Palavras-chave: Internet. Mídias digitais. Comunicação. Vivência da fé. Liturgia.

* Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio de pesquisa (bolsa PDSE/Capes) na Università di Roma “La Sapienza”, na Itália. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, onde realiza estágio pós-doutoral (bolsa Fapergs/Capes). Seu livro mais recente é “Comunicar a Fé: Por quê? Para quê? Com quem?” (Vozes, 2020). Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Participou da Comissão Especial para o “Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil”, aprovado pela CNBB em 2014. De 2008 a 2012, coordenou o escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial (*Stiftung Welthethos*), fundada por Hans Küng. Email: msbardelotto@yahoo.com.br

Introdução

Em tempos de isolamento e confinamento, a Igreja, nas suas várias expressões, se viu desafiada a ser mais “ousada e criativa” ao repensar o estilo e os métodos evangelizadores (cf. EG 33). A pandemia do coronavírus está transformando a vida e a prática da Igreja de diversos modos. Diante da suspensão de missas e de outros encontros eclesiais em várias dioceses e paróquias do mundo inteiro – começando pelo Vaticano, em que as celebrações litúrgicas do próprio Tríduo Pascal não foram abertas ao público – a comunidade cristã voltou seu olhar e suas energias principalmente para o ambiente digital.

Em muitos países, Estados e cidades que fecharam praticamente tudo, a Igreja pôde continuar sendo – e talvez até mais – “em saída”, como pede Francisco. Desta vez, porém, pelas “estradas digitais”, que, como diz o papa na sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS) de 2014, também estão “congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança”.

João Paulo II também já dizia que “a internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização” (DCMS 2002). Seu sucessor, Bento XVI, afirmava que “o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas” e, por isso, “se a Boa Nova não for dada a conhecer também no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos” (DMCS 2013).

Hoje, o Papa Francisco também reitera que “a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”. Segundo ele, “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (DMCS 2014).

Neste momento inédito e histórico na vida da Igreja e das religiões em geral, entretanto, muitas vezes houve aproximações apressadas ou distanciamentos receosos ao ambiente digital. Isso dificulta que a pastoral, no caso cristão, se “encarne” com mais profundidade na cultura emergente. Por isso, é importante atentar e refletir sobre algumas questões comunicacionais que surgem diante deste “sinal dos tempos” da pandemia e que incidem em aspectos teológicos, eclesiológicos e pastorais da relação entre a Igreja e o ambiente digital. O pensamento do Papa Francisco, especialmente em suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, contribui nesse sentido.

Neste artigo, destaco quatro pontos específicos que apontam para (re)descobertas ou que demandam (re)significações no modo de viver e celebrar a fé no ambiente digital: a concepção das mediações litúrgicas e tecnológicas; de comunicação e relação; de participação e presença; e de comunidade. Especialmente em tempos de isolamento social, por meio da conexão em redes digitais, essas experiências são vivenciadas de formas inovadoras, e, portanto, o modo como a Igreja as pensa e as enuncia também precisa ser problematizado.

1 As mediações tecnológicas da liturgia

A combinação entre o distanciamento exigido pela pandemia e o fenômeno digital escancarou as casas ao mundo, fazendo com que as pessoas fossem convocadas ao “céu aberto” da comunicação, inclusive para viver uma nova eclesialidade (*ekklesia*, do grego, “chamar para fora”), ressignificada pelo fechamento dos templos e pela conectividade das redes. Essa conjuntura problematizou não só a compreensão da fé, mas também a sua própria experiência, a partir de novas mediações tecnológicas.

Entretanto, em todo tempo e lugar, e para toda pessoa, a experiência de fé sempre ocorre mediada. Como afirma o Evangelho, “ninguém jamais viu a Deus; o Filho [...] foi quem o deu a conhecer (revelou, contou, narrou)” (Jo 1,18). Ou seja, a experiência da fé cristã nasce mediada desde a sua origem, pelo encontro com a existência humana de Jesus. Com o seu corpo, os seus gestos, os seus discursos, a sua história, a sua cultura. E, por sua vez, a pessoa que faz essa experiência a faz pela mediação do seu próprio corpo – seus afetos, sentimentos, sensações.

Ao longo da história humana, há também uma série de outras mediações da experiência de fé. “A nossa relação imediata com o rito nunca é tão direta como pensamos. Ela é, por sua vez, mediada por *media* mais escondidas, mais antigas, mas igualmente eficazes, que se chamam catecismo, teologia, espiritualidade, devoção”¹.

E há também mediações propriamente técnicas e tecnológicas. Trata-se de artifícios e artificialidades que não são “naturais”, mas inventados pelas pessoas na relação que estabelecem entre si e com o sagrado. Os gestos, a fala, a linguagem, os símbolos, os objetos, a arte, a arquitetura, a música, a escrita, a imagem, o digital: é mediante essa “complexa ecologia comunicacional”, na qual “tudo está estreitamente interligado” (*Laudato si'*, n.16), que a experiência de fé se torna possível.

O ser humano, portanto, emerge historicamente não apenas como *religiosus*, mas também como *technologicus* – e, hoje, até como *homo digitalis*. Essa articulação entre a dimensão religiosa e a dimensão tecnológica é constitutiva da experiência religiosa. E a liturgia também revela uma importante dimensão comunicacional e tecnológica, que o digital não “inventa” *ab*

1 Andrea GRILLO, “Spazio e tempo 3.0: affinità e incomprensioni fra tradizione ecclesiale e multimedialità.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n.338, jan./fev. 2020, p.19, tradução nossa.

ovo, mas apenas explícita de forma mais evidente e complexa².

Portanto, é preciso também olhar de forma mais complexa para a “ecologia tecnocomunicacional” em que a liturgia, em sentido amplo, é praticada e vivida hoje. As mídias digitais podem até “reconciliar os sujeitos e as comunidades com o uso diferenciado da linguagem. A *experiência de complexidade* de que o rito tem necessidade constitutivamente *é ampliada antes que reduzida* pelas *new media*”, graças à sua multimedialidade e a “formas complexas de participação, nas quais palavra, música, movimento colaboram em raiz”³. Trata-se, como continua o autor, de “novas formas de experiência, que modificam os hábitos, as linguagens e as ideias dos homens e das mulheres”.

2 Comunicação e relação, não apenas transmissão, encenação ou exibição

Circula nas redes um *meme* que, em tom bem-humorado, revela um pouco a experiência durante o tempo de isolamento social: “Tenho medo de abrir a geladeira e ter uma ‘live’ lá dentro”, isto é, mais uma transmissão ao vivo...

Isso também vale para a Igreja. Diante do ineditismo do “confinamento litúrgico”, a resposta quase automática de inúmeras dioceses, paróquias e movimentos foi promover mais transmissões de missa ou outros momentos de reflexão, formação e oração via TV, rádio e internet. Em muitos casos, percebe-se um esforço muito grande, por parte de padres, religiosos/as ou leigos/as, muitas vezes diante de limitações tecnológicas várias, para que tais ambientes de encontro possam ser oferecidos e, assim, se consiga superar o isolamento e encurtar as distâncias.

2 Norberto VALLI, “Liturgia e técnica: storia di amore e diffidenza.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n.338, jan./fev. 2020, p.14-18.

3 GRILLO, op. cit., p.23, grifo e tradução nossos.

As potencialidades do digital, por outro lado, podem trazer consigo alguns riscos para a vida de fé. Como, por exemplo, o de fomentarem um certo automatismo e simplismo das respostas pastorais diante de um cenário sem precedentes como o atual. Assim, no afã de transmitir celebrações e ritos, corre-se o risco de transformar a celebração da missa em um mero espetáculo, em uma “encenação” a ser exibida. E ainda de esquecer que há uma pessoa do outro lado da tela, que também é chamada a participar “ativa e efetivamente” da liturgia, mesmo que a distância.

O risco, em suma, é ignorar o “outro” em sua humanidade. Busca-se uma conexão, mas evitando ou dispensando o contato. Assim, a outra pessoa passa a ser considerada como uma mera “espectadora” apassivada, coisificada, como um “número” a mais a ser contabilizado pelos índices de audiência e de visualização. Nas celebrações transmitidas, cabe especialmente aos presbíteros tomarem consciência de que o que estão celebrando não é uma “missa privada”. O *Código de Direito Canônico* deixa bem claro que “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da própria Igreja [...] ou seja, o povo santo” (cân. 837).

Também não são apenas um “monólogo encenado” diante das câmeras e performatizado única e exclusivamente pelo padre. Entretanto, percebe-se, em muitos vídeos e subsídios religiosos disponibilizados nas redes nesse período, a explicitação de uma certa autorreferencialidade, que chama a atenção apenas para seus próprios autores, na busca de aumentar a visibilidade pessoal ou institucional. Junto com isso, muitas vezes, manifesta-se ainda um “clericalismo midiático”, senão até um “exibicionismo clericalista”, em que toda a comunicação pastoral em rede gira em torno do padre ou da celebração da missa (também centrada no padre).

Pelo contrário, a celebração da eucaristia, como afirma a *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR), é sempre “ação de toda a Igreja” (n.5). Trata-se de um gesto comunitário,

presidido pelo presbítero, mas celebrado conjuntamente pelo povo, por pessoas concretas, de carne e osso, que, no ambiente digital, estão presentes a distância e precisam ser levadas em consideração para poderem participar ativamente do rito. Ainda mais em rede, é preciso que se “estimule a ação de toda a comunidade” na celebração (IGMR 35).

Portanto, mais do que um foco estreito na transmissão, é preciso levar em conta o processo comunicacional e interacional que se estabelece no ambiente digital. Isso não significa menosprezar a qualidade técnica da transmissão: pelo contrário, ela é fundamental para auxiliar o fiel a vivenciar o rito e a experimentar a graça de Deus. Contudo, mais importante ainda é possibilitar a construção de relações interpessoais em rede, e não apenas reunir “pessoas para ouvir” e “pessoas para ver”.

Embora sabendo que há alguém “diante de mim” (neste caso, do outro lado da câmera e da tela), o foco na mera transmissão e em seus aspectos técnicos pode deixar de lado justamente a necessidade de estabelecer em rede uma relação humanizada e humanizante com pessoas humanas. Como afirma Francisco, “o panorama atual convida-nos, a todos nós, a investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o caráter interpessoal da nossa humanidade” (DMCS 2019).

Para isso, é preciso *ir ao encontro, escutar e dialogar* com as pessoas que estão do outro lado da tela e com quem a Igreja busca se comunicar: quem são? O que desejam, o que buscam, de que precisam? Como fomentar que elas também possam ser ouvidas, especialmente neste tempo de tantas dúvidas e angústias? Como possibilitar que elas também possam comunicar algo sobre a fé? De que modo podemos potencializar a sua voz com nossos meios (serviços, aplicativos, plataformas etc.)?

Particularmente nestes tempos, portanto, é preciso ousadia e criatividade pastorais, mas sempre voltadas para o bem do outro

e da comunidade. É melhor evitar avançar tecnologicamente se isso significa retroceder teológica e eclesialmente, por falta de discernimento. Isso se reflete no modo como aquilo que vem sendo transmitido é *anunciado e enunciado*.

3 Participação e presença, não mera assistência, audiência ou ausência

O digital traz à tona os limites da nossa linguagem, especialmente em relação ao modo como conseguimos ou não expressar novas experiências humanas e sociais trazidas pelo processo de digitalização. Mas, principalmente, os limites da própria linguagem eclesial ao tentar expressar aquilo que se faz e se diz liturgicamente.

Durante o tempo de isolamento social, a Igreja se viu obrigada a estabelecer um “confinamento litúrgico”. Foi o caso da Prefeitura da Casa Pontifícia, que, durante a Quaresma deste ano, avisou em seu site que, “devido ao atual estado de emergência sanitária internacional, todas as Celebrações Litúrgicas da Semana Santa realizar-se-ão sem a presença física de fiéis”.

Várias dioceses brasileiras também publicaram notas e decretos dispensando os fiéis da obrigatoriedade de “participar fisicamente” das celebrações dominicais em suas comunidades. Outros documentos afirmavam ainda que as celebrações seriam feitas “sem povo” (*sine populo*). Em todos esses casos, frisava-se que a participação poderia ocorrer por meio das transmissões ao vivo de tais celebrações em sites, redes sociais digitais, TVs e rádios.

É importante lembrar que a IGMR indica três formas diferentes de celebração da missa:

- 1) a “missa com povo”,
- 2) a “missa concelebrada” e
- 3) a “missa com assistência de um só ministro”.

Portanto, neste tempo inédito, a Igreja propôs a celebração desta última, entendida, de acordo com a IGMR, como a “missa celebrada por um sacerdote, ao qual assiste e responde um só ministro” (n.252), mas agora transmitida pelas mídias.

A CNBB chegou até a publicar algumas indicações sobre “como se preparar para a missa em casa durante a quarentena imposta pelo coronavírus”. Sugeriu-se, por exemplo, preparar a própria casa e criar um “ambiente celebrativo” e se convidava a participar “ativa e efetivamente” da liturgia transmitida pelos meios de comunicação. Essa conscientização é importante, pois a mera conexão não significa necessariamente participação. Não se trata de uma ação automática: para participar, é preciso agir ativamente, conscientemente. E, para isso, é preciso educar pedagogicamente os fiéis para essas novas formas de participação, a fim de evitar um “risco mais alto de retorno à *privatização* do ato e do texto”⁴ litúrgicos em geral.

Entre o que se diz e o que se faz, portanto, surge um paradoxo: se uma missa “sem povo” ou “sem a presença de fiéis” é transmitida ao vivo justamente para que o povo e os fiéis possam *participar “ativa e efetivamente”*, é possível continuar afirmando a *ausência* desse mesmo povo? Será que a mediação digital permite uma forma de presença ou, pelo contrário, reforça a ausência do povo? As tecnologias “*despresencializariam*” o contato humano?

Especificar que se trata de uma ausência da presença “física” também não resolve o problema. Se a presença não é física, de que tipo ela é? Espiritual? Psíquica? Mental? Mística? Mas todas essas presenças não são também perpassadas sempre por uma experiência corporal, material, tátil, sensível, em suma, física? Ao estabelecermos um “*con-tato*” em rede, deparamo-nos com novas experiências de “tato”, em que não abrimos mão de nossos corpos, afetos, sensações, sentimentos.

4 GRILLO, op. cit., p.22, grifo e tradução nossos.

Francisco mesmo já afirmou: “O uso da *social web* é complementar ao encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então ela não trai a si mesma e permanece como um recurso para a comunhão” (DMCS 2019).

Exemplo disso foi o histórico momento de oração extraordinário ministrado pelo Papa Francisco no dia 27 de março, na Praça de São Pedro, no Vaticano. Uma experiência que também nos leva a repensar o que entendemos por *presença* e *participação*.

Quando havia convidado para esse momento de oração, no Ângelus do dia 22 de março, Francisco lembrou que o rito seria celebrado com a praça vazia, devido à pandemia. E disse: “Convido todos a participarem espiritualmente através dos meios de comunicação”. E essa participação envolvia até a possibilidade de receber uma indulgência plenária junto com a bênção *Urbi et Orbi*. Ou seja, não era uma mera “assistência” ou “audiência” dos gestos e das palavras do papa, mas algo mais profundamente ativo por parte de quem acompanhasse o rito pelas mídias.

Portanto, embora as pessoas não estivessem “lá” fisicamente, certamente estavam presentes em oração a partir dos mais variados pontos cardeais do globo e participaram *com todo o seu corpo* dessa experiência de fé, “tocadas” fisicamente por aquilo que estavam vendo, ouvindo e sentindo pelos meios de comunicação.

Apenas para dar uma dimensão disso, calcula-se que a área da Praça São Pedro pode reunir “fisicamente” cerca de 300.000 pessoas. Naquela sexta-feira, durante a homilia do papa, estavam reunidas pela transmissão do Vatican News no YouTube mais de 84.000 pessoas na conta em italiano, 170.000 na conta em português, 270.000 na conta em inglês, 520.000 na conta em espanhol. Mais de 1 milhão de pessoas. Isso sem falar

das contas em outros idiomas e de todos os outros milhões de pessoas que acompanhavam por outros sites, pelas redes sociais digitais e por canais de TV e de rádio espalhados em todo o planeta (os jornais italianos noticiaram que apenas o canal RaiUno reuniu mais de 8,6 milhões de espectadores, apenas na Itália, durante o rito⁵).

Portanto, mesmo em nossas conexões em rede, mediados por tecnologias digitais, estamos todos *fisicamente presentes* – em pontos geográficos diferentes. Ou seja, o ambiente digital subverte a noção de “espaço” e de “lugar”. O papel dos próprios “templos de pedra” passa por uma transformação.

Historicamente, em diversas tradições religiosas, o templo era considerado como um *axis mundi* – eixo, pilar, centro do mundo –, um ponto específico no espaço geográfico que dava acesso a uma “abertura” aos céus, ao “mundo dos deuses”. Ou seja, um espaço sagrado. Daí a importância do Templo de Jerusalém, da Basílica de São Pedro, da Grande Mesquita de Meca, dentre outros.

Na internet e nas redes digitais, porém, o templo se torna ubíquo, seu acesso é público e se dá por toda parte. Em um mundo conectado, em que todo e qualquer ponto dá acesso à rede, o “centro do mundo”, espaço sagrado por excelência, não está mais localizado em um ponto geográfico, mas se encontra em qualquer lugar onde se tenha acesso à internet e às redes digitais. Agora, o “centro” é aqui – onde quer que seja, onde quer que se esteja⁶.

Entendemos que a afirmação da “ausência” se refere ao fato de os fiéis não estarem no mesmo lugar geográfico que o ministro que preside a celebração. O risco, porém, é que tal linguagem leve a pensar que a referência central da celebração da missa ou até da vida da Igreja é o padre ou os clérigos em

5 Cf. La Repubblica, 28 mar. 2020, disponível em: <<https://bit.ly/3bVNIU9>>.

6 Moisés SBARDELLOTTO, *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.

geral. Entretanto, em toda a liturgia, Cristo é o “único Mediador” (IGMR 5), que congrega a assembleia ao seu redor. A celebração da missa é sempre uma “ação de Cristo e do povo de Deus” (IGMR 16), por meio do “sacerdócio ministerial próprio do presbítero” e, ao mesmo tempo, do “sacerdócio real dos fiéis” (IGMR 4-5).

Durante o isolamento, o povo de Deus continuou podendo se reunir em torno do altar, “centro de toda a liturgia eucarística” (IGMR 73) e “centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia” (IGMR 299), onde quer que ele esteja. A diferença agora é que isso ocorre graças a novas formas de *presença física* e de *participação ativa*, mesmo que a distância, possibilitadas pelos meios digitais.

Portanto, se convidamos o povo para participar a distância de missas anunciadas como “sem povo” ou “sem presença (física) de fiéis”, há toda uma teologia e uma eclesiologia a serem repensadas, especialmente em relação a quem verdadeiramente celebra a liturgia e a quem compõe a assembleia celebrante e celebrativa. Isso nos leva a repensar o que entendemos por comunidade, em tempos de redes digitais.

4 Comunidades em rede, não mera conexão de indivíduos

Nesse período de “isolamento social”, a relação com os irmãos e irmãs de caminhada de fé ganhou uma nova importância. Foi um tempo para reconhecer ainda mais fortemente que – de perto ou a distância – “para ser eu mesmo, preciso do outro”, como afirma Francisco (DMCS 2019).

Por isso, este é um bom momento para perceber que uma comunidade é mais do que uma mera congregação de indivíduos. A missão cristã não é fomentar um “individualismo conectado”. Ao contrário, uma comunidade é, principalmente,

uma “rede solidária”, como afirma o papa, que “requer a escuta recíproca e o diálogo, baseado no uso responsável da linguagem” (DMCS 2019).

Assim, para promover uma boa “pastoral digital”, é importante levar em conta três premissas fundamentais:

1) Embora mediados por máquinas, há sempre um “outro” do outro lado da tela, uma pessoa, um ser humano. Tudo o que a Igreja faz pastoralmente em rede deve considerar o “rosto” dessa pessoa com quem ela se comunica, as suas alegrias e esperanças, as suas tristezas e angústias.

2) O objetivo principal de uma pastoral no ambiente digital – mais do que “bombardear mensagens religiosas”, como diz o Papa Francisco (DMCS 2014) – é justamente fortalecer as relações com pessoas de carne e osso presentes em rede e, com elas, formar comunidade, a partir do “comum” que as une entre si e com a Igreja, colaborando na construção da comunidade eclesial.

3) Essa comunidade, também em rede, por melhores e mais aperfeiçoadas que sejam as técnicas e tecnologias utilizadas, não é convocada e congregada pelo comunicador cristão, por maiores que sejam os seus esforços e por melhores que sejam as suas qualidades, mas sim pelo próprio Deus, que toma a iniciativa desse encontro e de cuja comunicação somos meros “prolongadores” (cf. São Paulo VI, *Ecclesiam suam*).

A Igreja da América Latina do século passado ofereceu ao mundo um dos principais frutos do Concílio Ecumênico Vaticano II, as comunidades eclesiais de base (CEBs), um novo modo de ser Igreja e de experimentar a comunidade. Hoje, poderíamos dizer que estamos diante do surgimento de verdadeiras “comunidades eclesiais digitais” (ou CEDs)⁷. Estas atualizariam, com outros “meios” e em outros “ambientes”, a

7 SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

mesma busca e necessidade de experiência religiosa, de vínculo interpessoal e também de cidadania eclesial, especialmente para leigos e leigas que agora encontram na rede um espaço de autonomia (infelizmente, com suas inúmeras distorções e extremismos também).

As CEDs, assim como as CEBs históricas, apontam para uma eclesialidade “nova-ainda-não-experimentada” em meio às variações históricas das formas comunitárias da Igreja. O ambiente digital, assim, diante do ineditismo deste momento histórico para a Igreja, possibilita novas formações eclesiais e comunitárias em rede, muitas vezes, ultrapassando as configurações espaço-temporais da estrutura eclesiástica local (paróquia, diocese etc.). Isso aponta para uma busca de relações *outras* em ambientes *outros*, criando e até inventando, positivamente, experiências de vivência e comunicação da fé.

Conclusões

Para superar a mera assistência/audiência, a mera transmissão e o mero individualismo em rede, é preciso buscar formas que permitam um verdadeiro encontro, uma verdadeira escuta e um verdadeiro diálogo – como fez Jesus com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35) – com as pessoas que se conectam com as redes digitais da Igreja.

O maior desafio pastoral é superar a lógica da “substituição” pela lógica da “complexificação”, da complementariedade, da interligação. Se o digital não se opõe ao “real”, é preciso buscar promover uma *complexa ecologia comunicacional pastoral e litúrgica*, na qual “tudo esteja estreitamente interligado” (LS 16). Para isso, em primeiro lugar, é preciso ter sempre em mente “por que” e “com quem” a Igreja faz todos os seus esforços comunicacionais. O “lugar” de encontro muda de acordo com as pessoas e os tempos e hoje ganha novos sentidos e desdobramentos no ambiente digital. “Onde dois ou mais

estiverem reunidos em meu nome, Eu estou aí no meio deles” (Mt 18,20). O importante não é o “onde”, mas sim reunir-se em comunidade em nome de Jesus – seja em rede ou fora dela.

“Encarnar digitalmente” a ação evangelizadora significa reconhecer que, também em rede, “o amor de Cristo nos uniu” como irmãos e irmãs, e que “Ele está no meio de nós” mesmo quando estamos a distância e mediados por aparelhos eletrônicos.

Referências Bibliográficas

GRILLO, Andrea. “Spazio e tempo 3.0: affinità e incomprensioni fra tradizione ecclesiale e multimedialità.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n.338, jan./fev. 2020, p.19-23.

VALLI, Norberto. “Liturgia e tecnica: storia di amore e diffidenza.” In: *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n. 338, jan./fev. 2020, p.14-18.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.

_____. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

